CRIME NO CAMPO DE GOLFE

edição

LIVROS DO BRASIL

Lisboa

Tradução de

FERNANDA FINTO RODRIGUES

Título da edição original inglesa

MURDER ON THE LINKS

AO *MEU MARIDO*

CAPÍTULO I

Companheira de Viagem

Julgo haver uma anedota famosa segundo a qual um jovem escritor, decidido a iniciar a sua história de uma maneira suficientemente enérgica e original para atrair e prender a atenção do mais *blasé* dos editores, escreveu a seguinte frase: «Diabo *exclamou a duquesa.*»

Por estranho que pareça, esta minha história abre de uma maneira muito semelhante, com a diferença de que a dama que soltou a exclamação não era duquesa!

Foi em princípios de Junho. Eu estivera a tratar de uns assuntos em Paris e regressava no comboio da manhã a Londres, onde ainda residia com o meu velho amigo belga, o ex-detective Hercule Poirot.

O expresso de Calais estava singularmente vazio; no meu compartimento só viajava uma passageira, além de mim. Partira do hotel com uma certa pressa e estava todo atarefado a verificar se não me esquecera de nada quando o comboio partiu.

Até então, mal reparara na minha companheira de viagem, mas naquele momento fui violentamente recordado da sua existência. Levantando-se, brusca, baixou a janela, deitou a cabeça de fora e recolheu-a um momento depois, ao mesmo tempo que praguejava energicamente: Diabo!

Confesso que sou bota-de-elástico. Acho que uma mulher deve ser feminil e não tenho paciência nenhuma para aturar a moderna rapariga neurótica que dança de manhã à noite, fuma como uma chaminé e usa uma linguagem que faria corar uma peixeira de Billingsgate.

Levantei a cabeça, de testa levemente franzida, e deparou-se-me um rosto bonito e atrevido, coroado por um chapelinho vermelho não menos atrevido. Um denso cacho de caracóis pretos cobria cada uma das orelhas. Calculei que teria pouco

mais de dezassete anos.

Retribuiu o meu olhar, sem o mínimo embaraço, e fez uma
careta expressiva.

Valha-me Deus, escandalizei o amável cavalheiro!
observou dirigindo-se a uma audiência imaginária. Peço desculpa
da minha linguagem. É muito pouco feminina e tudo o
mais, sim senhor, mas, meu Deus, tenho motivos mais do que
suficientes para a utilizar! Sabe que perdi a minha única irmã?

Deveras? murmurei delicadamente. Que pouca sorte!

Ele desaprova! exclamou a jovem. Desaprova-me
totalmente, e à minha irmã também o que é injusto no caso
dela, pois não a viu!

Abri a boca, mas ela antecipou-se-me:
Não diga mais nada! Ninguém gosta de mim! Irei para o
jardim e comerei vermes! Estou esmagada!
Refugiou-se atrás de uma enorme revista francesa de banda
desenhada. Passados um ou dois minutos vi os seus olhos espreitarem-
me
sorrateiramente, por cima da revista. Não pude deixar
de sorrir, mau grado meu, e logo a seguir ela atirou com a
revista para o lado e desatou a rir alegremente.
Adivinhei logo que não era tão trombudo como parecia!
afirmou.
O seu sorriso era tão contagioso que dei comigo a fazer-lhe
coro, embora não me agradasse nada a palavra «trombudo».
A rapariga era, sem dúvida, tudo aquilo que mais me desa-
8
gradava, mas isso não justificava que me tornasse ridículo com
a minha atitude. Decidi ser menos severo. No fim de contas,
ela era decididamente bonita.
Pronto, já somos amigos! declarou a atrevida. Diga
que lamenta por causa da minha irmã...
Sinto-me desolado.
Assim é que é um menino bonito!
Deixe-me acabar. Ia acrescentar que, embora me sinta
desolado, resigno-me muito bem à sua ausência afirmei, com
uma veniazinha.
Mas aquela donzela de reacções imprevisíveis franziu a
testa e abanou a cabeça.
Deixe-se disso! Prefiro o ar de «digna desaprovação».
Oh, a sua cara! «Não é das nossas», dizia. E com toda a *razão...*
embora sempre lhe diga que hoje em dia é muito difícil distinguir.
Não é toda a gente que sabe diferençar entre uma

mundana e uma duquesa... Pronto, estou a ver que já o escandalizei
outra vez! Parece um inocente acabado de chegar da
província. Não que isso me desagrade, note. Mais alguns da sua
espécie até nos fariam jeito. Detesto um indivíduo, que arma
em atrevido, fico furiosa!
Abanou a cabeça, veementemente.
Como é você quando está furiosa? perguntei, a sorrir.
Um autêntico diabinho! Não tenho tento na língua nem .
nos actos! Uma vez quase mandei um tipo desta para melhor.
Sério! Ele não estava a merecer outra coisa, aliás. Tenho sangue
italiano... Ainda um destes dias me meto em sarilhos.
Bem, não fique furiosa comigo supliquei comicamente.
Esteja descansado, não ficarei. Simpatizo consigo, simpatizei
mal lhe pus os olhos em cima. Mas você mostrou-me
uma cara tão desaprovadora que nem me passou pela cabeça
que travaríamos amizade.
Mas travámos. Fale-me de si.
Sou actriz. Não... não sou do tipo em que está a pensar,
das que almoçam no Savoy cobertas de jóias e aparecem em

todos os jornais a dizer que adoram o creme de beleza de
Madame Beltrana. Piso o palco desde os seis anos... às camba-
lhotas.
Perdão? murmurei, intrigado.
Nunca viu crianças acrobatas?
Ah, compreendo!
Sou americana de nascimento, mas passei a maior parte
da minha vida em Inglaterra. Agora temos um espectáculo...
Temos?
A minha irmã e eu. Uma mistura de canto e dança, um
bocado de conversa e uns pozinhos dos números de acrobacia

antigos. Entusiasma-os sempre. Há-de render dinheiro...
A minha nova conhecida inclinou-se para a frente e tagarelou
voluvelmente, em termos que, na sua maioria, me eram
por completo desconhecidos. No entanto, dei comigo a sentir
um interesse crescente por ela. Parecia uma mistura tão curiosa
de criança e mulher! Embora perfeitamente conhecedora do
mundo e muito capaz, como dizia, de tomar conta de si mesma,
havia um não-sei-quê de curiosamente ingénuo na sua atitude
simplista para com a vida e na sua firme determinação de se
«safar». Aquele vislumbre de um mundo que me era desconhecido
não deixava de ter os seus encantos, aos quais se juntava
o prazer que me causava ver o seu pequeno rosto iluminar-se
enquanto falava.
Passámos Amiens. O nome despertou-me recordações e a
minha companheira pareceu possuir um conhecimento intuitivo
do que me ia no espírito, pois perguntou:
Está a pensar na guerra?
Acenei afirmativamente.
Foi combatente, suponho?
Fiquei ferido duas vezes e acabaram por me considerar
incapaz. Durante uns tempos deram-me um emprego meio
militar. Agora sou uma espécie de secretário particular de um
membro do Parlamento.
Jesus, deve ser preciso ser muito inteligente!
10
Não é nada. Por sinal, até há muito pouco que fazer.
Em geral despacho-me em duas horas por dia. E ainda por cima
é trabalho enfadonho. Confesso que não sei o que faria se não
tivesse outros interesses.
Não me diga que colecciona insectos!
Não. Compartilho a casa de um homem muito interessante,

um ex-detective belga. Estabeleceu-se como detective
particular em Londres e está a sair-se extraordinariamente bem.
É na verdade um homenzinho maravilhoso. Já provou diversas
vezes estar com a razão, em casos onde a Polícia oficial falhou.
A minha companheira escutava-me de olhos arregalados.
Que interessante, hem?! Adoro crimes! Vejo todas as
fitas de detectives e quando há um assassínio devoro os jornais!
Lembra-se do Caso Styles? (1)
Deixe-me ver... A velhota que foi envenenada, algures
no Essex, não foi?
Acenei afirmativamente.
Foi o primeiro grande caso de Poirot. Pode ter a certeza
de que, se não fosse ele, o criminoso teria escapado sem castigo.
Foi um trabalho detectivesco excepcional.
Entusiasmado com o assunto, contei o caso do princípio,
preparando o caminho para o desenlace triunfante e inesperado.
A rapariga escutava-me fascinada. Efectivamente, íamos tão
absortos que o comboio entrou na estação de Calais quase sem
darmos por isso.
Valha-me Deus! exclamou a minha companheira.
Onde meti a borla do pó?
Tratou de empoar liberalmente o rosto e depois passou um
baton pelos lábios, enquanto observava o efeito num espelhinho
de bolso. Sorriu, aprovadora, e guardou o espelho e a
caixinha do pó na mala.
Assim está melhor. É um bocado fatigante manter as apa-
(1) A Primeira Investigação de Poirot, 1.º volume desta colecção.

rências, mas se uma pequena se respeita tem para consigo
mesma o dever de não se desleixar.
Arranjei dois carregadores e descemos para o cais. A minha

companheira estendeu a mão.
Adeus. Prometo que de futuro terei mais cuidado com a
língua.
Oh, certamente vai permitir-me que a ajude, no barco!
Talvez não siga no barco. Tenho de descobrir se a minha
irmã sempre se meteu no comboio, em qualquer outro lado.
Mas agradeço-lhe do mesmo modo.
Voltaremos a encontrar-nos, não é verdade? Eu...
hesitei ... quero conhecer a sua irmã.
Rimo-nos ambos.
É muito simpático e eu transmitirei as suas palavras à
minha irmã. Mas não creio que nos voltemos a encontrar.
Foi muito amável comigo durante a viagem, sobretudo tendo
em conta a maneira como fui atrevida consigo. No entanto,
o que o seu rosto exprimiu em primeiro lugar é absolutamente
verdade: não sou da sua espécie. E isso causa sarilhos. Eu sei-o
muito bem.
O rosto da jovem modificou-se e, por momentos, desvaneceu-se
dele toda a despreocupada alegria. Parecia zangado, vingativo.
Portanto, adeus despediu-se, em tom mais ligeiro.
Nem sequer me diz como se chama? perguntei, quando
se virou e afastou.
Olhou por cima do ombro, com uma covinha em cada face.
Parecia uma encantadora pintura de Greuze.
Cinderela! respondeu, a rir.
Mal eu imaginava quando e em que circunstâncias voltaria
a ver Cinderela,

CAPÍTULO II

Um pedido de Socorro

Eram nove horas e cinco minutos quando, na manhã seguinte,

entrei na nossa sala comum para tomar o pequeno-almoço.
O meu amigo Poirot, como sempre a pontualidade
em pessoa, partia a casca do seu segundo ovo.
Sorriu, ao ver-me entrar.
Dormiu bem, não é verdade? Já se refez da terrível tra-
vessia? É maravilhoso, esta manhã foi quase pontual! *Pardon,*
a sua gravata está assimétrica. Permita que a endireite.
Já disse, algures, que Hercule Poirot era um homenzinho
extraordinário. Altura, 1,60m; cabeça, ovóide e um pouco
inclinada para o lado; olhos que despediam um brilho verde,
quando estava agitado; bigode marcial, espetado, e um ar de
imensa dignidade! Impecável e janota, de aspecto. Tinha uma
paixão absoluta pelo arranjo e pelo asseio. Ver um ornamento
mal colocado, ou um grão de pó, ou um leve desarranjo no
vestuário de alguém, era uma autêntica tortura para o homenzinho,
enquanto não remediava o mal e ficava,-então, tranquilo.”
«Ordem» e «Método» eram os seus deuses. Sentia um certo
desdém pelas pistas tangíveis, como pegadas e cinza de cigarro, ’
e afirmava que, por si mesmas, jamais permitiriam a um
detective resolver qualquer problema. Depois de tal afirmação
dava umas palmadinhas na cabeça ovóide, com absurda complacência,
e observava, todo satisfeito: «O verdadeiro trabalho
é feito *aqui dentro. As celulazinhas cinzentas...* lembre-se
sempre das celulazinhas cinzentas, mon ami.’»
Sentei-me no meu lugar e observei ociosamente, em resposta
às palavras de Poirot, que uma hora de travessia marítima de
Calais a Dover dificilmente mereceria o epíteto de «terrível».

Poirot agitou a colher do ovo, a refutar vigorosamente a
minha observação:
Du *tout!* Se, durante uma hora, uma pessoa experimenta

sensações e emoções das mais terríveis, essa pessoa viveu muitas horas! Não diz um dos vossos poetas ingleses que o tempo se conta, não por horas, mas sim por pulsações do coração?

Suponho que Browning se queria referir a algo mais romântico do que o enjoo.

Porque era um inglês, um insular para quem L*a Manche* não significava nada. Ah, os Ingleses! com nous *autres é* diferente.

De súbito, empertigou-se e apontou dramaticamente um dedo ao prato das torradas.

Ah, *par exemple, c'est trop fort!*

É demasiado forte o quê?

Esta torrada. Não vê? Tirou, lesto, a transgressora do prato e estendeu-ma para que a examinasse. É quadrada? Não. É triangular? Também não. É sequer redonda? Tão-pouco. Tem uma forma remotamente agradável ao olhar? Que simetria temos aqui? Nenhuma!

Foi cortada de um pão caseiro, Poirot expliquei em tom brando, tentando acalmá-lo.

Mas Poirot lançou-me um olhar gelado.

Que inteligência a do meu amigo Hastings! exclamou, sarcástico. Não compreende que proibi semelhante pão, um pão feito à toa, informe, que nenhum padeiro deveria permitir-se fazer!

Tentei desviar-lhe o pensamento do assunto:

O correio trouxe alguma coisa interessante?

Poirot abanou a cabeça, descontente.

Ainda não li as cartas, mas hoje em dia não chega nada interessante. Os grandes criminosos, os criminosos que trabalham com método, não existem. Os casos que ultimamente

me confiaram eram de uma *banalidade* extrema. Na verdade, estou reduzido a procurar cãezinhos de regaço de damas da moda! O último problema que apresentou algum interesse foi aquela historiazinha do diamante Yardly, mas isso foi... há quantos meses, meu amigo?

Abanou de novo a cabeça, desalentado.

Anime-se, Poirot, a sorte há-de mudar! Abra as suas cartas, ande. Sabe-se lá, talvez esteja uma grande investigação a espreitar no horizonte!

Poirot sorriu e, pegando no bonito corta-papel com o qual abria a correspondência, cortou a parte de cima dos diversos sobrescritos que tinha junto do prato.

Uma conta. Outra conta. Parece que estou a tornar-me extravagante, na velhice. Ah, um bilhete do Japp!

Sim? Arrebitei as orelhas; o inspector da Scotland *Yard* já nos apresentara mais de uma vez um caso interessante.

Limita-se a agradecer-me, à sua maneira, um pormenorzinho do caso Aberystwyth, para o qual lhe chamei a atenção e que o lançou no bom caminho. Estou encantado por ter podido ser-lhe útil.

Como é que ele lhe agradece? perguntei, curioso, pois conhecia Japp.

Tem a amabilidade de dizer que sou um excelente camaradão, apesar da minha idade, e que foi um prazer para ele ter tido a oportunidade de me deixar colaborar na investigação.

Aquilo era tão típico de Japp que não contive -uma gargalhada.

Poirot continuou a ler placidamente a sua correspondência.

Uma sugestão para que faça uma palestra aos nossos escuteiros locais. A condessa de Forfanock ficará grata se puder ir visitá-la. Outro cãozinho de regaço, sem dúvida.

E agora vamos à última. Ah!...

Levantei a cabeça, pois não me escapara a mudança de tom.

Poirot lia atentamente. Pouco depois passou-me a carta.

Isto é fora do vulgar, mon *ami.* Leia e veja.

15

A carta estava escrita num tipo de papel estrangeiro e
numa caligrafia ousada e firme:

Vila Geneviève

Merlinville-sur-Mer

France.

Caro *senhor:*

Estou precisado dos serviços de um detective e, por razões que lhe exporei mais tarde, não desejo recorrer à Polícia local. Diversas pessoas me têm falado de si e todas as opiniões demonstram que além de ser um homem de franca competência também sabe ser discreto. Não desejo entrar em pormenores numa carta, mas, por causa de um segredo que possuo, temo diariamente pela minha vida. Estou convencido de que o perigo está iminente e, por isso, rogo-lhe que não perca tempo e venha a França. Mandarei um carro esperá-lo a Calais, se me telegrafar a dizer quando chega. Ficar-lhe-ei grato se abandonar todos os casos que tiver em mãos para se dedicar exclusivamente aos meus interesses. Estou disposto a pagar qualquer compensação necessária. Provavelmente precisarei dos seus serviços durante um espaço de tempo considerável, pois talvez o senhor tenha de ir a Santiago, onde passei vários anos da minha vida. Deixo ao seu critério a indicação dos honorários que considerar convenientes.

Garantindo-lhe mais uma vez que o assunto é urgente,

sou,

P. T. *RENAULD*

Debaixo da assinatura havia mais uma linha garatujada à
pressa e quase ilegível: *Venha, pelo amor de Deus!*
Devolvi a carta a Poirot, com o coração a bater mais depressa.
Finalmente! exclamei. Aí tem uma coisa que é com
certeza fora do vulgar.
16
Sem dúvida concordou o detective, pensativo.
Claro que vai...
Poirot acenou afirmativamente, absorto numa meditação
profunda. Por fim pareceu decidir-se e olhou para o relógio.
O seu rosto tornara-se muito grave.
Não há tempo a perder, meu amigo. O expresso Continental
parte da estação de Vitória às onze horas. Não se enerve,
há muito tempo. Podemos dispor de dez minutos para discutir
o assunto. Acompanha-me, *n'est-ce pás?*
Bem...
Você mesmo me disse que o seu patrão não precisaria
de si nas próximas semanas.
A esse respeito não há novidade. Mas Mr. Renauld dá
claramente a entender que o assunto é privado.
Ora, ora! Eu cá me encarregarei de Mr. Renauld. A propósito,
o nome não me é estranho...
Há um famoso milionário sul-americamo com esse nome.
Apesar do apelido de Renauld creio que é inglês. Não sei se se
trata da mesma pessoa...
Sem dúvida que trata. Isso explica a alusão a Santiago,
que fica no Chile, e o Chile fica na América do Sul! Estamos a
progredir maravilhosamente!
Meu Deus, Poirot, cheira-me a umas boas massas...
observei, com entusiasmo crescente. Se formos bem sucedidos
faremos a nossa fortuna!

Não deite foguetes antes da festa, meu amigo. Um homem
rico só com dificuldade se separa do seu dinheiro. Pessoalmente,
já vi um famoso milionário incomodar todos os passageiros de
um eléctrico para procurar uma pequena moeda que deixara
cair.

Admiti que tinha razão.

De qualquer modo prosseguiu Poirot , não é o dinheiro
que me atrai, neste caso. Evidentemente que é agradável
ter *carte blanche* nas nossas investigações, pois assim temos a
certeza de não desperdiçar tempo. Contudo, neste problema

há algo um tanto ou quanto estranho, que desperta o meu
interesse. Reparou no post *script?* Que lhe pareceu?

Pensei um momento, antes de responder:

É evidente que ele se dominou enquanto escreveu a
carta, mas no fim o auto domínio abandonou-o e, obedecendo a
um impulso momentâneo, Mr. Renauld rabiscou essa frase desesperada.

Mas o meu amigo abanou vigorosamente a cabeça.

Está enganado. Não reparou que enquanto a tinta da
assinatura é quase preta a do post script é muito clara?

E então? perguntei, intrigado.

Mon Dieu, mon ami, sirva-se das celulazinhas cinzentas!
Não salta aos olhos? Mr. Renauld escreveu a carta e, sem a
enxugar com o mata-borrão, releu-a cuidadosamente. Depois,
não em obediência a um impulso, mas sim deliberadamente,
acrescentou as últimas palavras e enxugou a folha toda com o
mata-borrão.

Mas porquê?

P*arbleu!* Para que produzisse em mim o efeito que produziu
em si.

O quê?

Mais *oui...* Para ter a certeza de que eu iria! Releu a carta e não ficou satisfeito, não a achou suficientemente forte.

Fez uma pausa e depois acrescentou em tom suave, tendo no olhar aquela cintilação verde que era sempre sinal de agitação interior:

Por isso, mon *ami,* porque o post script foi acrescentado conscientemente, a sangue-frio, e não impulsivamente, estou certo de que a urgência é muito grande. Devemos, pois, ir ter com ele o mais depressa possível.

Merlinville... murmurei, pensativo. Creio que já ouvi falar...

É um lugarzinho sossegado, mas elegante. Fica a meio caminho entre Bolonha e Calais e está na moda. Ingleses ricos

que desejam sossego .. Suponho que M. Renauld tem uma casa em Inglaterra?

Sim, em Rutland Gate, se a memória não me atraiçoa.

E também tem uma grande propriedade no campo, algures no Hertfordshire. Na realidade, pouco sei a seu respeito; não faz grande vida social. Suponho que tem grandes interesses sul-americanos na City e que passou a maior parte da vida no Chile e na Argentina.

Bem, tomaremos conhecimento de todos os pormenores pela sua própria boca. Vamos fazer as malas. Uma pequena maleta para cada um e depois, toca, metemo-nos num táxi para Vitória.

E a condessa? indaguei, a sorrir.

Ora, *je m'en fiche!* Não deve ser nada de interesse.

Porque está tão certo disso?

Porque se fosse coisa grave ela viria, em vez de escrever.

As mulheres não sabem esperar, Hastings. Lembre-se sempre
disso.
Às onze horas partimos de Vitória a caminho de Dover.
Antes de partir, Poirot telegrafara a Mr. Renauld, a informá-lo
das horas a que chegaríamos a Calais.
 Admira-me que não tenha investido nalguns frascos de
remédio para o enjoo, Poirot observei maliciosamente, ao
recordar a nossa conversa do pequeno-almoço.
O meu amigo, que observava ansiosamente o tempo, voltou
para mim o rosto carregado de censura.
 Esqueceu o mui excelente método de Laverguier? Pratico
sempre o seu sistema. Segundo ele, devemos oscilar, virando
a cabeça da esquerda para a direita, respirando compassadamente
 e contando até seis entre cada respiração.
 Ah! murmurei, irónico. Calculo que estará muito
cansado de oscilar e de contar até seis quando chegarmos a
Santiago, ou a Buenos Aires, ou aonde quer que seja que
acabemos por ir parar.
19
 Quells idée! Não se lhe meteu na cabeça que vou a
Santiago, pois não?
 Mr. Renauld insinua-o na sua carta.
 Ele desconhece os métodos de Hercule Poirot. Eu não sou
dos que corro para trás e para diante, a fazer viagens e a excitar-me
 todo. O meu trabalho é feito no interior, *aqui* bateu
significativamente na testa.
Como de costume, a observação excitou a minha faculdade
argumenta tiva:
 Tudo isso está muito bem, Poirot, mas parece-me que
começa a adquirir o hábito de desprezar excessivamente certas
coisas. Uma impressão digital já tem levado à prisão e à conde- <

nação de um assassino, e não tão poucas vezes como isso.
 E também já levou, sem dúvida, ao enforcamento de
mais de um inocente redarguiu-me, secamente.
 Mas certamente que o estudo de impressões digitais, pegadas
 e diferentes tipos de lama, assim como outras pistas que
compreendem a observação minuciosa de pormenores, certamente
 que isso é de importância vital, não acha?
 Oh, certamente! Nunca disse o contrário. Claro que o
observador experiente, o perito, é, sem dúvida, útil. Mas os
outros, os Hercules Poirot, estão acima dos peritos! É a eles que
os peritos levam os factos. A eles compete estudar o método
do crime, a sua dedução lógica, a sequência e a ordem apropriadas
 dos factos... e, acima de tudo, a verdadeira psicologia
do caso. Já caçou raposas, não é verdade?
 Sim, cacei um bocado, umas vezes por outras admiti,
intrigado com a brusca mudança de assunto. Porquê?
 Eh bien, para caçar raposas precisa de cães, não precisa?
 Cães de caça corrigi, suavemente. Sim, claro.
 No entanto prosseguiu Poirot, de dedo em riste ,
não desce do seu cavalo e não corre pelo chão a farejar e a
soltar sonoros ão-ãos, pois não?
Não pude deixar de me rir descontroladamente. Poirot acenou
 com a cabeça, satisfeito.

 Portanto, deixa o trabalho dos cães... dos cães de caça
aos cães de caça. Contudo, exige que eu, Hercule Poirot, me
torne ridículo deitando-me (possivelmente em cima de erva
molhada) e estudando hipotéticas pegadas! Lembre-se do mistério
 do expresso de Plymouth. O bom do Japp partiu, para
observar a via férrea, e quando voltou eu, que não saíra de
casa, fui capaz de lhe dizer exactamente o que descobrira.

Isso quer dizer que, na sua opinião, Japp desperdiçou o
seu tempo.
De modo nenhum, uma vez que as suas provas confirmaram
a minha teoria. Mas *eu,* teria desperdiçado o *meu*
tempo, se tivesse ido. Acontece o mesmo com os chamados
peritos. Lembre-se do que aconteceu com o perito caligráfico,
no processo do Cavendish. Do interrogatório do advogado de
acusação resultou um depoimento segundo o qual havia semelhanças;
do interrogatório do advogado de defesa resultou um
depoimento segundo o qual havia dissemelhamças. Tudo numa
linguagem muito técnica. E quais foram os resultados? O que
todos já sabíamos de antemão: a caligrafia era muito parecida
com a de John Cavendish. À mente psicológica suscita-se a
pergunta: «Porquê?» Porque era realmente a caligrafia dele?
Ou porque alguém desejou que pensássemos que era a dele?.
Respondi a essa pergunta, mon *ami,* e respondi-lhe correctamente.
E, tendo me silenciado, se não convencido, Poirot recostou-se
no lugar, com ar satisfeito.
No barco tive o bom-senso de não perturbar a solidão do
meu amigo. O tempo estava delicioso e o mar liso como o proverbial
espelho. Por isso não me surpreendeu o facto de ouvir
dizer que o método de Laverguier dera mais uma vez boas
provas, quando Poirot se me reuniu, todo sorridente, ao desembarcarmos
em Calais. Esperava-nos uma decepção, pois não
tinham mandado nenhum automóvel buscar-nos. Mas Poirot
atribuiu isso à possibilidade de o seu telegrama se ter atrasado
em trânsito.

Já que temos *carte blanche,* alugamos um automóvel
decidiu, alegremente.
Poucos minutos depois lá íamos aos solavancos, na maior

chocolateira de aluguer jamais vista, direitos a Merlinville.
Sentia-me com excelente disposição.
Que delicioso ar! Promete ser uma viagem maravilhosa.
Para si, talvez. Quanto a mim, lembre-se de que me
espera trabalho, no fim da viagem.
Ora! exclamei, depreciativamente. Descobrirá tudo
num instante, assegurará a segurança do tal Mr. Renauld, desmascarará
os assassinos potenciais e chegaremos ao fim em
glória.
É um sanguíneo, meu amigo.
Estou absolutamente certo do êxito. Não é você o único
Hercule Poirot?
Mas o meu amiguinho não mordeu a isca. Observou-me gravemente
e disse:
Os Escoceses chamam *ley* a uma pessoa com a sua disposição,
Hastings: pressagia tragédia.
Disparate! Pelo menos você não compartilha os meus
sentimentos.
Pois não, mas tenho medo.
Tem medo de quê?
Não sei... Tenho um pressentimento, um *je ne sais quoi...*
Falava em tom tão grave que me senti impressionado,
apesar da minha boa disposição.
Tenho a impressão de que este caso vai ser importante...
um problema longo e inquietante, que não será fácil deslindar
acrescentou, devagar.
Tive vontade de o interrogar, mas acabávamos de entrar na
cidadezinha de Merlinville e o motorista abrandou, a fim de se
informar do caminho para a *Villa Geneviève.*
É sempre a direito através da cidade. A *Villa Geneviève*
fica cerca de quinhentos metros do outro lado. Não se pode

enganar. É uma grande moradia sobranceira ao mar.

22

Agradecemos ao informador e seguimos o nosso caminho, deixando a cidade para trás. Uma encruzilhada obrigou-nos a segunda paragem. Vinha um camponês em sentido contrário e esperámos que se aproximasse, para perguntarmos de novo o caminho. Do lado direito havia uma moradiazinha, mas era tão pequena e estava em tão mau estado que não podia ser a que pretendíamos. Enquanto esperávamos, a cancela abriu-se e saiu uma rapariga.

O camponês alcançou-nos e o motorista debruçou-se e pediu-lhe a informação desejada.

A *Villa Geneviève?* Fica apenas uns passos mais acima, nesta estrada, *monsieur.* Se não fosse a curva, já a via daqui.

O motorista agradeceu-lhe e arrancou. Os meus olhos estavam francamente fascinados pela rapariga, que parara com a mão na cancela, a observar-nos. Sou um admirador da beleza e a jovem possuía-a em tão elevado grau que ninguém poderia passar por ela sem o notar. Muito alta, com as proporções de uma jovem deusa e a descoberta cabeça dourada a brilhar ao sol... Jurei a mim mesmo que era uma das mais belas raparigas que jamais vira. Enquanto subíamos pela estrada irregular, virei a cabeça, para um último olhar.

Meu Deus, Poirot, viu aquela jovem deusa?

Ç*a commence!* exclamou o detective, arqueando as sobrancelhas. Já viu uma deusa e ainda mal começámos!

Mas, com a breca, não era?

Talvez. Não reparei.

Não pode ter deixado de reparar nela!

Mon ami, duas pessoas raramente vêem a mesma coisa. Você, por exemplo, viu uma deusa, eu... calou-se, hesitante.

Você?

Eu vi apenas uma rapariga com olhos ansiosos respondeu-me, gravemente.

Mas nesse momento parámos defronte de um grande portão verde e soltámos uma exclamação, em uníssono: junto do

25

portão encontrava-se um imponente *sergent de ville* que levantou a mão para nos barrar o caminho.

Não podem passar, messieurs.

Mas desejamos falar com Mr. Renauld! protestei.

Temos uma entrevista... É a moradia dele, não é?

É, sim, monsieur, mas...

Poirot inclinou-se para a frente e perguntou por seu turno:

Mas o quê?

M. Renauld foi assassinado esta manhã.

CAPÍTULO III

Na Villa Geneviève

Num ápice, Poirot saltou do carro, de olhos cintilantes de excitação. Agarrou no ombro do homem e perguntou:

Que disse? Assassinado? Quando? Como?

O *sergent de ville* empertigouHse.

Não posso responder a perguntas nenhumas, *monsieur.*

Tem razão, compreendo. Poirot pensou uns momentos e por fim inquiriu: O comissário da Polícia está lá dentro, sem dúvida?

Está, sim, *monsieur.*

O detective tirou um cartão, no qual garatujou algumas palavras.

Voilà! Quer ter a bondade de mandar este cartão ao comissário, imediatamente?

O homem pegou no cartão, virou a cabeça e assobiou. Em.

poucos segundos acorreu um camarada seu, a quem ele entregou
o recado de Poirot. Seguiu-se uma espera de alguns minutos e
depois aproximou-se, todo apressado, um homem baixo e forte,
de enorme bigode. O sergent *de ville* fez a continência e desviou-se
para o lado.
24
Meu caro Mr. Poirot! exclamou o recém-chegado.
Encanta-me vê-lo, creia. A sua chegada é muito oportuna.
O rosto de Poirot iluminara-se.
M. Bex! Que grande prazer! Virou-se para mim e procedeu
às apresentações: Um amigo meu inglês, capitão
Hastings, e M. Lucien Bex.
O comissário e eu inclinámos a cabeça um ao outro, cerimoniosamente,
e M. Bex voltou-se de novo para Poirot:
Mon vieux, não o vejo desde aquela vez, em Ostenda.
Constou-me que saiu da Força, é verdade?
É. Trabalho particularmente, em Londres.
E diz que tem informações que nos podem ajudar?
Provavelmente já está ao corrente... Sabia que me tinham
mandado chamar?
Não. Quem?
A vítima. Parecia saber que iam atentar contra a sua vida.
Infelizmente chamou-me demasiado tarde.
Sacré tonnerre! praguejou o francês. com que então,
ele previu o seu próprio assassínio? Isso transtorna muito as
nossas teorias. Mas entrem.
Segurou o portão, entrámos e seguimos na direcção da moradia.
M. Bex continuou a falar:
O juiz de instrução, M. Hautet, tem de ser imediatamente
informado. Acabou de examinar o cenário do crime e vai
iniciar os interrogatórios. É um homem encantador, gostará

dele. Muito compreensivo. Original nos seus métodos, mas
excelente juiz.
Quando foi cometido o crime? perguntou Poirot.
O corpo foi descoberto esta manhã, cerca das nove horas.
Os testemunhos de Madame Renauld e dos médicos indicam
que a morte deve ter ocorrido cerca das duas da manhã. Mas
entrem, por favor.
Chegáramos aos degraus de acesso à porta principal da
moradia. Estava sentado no vestíbulo outro *sergent de ville,*
que se levantou ao ver o comissário.
25
Onde está M. Hautet? perguntou-lhe o nosso acompanhante.
Na sala, *monsieur.*
M. Bex abriu uma porta do lado esquerdo do vestíbulo e
entrámos. M. Hautet e o seu escrivão, sentados a uma grande
mesa redonda, levantaram a cabeça quando entrámos e o
comissário apresentou-nos e explicou a razão da nossa presença
M. Hautet, o juiz de instrução, era um homem alto e magro,
de penetrantes olhos escuros e barba grisalha muito bem aparada,
que costumava acariciar enquanto falava De pé junto
da chaminé encontrava-se um indivíduo idoso, ligeiramente
curvado, que nos apresentaram como Dr. Durand.
Extraordinário! exclamou M. Hautet, quando o comissário
acabou de falar. Trouxe a carta, *monsieur?*
Poirot entregou-lha e o magistrado leu-a.
Hum... fala de um segredo. Que pena não ter sido mais
explícito! Estamos-lhe muito gratos, M. Poirot. Espero que nos
dê a honra de nos auxiliar nas nossas investigações. Ou tem de
regressar a Londres?
Tenciono ficar, Sr. Juiz. Não cheguei a tempo de impedir
a morte do meu cliente, mas sinto-me obrigado a descobrir o

seu assassino.

O magistrado inclinou a cabeça e afirmou:

Esses sentimentos honram-no. Além disso, Madame Renauld desejará, sem dúvida, assegurar-se dos seus serviços. Estamos à espera, de um momento para o outro, de M. Giraud, da Súreté de Paris, e estou certo de que se poderão ajudar mutuamente nas investigações. Entretanto, espero que me dê a honra de assistir aos interrogatórios a que vou proceder. Escusado será dizer que, se precisar de alguma coisa, estou ao seu dispor.

Obrigado, *monsieur.* Como deve compreender, por enquanto estou completamente às escuras, não sei absolutamente nada.

M. Hautet fez um sinal ao comissário, que contou a história:

Esta manhã, quando desceu para iniciar o seu trabalho, Françoise, a velha criada da casa, encontrou a porta principal aberta. Sentiu-se momentaneamente assustada, receando que tivessem sido ladrões, mas como as pratas continuavam no seu lugar, na sala de jantar, não pensou mais no assunto e disse para consigo que o patrão se devia ter levantado cedo e ido dar um passeio.

Desculpe interromper, *monsieur,* mas era hábito dele fazer isso?

Não, não era. Mas a velha Françoise pensa, como muita gente, que os Ingleses são doidos e capazes de fazer as coisas mais inesperadas, em qualquer altura. Quando uma criada mais nova, Léonide, foi chamar a patroa, como de costume, ficou horrorizada ao encontrá-la amordaçada e amarrada. Quase ao mesmo tempo chegou a notícia de que fora encontrado o corpo de M. Renauld, apunhalado nas costas.

Onde?
Esse pormenor é uma das características mais extraordinárias
do caso. M. Poirot, o corpo estava caído de bruços numa
sepultura aberta. ”
O quê?!
Exactamente. A cova tinha sido aberta de fresco, poucos
metros fora dos terrenos da vila.
E há quanto tempo estava ele morto?
Foi o Dr. Durand quem respondeu:
Examinei o corpo esta manhã, às dez horas. A morte
devia ter ocorrido pelo menos sete, e possivelmente dez, horas
antes.
Isso situa a hora da morte entre a meia-noite e as três
da manhã.
Exacto. O depoimento de Madame Renauld situa-a depois
das duas da manhã, o que reduz ainda mais a margem. A morte
deve ter sido instantânea e, naturalmente, não pôde ser auto-infligida,
27
Poirot acenou com a cabeça e o comissário retomou a
palavra:
As aterrorizadas criadas libertaram imediatamente Ma-
dame Renauld das cordas que a imobilizavam. Estava num
estado de grande exaustão e quase inconsciente, devido à dor
que as cordas lhe causavam. Parece que entraram no quarto
dois mascarados que a amordaçaram e amarraram, enquanto
lhe levavam o marido à força. Soubemos tudo isto indirectamente,
pelas criadas, pois ao ouvir a trágica notícia a senhora
caiu imediatamente num alarmante estado de agitação. Quando
o Dr. Durand chegou administrou-lhe um sedativo e ainda não
nos foi possível interrogá-la. Cremos, no entanto, que acordará
mais calma e poderá suportar a tensão do interrogatório.

O comissário calou-se e Poirot perguntou-lhe:

E os habitantes da casa, *monsieur?*

Há a velha Françoise, a governanta, que serviu durante muitos anos os antigos proprietários da *Villa Geneviève,* e duas raparigas novas e irmãs, Denise e Léonie Oulard. São de Merlinville e filhas de pais muito responsáveis. Há também o motorista, que M. Renauld trouxe de Inglaterra, mas que está de folga, e, finalmente, Madame Renauld e o filho, M. Jack Renauld, o qual também se encontra ausente de casa, presentemente.

Poirot agradeceu, com uma inclinação de cabeça.

Marchand! chamou M. Hautet, e acrescentou, quando o *sergent de ville* acorreu: Traga a Françoise.

O homem fez a continência e saiu, para voltar momentos depois com a assustada governanta.

Chama-se Françoise Arrichet?

Sim, monsieur.

Serve há muito tempo na *Villa Geneviève?*

Estive onze anos com *Madame la Vicomtesse.* Depois, quando ela vendeu a moradia na Primavera passada, acedi a ficar com o milorde inglês. Nunca me passou pela cabeça...

O magistrado não a deixou continuar:

28

Sem dúvida, sem dúvida. Olhe, Framçoise, quanto à questão da porta principal, a quem incumbia fechá-la, à noite?

A mim, *monsieur.* Encarreguei-me sempre disso.

E a noite passada?

Fechei-a como de costume.

Tem a certeza?

Juro pelos benditos santos, *monsieur.* .

Que horas eram quando a fechou?

As do costume, *monsieur,* dez e meia.

E as restantes pessoas da casa, tinham-se deitado?

Madame recolhera-se pouco antes. A Denise e a Léonie subiram comigo. *Monsieur* ainda estava no escritório.

Então, se alguém voltou a abrir a porta, deve ter sido o próprio M. Renauld?

Françoise encolheu os ombros largos.

Porque faria ele semelhante coisa? com ladrões e assassinos por aí, a toda a hora! *Monsieur* não era idiota. Ainda se tivesse de abrir a porta para *cette dame* sair...

O magistrado interrompeu-a vivamente:

Cette dame? A que senhora se refere?

Bem, a senhora que vinha visitá-lo.

Veio uma senhora visitá-lo ontem à noite?

com certeza que veio, *monsieur...* ontenr à noite e em muitas outras noites.

Quem era ela? Você conhecia-a?

Alastrou no rosto da mulher uma expressão manhosa.

Como havia de a conhecer? resmungou. Não fui eu que lhe abri a porta, ontem à noite.

Atreve-se a brincar com a Polícia? gritou o magistrado, ao mesmo tempo que dava uma forte palmada na mesa. Exijo que me diga imediatamente o nome dessa mulher que vinha visitar M. Renauld à noite.

A Polícia, a Polícia...resmungou Françoise. Nunca imaginei que me veria envolvida com a Polícia. Mas sei muito bem quem ela era: Madame Daubreuil.

O comissário soltou uma exclamação e inclinou-se para a frente, estupefacto.

Madame Daubreuil... da *Villa Marguerite,* logo a seguir, na estrada?

Foi o que eu disse, monsieur. Oh, é uma bela prenda, *celle-là!* exclamou a velha, e abanou desdenhosamente a cabeça.

Madame Daubreuil... murmurou o comissário. Impossível!

Voilà! resmungou Françoise. Aí está o que se ganha em dizer a verdade.

Longe disso interveio o juiz de instrução, apaziguador. Estamos apenas surpreendidos, mais nada. Então Madame Daubreuil e Monsieur Renauld eram...deixou a frase por acabar, delicadamente. Tem a certeza de que era isso?

Como posso ter a certeza? Mas que havia de ser? Monsieur era *milord anglais, três ríche,* e Madame Daubreuil é pobre, pobre mas très *chic,* embora viva pacatamente com a filha. Não há dúvida, deve ter tido a sua história! Já não é nova, mas, ma foi, eu que lhes estou a falar tenho visto muitos homens virarem a cabeça para a olhar, quando ela desce a rua! Além disso, ultimamente tem tido mais dinheiro para gastar, toda a cidade o sabe. E as economiazinhas estavam no fim...

Françoise acenou com a cabeça, num gesto de inabalável certeza.

M. Hautet afagou a barba, pensativamente.

E Madame Renauld? perguntou, por fim. Como aceitava ela essa .. amizade?

Françoise encolheu os ombros.

Mostrou-se sempre muito simpática, muito delicada. Dir-se-ia que não suspeitava de nada. Mas mesmo assim o coração sofre, não é verdade, *monsieur?* Dia a dia vi *Madame* tornar-se mais pálida e mais magra. Já não é a mesma mulher que chegou aqui há um mês. Monsieur também tinha mudado, tinha as suas preocupações. Via-se que estava à beira de uma

crise de nervos. E sem caso para admirar, com um romance
conduzido de tal modo? Sem reticência, sem discrição... Estilo
inglês, sem dúvida!
Dei um pulo na cadeira, indignado, mas o magistrado continuou
com o interrogatório, sem se deixar perturbar por
ninharias:
Disse que M. Renauld não precisou de abrir a porta a
Madaime Daubreuil, não é verdade? Isso significa que ela já
tinha saído?
Já, sim, *monsieur.* Ouvi-os sair do escritório e dirigirem-se
para a porta. *Monsieur* deu as boas-noites e fechou a porta.
Que horas eram?
Umas dez horas e vinte e cinco minutos, *monsieur.*
Sabe que horas eram quando M. Renauld se foi deitar?
Ouvi-o subir a escada dez minutos depois de nós. A escada
estala tanto que se ouve quando alguém sobe ou desce.
Não ouviu nenhum ruído estranho durante a noite?
Absolutamente nada, *monsieur.*
Qual das criadas desceu primeiro, de manhã?
Eu, *monsieur.* Vi logo a porta aberta.
E quanto às janelas do rés-do-chão, estavam todas fechadas?

Todas! Não havia nada de suspeito ou fora do seu lugar'
em lado nenhum.
Muito bem, Françoise, pode ir.
A velha dirigiu-se vagarosa, para a porta mas ao chegar
olhou para trás e acrescentou:
Digo-lhe uma coisa, *monsieur:* a tal Madame Daubreuil
é má peça! Oh, sim, as mulheres conhecem-se! Lembre-se das
minhas palavras! E Françoise saiu finalmente da sala, a
acenar com a cabeça, sensatamente.

Léonie Oulard chamou o magistrado.
Léonie apareceu lavada em lágrimas e um pouco histérica.
M. Hautet soube lidar com ela. O depoimento da rapariga relacionou-se principalmente com o facto de ter encontrado a
31
patroa amordaçada e amarrada, descoberta que relatou com grande exagero de pormenores. Como Françoise, também não ouvira nada durante a noite.
Seguiu-se-lhe a irmã, Denise, a qual confirmou que o patrão mudara muito, ultimamente.
Tornava-se dia a dia mais preocupado. Comia menos, estava sempre deprimido... Mas Denise tinha a sua teoria pessoal: Era com certeza a Mafia que lhe andava no encalço! Dois mascarados... que outra coisa poderia ser? É um bando terrível!
É possível, claro admitiu o magistrado, benevolamente.
Agora, minha filha, diga-mme quem abriu a porta a Madame Daubreuil, ontem à noite?
Ontem à noite, não, monsieur, *anteontem.*
Mas a Françoise acabou de nos dizer que Madame Daubreuil esteve aqui a noite passada...
Não, monsieur. A noite passada veio realmente uma senhora visitar M. Renauld, mas não era Madame Daubreuil.
Surpreendido, o magistrado insistiu, mas a rapariga aguentou firme. Conhecia Madame Daubreuil perfeitamente, de vista.
A senhora que lá estivera na véspera também era morena, mas mais baixa e muito mais nova. Nada conseguiu demovê-la das suas afirmações.
Alguma vez vira essa senhora, antes?
Nunca, *monsieur.* E a rapariga acrescentou, timidamente:Mas creio que era inglesa.

Inglesa?

Sim, *monsieur.* Perguntou por M. Renauld num francês muito bom, mas o sotaque... enfim, percebe-se sempre, *n'est-ce pás?* Além disso, quando saíram do escritório vinham a falar inglês.

Ouviu o que disseram? Isto é, compreendeu o que disseram?

Falo muito bem inglês informou Denise, toda orgulhosa.

A senhora falava demasiado depressa e não consegui

apanhar o que dizia, mas ouvi as palavras de *monsieur,* quando ele lhe abriu a porta. Fez uma pausa e depois repetiu, cuidadosamente e macarronicamente, as palavras ouvidas: «Yes... *yes... butt for God's saike go nauw!*»

Sim, sim, mas pelo amor de Deus agora vá-se embora! traduziu o magistrado.

Mandou Denise embora e, depois de reflectir um momento, chamou de novo Framçoise. Perguntou-lhe se não seria possível ter-se enganado na noite da visita de Madame Daubreuil. Mas Françoise mostrou-se inesperadamente obstinada: tinha sido na noite anterior! Era ela, sem dúvida nenhuma.. A Denise quisera parecer interessante, *voilà tout!* Por isso inventara a história da senhora desconhecida. Quisera alardear os seus conhecimentos de inglês! Provavelmente *Monsieur* não dissera semelhante frase em inglês, e mesmo que tivesse dito não pró-vava nada, pois Madame Daubreuil falava inglês na perfeição e geralmente empregava essa língua quando falava com M. e Madame Renauld.

Compreende, M. Jack, o filho de *Monsieur,* estava geralmente presente e ele fala muito mal francês.

O magistrado não insistiu. Fez perguntas acerca Só motorista e foi informado de que, na véspera, M. Renauld dissera'-,,

que não tencionava utilizar o carro e que Masters pddia gozar uma folga.

Vi uma ruga de perplexidade surgir entre os olhos de Poirot e perguntei-lhe; baixinho:

Que é?

Abanou a cabeça, impacientemente, e perguntou por sua vez:

Desculpe, M. Bex, mas M. Renauld sabia guiar o carro, pessoalmente?

O comissário olhou para Françoise, que respondeu sem hesitar:

Não, Monsieur não guiava.

A ruga de Poirot acentuou-se.

Gostava que me dissesse o que o preocupa insisti, por meu turno impaciente.

Então não vê? Na carta que me escreveu M. Renauld dizia que mandaria o carro buscar-me a Calais.

Talvez se quisesse referir a um carro alugado sugeri.

Sim, sem dúvida era isso. Mas para quê alugar um carro quando se tem um? *E* porquê escolher o dia de ontem para dar folga ao motorista, repentinamente? Desejaria, por qualquer motivo, tê-lo fora daqui, antes de chegarmos?

CAPÍTULO IV

A Carta Assinada «Bella»

Françoise saíra da sala e o magistrado tamborilava com os dedos no tampo da mesa, pensativamente.

M. Bex, estamos perante depoimentos directamente contraditóriosobservou,

por fim. Em quem devemos acreditar,

na Françoise ou na Denise?

Na Denise respondeu o comissário, decidido. Foi ela que abriu a porta à visitante e, além disso, Françoise é velha e teimosa, além de ser evidente que antipatiza com Madame Daubreuil. Aliás, aquilo que nós próprios sabemos indica que Renauld andava metido com outra mulher.

Tiens! exclamou o juiz de instrução. Esquecemo-nos de informar M. Poirot disso. Procurou entre os papéis que estavam em cima da mesa e por fim estendeu um deles ao meu amigo. Encontrámos esta carta na algibeira do sobretudo do morto.

Poirot pegou no papel e desdobrou-o. A carta estava um tanto ou quanto amarrotada e com sinais de uso e fora escrita em inglês numa caligrafia ainda um pouco imatura:

Queridíssimo:

Porque não escreves há tanto tempo? Continuas a amar-me, não continuas? Ultimamente as tuas cartas têm sido tão diferentes, frias e estranhas, e agora este longo silêncio. Assusta-me.

Ah, se deixasses de amar-me! Mas isso é impossível. Que garota pateta eu sou, sempre a imaginar coisas! Mas se deixasses realmente de amar-me não sei que faria. Talvez me matasse. Não poderia viver sem ti. Às vezes receio que outra mulher se tenha atravessado entre nós. Ela que se acautele... e tu também! Mais depressa te mataria do que consentiria que fosses dela. Falo a sério.

Mas cá estou eu a escrever patetices, fantasias! Tu amas-me e eu amo-te... sim, amo-te, amo-te, amo-te!

Da *que te adora,*

Bella

A carta não tinha endereço nem. morada. Poirot devolveuHa, *com* um ar muito grave.

Daqui deduziram, Sr. Juiz...? *'.*

O juiz de instrução encolheu os ombros, ao responder:

É evidente que M. Renauld tinha um romance com esta inglesa, com esta Bella. Mas veio para cá, conheceu Madame Daubreuil e iniciou outro romance com ela. Arrefeceu em relação à outra que, acto contínuo, desconfiou de qualquer coisa.

Esta carta contém uma ameaça clara. À primeira vista, o caso pareceu-nos de uma simplicidade extraordinária. Ciúme! O facto de M. Renauld ter sido apunhalado nas costas indicava claramente tratar-se de um crime de mulher.

Poirot acenou afirmativamente.

A punhalada nas costas, sim... mas a sepultura, não!

Isso foi trabalho aturado, trabalho duro. Não foi uma mulher

que abriu a sepultura; é trabalho de homem.
35
Claro, claro, tem razão! exclamou o comissário, todo
agitado. Não tínhamos pensado nisso.
Como estava a dizer prosseguiu M. Hautet , à primeira
vista o caso pareceu simples, mas os mascarados e a
carta que o senhor recebeu de M. Renauld complicam as coisas.
Parece estarmos perante um conjunto de circunstâncias inteiramente
diferentes, sem qualquer relação com as que primeiro
se nos depararam. Quanto à carta que lhe foi dirigida, acha
possível que se relacionasse em qualquer sentido com a tal
Bella e as suas ameaças?
Dificilmente respondeu o detective, a abanar a cabeça.
Um homem como M. Renauld, que levou uma vida aventurosa
em estranhos lugares, não pediria que o protegessem de
uma mulher.
O juiz de instrução acenou com a cabeça, enfaticamente.
Tal qual o que eu penso. Então devemos procurar a explicação
da carta...
... em Santiago concluiu o comissário. Telegrafarei
sem demora à Polícia dessa cidade, pedindo pormenores completos
da vida que a vítima lá levava, dos seus romances amorosos,
dos seus negócios, das suas amizades e das inimizades
que porventura tivesse. Será estranho se, depois disso, não ficarmos
com uma pista para deslindar este misterioso homicídio.
O comissário olhou em seu redor, para ver se os outros
aprovavam a sua ideia.
Excelente disse Poirot, em tom apreciador.
A mulher dele talvez nos possa dar também alguma
pista sugeriu o magistrado.
Não encontraram outras cartas da tal Bella entre as coisas

de M. Renauld? perguntou Poirot.
 Não, Claro que uma das primeiras coisas que fizemos foi
passar revista aos seus papéis particulares, no escritório. Mas
não encontrámos nada de interesse, pareceu-nos tudo correcto
e insuspeito. A única coisa invulgar, digamos, é o seu testamento.
 Aqui o tem.

Poirot leu o documento.
 Compreendo. Um legado de mil libras a favor de Mr.
Stonor... A propósito, quem é?
 O secretário de M. Renauld. Ficou em Inglaterra, mas
veio cá passar um ou dois fins-de-semana.
 E tudo o mais deixado incondicionalmente à sua querida
esposa, Eloise. Redigido com simplicidade, mas perfeitamente
em ordem do ponto de vista jurídico. Testemunhado por duas
criadas, Denise e Françoise. Não encontro nada de muito invulgar
  comentou o detective, e devolveu o documento.
 Talvez não tenha reparado... começou Bex.
 Na data? interrompeu-o Poirot. Claro que reparei.
Foi redigido há quinze dias. Possivelmente foi nessa altura que
teve o primeiro pressentimento de perigo. Muitos homens ricos
morrem intestados por nunca pensarem na possibilidade de
falecerem. No entanto, é perigoso tirar conclusões prematura-
mente. Quanto a mim, porém, o testamento indica sincera
estima e afeição pela esposa, apesar das intrigas amorosas de
M. Renauld.
 Sim concordou M. Hautet, duvidoso. Mas talvez
seja um pouco injusto para com o filho, uma vez que o deixa
completamente dependente da mãe. Se esta voltasse a casar ”e.
o segundo marido tivesse ascendente sobre ela, o ”rapaz airriscava-se
 a não tocar num centavo, sequer, da fortuna do pai.

Poirot encolheu os ombros.
O homem é um animal vaidoso. M. Renauld pensou,
sem dúvida, que a mulher não voltaria a casar. Quanto ao filho,
talvez tenha sido uma precaução sensata deixar o dinheiro
nas mãos da mãe. Os filhos dos homens ricos são proverbialmente
desmiolados.
Talvez seja como o senhor diz. Suponho que gostaria de
ver o cenário do crime, M. Poirot. Infelizmente o corpo já foi
removido, mas, claro, tiraram-se fotografias de todos os ângulos
possíveis e imagináveis, as quais estarão ao seu dispor assim
que estiverem prontas.

Agradeço-lhe todas as demonstrações de cortesia.
O comissário levantou-se e convidou:
Acompanhem-me, *messieurs.*
Abriu *a;* porta e inclinounse cerimoniosamente, para que
Poirot o precedesse. com igual cortesia, o detective recuou e
inclinou-se por sua vez.
Monsieur.
Monsieur.
Saíram, por fim.
Aquela sala ali é o escritório, não é? perguntou Poirot,
de súbito, inclinando a cabeça na direcção da porta oposta.
É. Gostaria de o ver?Sem esperar pela resposta, o
comissário abriu a porta e nós entrámos.
O aposento que M. Renauld escolhera para seu uso particular
era pequeno, mas estava mobilado com bom gosto e conforto.
Junto da janela encontrava-se uma escrivaninha de tipo
comercial, com muitos cacifos. Viradas para a lareira havia
duas grandes poltronas forradas de couro e, entre elas, uma
mesa redonda com os livros e as revistas mais recentes. Duas

das paredes estavam cobertas por estantes e ao fundo da sala,
defronte da janela, havia um bonito aparador de carvalho
com um armário de bebidas em cima. Os cortinados eram de
um suave verde-baço, tom com o qual a carpete se harmonizava.
Poirot deteve-se um momento a olhar e depois avançou,
passou ao de leve a mão pelas costas das poltronas, pegou numa
das revistas da mesa e passou hesitantemente um dedo pela
superfície de carvalho do aparador. O seu rosto exprimiu aprovação
total.
Não há pó? perguntei, a sorrir.
Sorriu-me também, encantado com o meu conhecimento
das suas maniazinhas.
. Nem uma partícula, *mon ami!* E, para variar, talvez seja
uma pena!
Os seus olhos vivos, de pássaro, iam pousando aqui e ali,
sem descanso.
38
Ah! exclamou, de súbito, em tom de alívio. O tapete
da lareira está torcido e, juntando o gesto à palavra, baixou-se
para o endireitar.
Nisto, soltou nova exclamação e levantou-se: tinha na
mão um pequeno fragmento de papel.
Em França como em Inglaterra, as criadas esquecem-se
de varrer debaixo dos tapetes! comentou.
Bex pegou no fragmento de papel e eu aproximei-me, para
o observar.
Sabe o que é, não sabe, Hastings?
Abanei a cabeça, intrigado... embora aquele tom rosado
não me fosse estranho.
Os processos mentais do comissário eram mais rápidos do
que os meus, pois exclamou:

Um bocadinho de um cheque!

O pedacinho de papel teria uns 6 cm” de superfície e nele
Lia-se, escrita a tinta, a palavra *Duveen.*

Bien prosseguiu o comissário >, este cheque era pagável
a um tal Duveen, ou foi sacado por ele.

Inclino-me para a primeira hipótese declarou Poirot ,
pois se não me engano a caligrafia é de M. Renauld.

Tirámos depressa as dúvidas a esse respeito, comparando
a letra do papel com a de um memorando da escrivaninha.

Meu Deus murmurou o comissário, um pouco desa-
nimado , não percebo como deixei escapar isto!

Poirot riu-se.

Moral da história: procure sempre debaixo dos tapetes!
O meu amigo Hastings dir-lhe-á que tudo quanto se encontra
torto ou fora do lugar é um tormento para mim. Mal vi que
o tapete não estava direito, disse para comigo: «Tíens! A perna
da cadeira prendeu-se no tapete, ao ser puxada para trás.
Talvez haja qualquer coisa debaixo do tapete que tenha passado
despercebida à boa Françoise.»

Françoise?

Ou Denise, ou Léonie, ou/ quem quer que arrumou esta

sala. Como não há poeira, a sala *deve* ter sido arrumada esta
manhã. Reconstituo o incidente do seguinte modo: ontem,
possivelmente à noite, M. Renauld passou um cheque à ordem
de alguém com o apelido de Duveen. Depois o cheque foi rasgado
e atirado para o chão. Esta manhã...

Mas M. Bex puxava já impacientemente o cordão da campainha.
Framçoise atendeu. Sim, havia uma quantidade de bocadinhos
de papel no chão. Que lhes fizera? Metera-os no fogão
da cozinha, evidentemente! Que queriam que lhes tivesse feito?

Bex mandou-a embora, com um gesto de desespero. Depois
o seu rosto iluminou-se e correu para a escrivaninha. Pegou no
livro de cheques da vítima e começou a folheá-lo. Repetiu o
gesto de desespero: o talão estava em branco.
 Coragem! aconselhou Poirot, dando-lhe uma palmada
nas costas. Madame Renauld saberá, sem dúvida, esclarecer-nos
 acerca desta misteriosa pessoa de apelido Duveen.
O rosto do comissário animou-se.
 Tem razão. Prossigamos.
Quando nos virávamos para sair do aposento, Poirot observou.,
 em tom casual:
 Foi aqui que M. Renauld recebeu a visitante, ontem à
noite, hem?
 Foi... mas como soube?
Disse-mo isto. Encontrei-o nas costas de uma das poltronas.
  E mostrou, seguro entre o polegar e o indicador, un
comprido cabelo preto, um cabelo de mulher.
M. Bex levou-nos pelas traseiras a um pequeno barracão,
que se erguia encostado à casa. Tirou uma chave da algibeira
e abriu-o.
 O corpo está aqui. Removemo-lo do cenário do crime
pouco antes de os senhores chegarem, em virtude de os fotógrafos
 terem acabado o seu trabalho.
Abriu a porta e entrámos. O assassinado jazia no chão,
tapado com um lençol. M. Bex destapou-o, com um movimento
40
rápido. Renauld era um ’homem de altura mediana e esguio
de figura. Aparentava uns cinquenta anos e tinha muitas ma-
deixas grisalhas entre os cabelos escuros. Usava a cara rapada,
tinha nariz comprido e delgado, olhos um pouco juntos e pele
profundamente bronzeada, como a de um homem que passara

a maior parte da vida sob céus tropicais. Os lábios arreganhados deixavam ver os dentes e nas feições lívidas estampara-se uma expressão de absoluto espanto e terror.

Vê-se pelo rosto que foi apunhalado pelas costas observou Poirot.

Cuidadosamente, virou o morto. Entre as omoplatas, manchando o sobretudo castanho-claro, via-se uma nódoa escura e redonda, no meio da qual a fazenda estava cortada. Poirot examinou atentamente a mancha.

Faz alguma ideia de qual foi a arma do crime? perguntou.

Ficou na ferida.

O comissário tirou de uma prateleira um grande frasco de vidro dentro do qual estava um pequeno objecto que me pareceu mais um abre-cartas do que outra coisa. Tinha cabo preto e lâmina estreita e brilhante. Ao todo, não media mais de 25 cm de comprimento. Poirot tocou cautelosamente na ponta manchada, com a polpa do dedo.

Ma foi, que afiado! exclamou. Um instrumentozinho prático para matar!

Infelizmente, não encontrámos nele quaisquer vestígios de impressões digitais informou Bex, pesaroso. O assassino deve ter usado luvas.

Claro que usou comentou Poirot, com certo desdém.

Até em Santiago sabem o suficiente destas coisas para tomarem tal precaução. No entanto, interessa-me muito o facto de não ter impressões digitais nenhumas. É tão extraordinária-mente simples deixar as impressões digitais de qualquer outra pessoa! E quando isso acontece a Polícia fica feliz. Abanou

a cabeça. Receio muito que o nosso criminoso não seja um homem de método... ou então estava com pressa. Mas veremos.

Repôs o corpo na! posição primitiva.

Reparo que só usava roupa interior debaixo do sobretudo...

É verdade, e o juiz de instrução considera esse pormenor
muito curioso.

Nesse momento bateram à porta, que Bex fechara. O comissário
Apressou-se a abrir. Era Françoise, que tentou espreitar
para o interior, com mórbida curiosidade.

Que se passa? perguntou-lhe Bex, impaciente.

Madame manda dizer que se sente muito melhor e que
está pronta para receber o juiz de instrução.

Muito bem. Informe M. Hautet e diga-lhe que vamos
imediatamente.

Poirot demorou-se um momento, a olhar para o corpo.
Cheguei a pensar que ia apostrofá-lo, declarar alto e bom som
a sua. determinação de não descansar enquanto não descobrisse
o assassino. Mas quando o meu amigo falou foi serena e desajeitadamente
e o seu comentário pareceu-me singularmente
impróprio da solenidade do momento:

Usava o sobretudo muito comprido disse, constramgido.

CAPÍTULO V

A História de Mrs. Renauld

Encontrámos M. Hautet à nossa espera no vestíbulo e dirigimo-nos
todos para o andar de cima, com Françoise à nossa
frente, a indicar o caminho. Poirot subiu aos ziguezagues, de
uma maneira que me intrigou até que o ouvi dizer, com uma
careta:

Não admira que as criadas ouvissem M. Renauld subir

a escada. Não há uma única tábua que não gema tamto que
seria capaz de acordar os mortos!

No cimo da escada havia um corredor, que bifurcava.
As instalações das criadas informou Bex, apontando
para um dos lados.
Seguimos pelo corredor principal e Framçoise bateu à
última porta da direita.
Uma voz fraca convidou-nos a entrar e penetrámos num
aposento cheio de sol e com vista para o mar, que cintilava,
azul, a cerca de 500 metros de distância.
Num sofá, amparada por almofadas e entregue aos cuidados
do Dr. Durand, encontrava-se uma mulher alta e de aspecto
impressionante. Era uma senhora de meia-idade, cujo cabelo,
que fora escuro, estava quase completamente grisalho; mas a
sua intensa vitalidade e a força da sua personalidade far-se-iam
sentir fosse onde fosse. Compreendia-se imediatamente que se
estava na presença daquilo a que os Franceses chamam «une
maitresse femme».
Cumprimentou-nos com uma inclinação de cabeça muito
grave.
Queiram sentar-se, *messieurs.*
Sentámo-nos e o escrivão do juiz de instrução instalou-se
a uma mesa redonda.
Espero, *madame* começou o magistrado, que não
a transtorne demasiado relatar-nos o que aconteceu a noite
De modo nenhum, *monsieur.* Compreendo que o tempo
urge, se queremos que os malditos assassinos sejam apanhados
e punidos.
Muito bem, *madame.* Creio que se fatigará menos se eu
lhe fizer perguntas e a senhora se limitar a responder. A que
horas se deitou a noite passada?
Às nove e meia. Estava fatigada.
E o seu marido?

Cerca de uma hora depois, creio.

Pareceu-lhe agitado... perturbado?

Não, não mais do que o usual.

Que aconteceu depois?

Adormecemos. Acordei quando uma mão me tapou a
boca. Tentei gritar, mas a mão não me deixou. Estavam dois
homens no quarto, ambos mascarados.

É capaz de os descrever, *madame?*

Um era muito alto e tinha uma comprida barba preta;
o outro era baixo e forte, com uma barba arruivada Usavam
ambos chapéu puxado para os olhos.

Hum... barbas a mais, receio murmurou o magistrado,
pensativo.

Quer dizer que eram postiças?

Exactamente, *madame.* Mas prossiga.

Era o homem baixo que me segurava. Amordaçou-me e
depois atou-me com cordas, de pés e mãos. O outro homem
inclinava-se para o meu marido. Tirara o meu abre-cartas de
cima do toucador e segurava-o, com o bico apontado ao coração.

Quando o baixo acabou de me amarrar, juntou-se ao outro
e obrigaram o meu marido a levantar-se e a acompanhárlo ao
quarto de vestir contíguo. Estava quase a desmaiar de terror,
mas mesmo assim apurei desesperadamente o ouvido.

«Falavam em voz baixa, que não me permitia distinguir
o que diziam. No entanto, reconheci a língua, um espanhol
macarrónico falado em certos lugares da América do Sul.
Pareciam exigir qualquer coisa ao meu marido e pouco depois
irritaram-se e falaram um pouco mais alto. Creio que era o
homem alto que falava: ”Sabe o que queremos!”, declarou.
”O *segredo!* Onde está?” Não sei que lhe respondeu o meu

marido, mas o outro replicou, furioso: ”Mente! Sabemos que o
tem. Onde estão as suas chaves?”
«Depois ouvi-os abrir gavetas. Há um cofre de parede no
quarto de vestir do meu marido, onde ele costumava guardar
uma importância relativamente grande em dinheiro. A Léonie
disse-me que o cofre foi revolvido e o dinheiro tirado, mas é

evidente que não estava lá o que procuravam, pois pouco depois
ouvi o homem alto praguejar e ordenar ao meu marido que se
vestisse. A seguir, creio que qualquer ruído da casa os assustou,
pois empurraram o meu marido para o meu quarto, apenas
meio vestido.»
P*ardon* interveio Poirot , mas não há outra saída
do quarto de vestir?
Não, *monsieur,* há apenas uma porta de comunicação
con o meu quarto. Empurraram o meu marido apressadamente,
o homem baixo à frente e o alto atrás, ainda com o abre-cartas
na mão. Paul tentou libertar-se e correr para mim. Vi-lhe os *]*
olhos angustiados. Virou-se para os captores e disse-lhes: «Pré- <
ciso de falar com ela.» Depois aproximou-se da cama e disse-me:
«Não há novidade, Eloise, não te assustes. Voltarei antes de
amanhecer.» Mas, embora se esforçasse por falar em tom confiante,
não me escapou o terror dos seus olhos. Em seguida
empurraram-no pela porta fora, enquanto o alto ameaçava:
«Uma palavra e será um homem morto, não se esqueça.»
Depois disso, devo ter desmaiado. Só me lembro da Léonie a
massajar-me os pulsos e a dar-me brande.
Madame Renauld, faz alguma ideia do que os assassinos
procuravam? perguntou o magistrado. ’.
> Absolutamente nenhuma.
Sabia se o seu marido receava alguma coisa?

Sim, não me escapara a mudança que se operara nele.
Há quanto tempo foi isso?
Mrs. Renauld pensou, amtes de responder:
Há uns dez dias, talvez.
Não terá sido há mais tempo?
É possível, mas eu só reparei nessa altura.
Interrogou o seu marido acerca da causa de tal mudança?
Uma vez, mas ele respondeu-me com evasivas. No entanto,
eu estava convencida de que o atormentava qualquer
ansiedade terrível. Mas, como era evidente que desejava ocultar-me
o facto, tentei fingir que não reparava em nada.

Sabia que ele solicitara os serviços de um detective?
De um detective? repetiu Mrs. Renauld, muito surpreendida.
Sim, deste cavalheiro: M. Hercule Poirot. O meu amigo
inclinou-se, cerimonioso. Chegou hoje, em resposta a um
apelo do seu marido. E, tirando a carta escrita por M. Renauld
da algibeira, estendeu-a à senhora.
Ela leu-a com um espanto aparentemente sincero.
Não fazia ideia nenhuma disto. É evidente que ele tinha
perfeita consciência do perigo que corria.
Agora, minha senhora, rogo-lhe que seja franca comigo.
Existe, no passado do seu marido na América do Sul, algum
incidente que possa lançar alguma luz sobre este crime?
Mrs. Renauld meditou profundamente, mas acabou por
abanar a cabeça.
Não me lembro de nenhum. Claro que o meu marido
tinha muitos inimigos, pessoas sobre as quais levara a melhor,
de uma maneira ou doutra, mas não me lembro de nenhum
caso isolado. Não digo que não tenha havido o incidente a que
aludiu, digo apenas que não estou ao corrente.

O juiz de instrução afagou a barba, desconsoladamente.
 Sabe a que horas se deu esta afronta, agora?
 Sim, lembro-me perfeitamente de ouvir o relógio da chaminé
 bater duas horas. Inclinou a cabeça na direcção de um
relógio de viagem com estojo de cabedal, que se encontrava
no centro da prateleira da chaminé.
Poirot levantou-se, observou o relógio com cuidado e acenou
com a cabeça, satisfeito.
 Temos aqui também um relógio de pulso observou
M. Bex, certamente derrubado da mesa-de-cabeceira pelos
assassinos e todo partido. Mal sabiam que serviria de prova
contra eles!
Cuidadosamente, retirou os fragmentos de vidro partido. De
súbito, estampou-se-lhe no rosto uma expressão de absoluto
espanto e exclamou:

 Ah, mon *Dieu!*
Que é?
 Os ponteiros do relógio marcam sete horas!
 O quê?! gritou o juiz de instrução, perplexo.
Mas Poirot, com a agilidade habitual, tirou o relógio das
mãos do pasmado comissário e encostou-o ao ouvido. Depois
sorriu.
 O vidro está partido, sem dúvida, mas o relógio continua
a trabalhar esclareceu.
A explicação do mistério foi acolhida com um sorriso aliviado.
 No entanto, o magistrado lembrou-se de outro pormenor:
 Mas agora não são sete horas, pois não?
 Não, respondeu Poirot, suavemente. Passam alguns
minutos das cinco. Talvez o relógio se adiante. É isso, *madame?*
 Adianta-se, de facto, mas nunca dei por que se adiantasse

tanto! admitiu Mrs. Renauld, de testa franzida de perplexidade.
com um gesto de impaciência, o magistrado pôs de parte
a questão do relógio e retomou o interrogatório:
Madame, a porta principal foi encontrada aberta. Parece
quase certo que os assassinos entraram por lá, embora não a
tenham arrombado ou forçado. Pode sugerir uma explicação?
Talvez o meu marido tenha dado um passeio antes de
se deitar e se esquecesse de a fechar, quando entrou.
Acha isso provável?
Muito. O meu marido era o mais distraído dos homens.
Franziu ligeiramente as sobrancelhas, ao falar, como se
aquela característica do defunto lhe tivesse causado algumas
contrariedades.
Creio que podemos deduzir uma coisa declarou, de
súbito, o comissário. Como os homens insistiram em que
M. Renauld se vestisse, parece que o lugar aonde tencionavam
levá-lo, o sítio onde «o segredo» estava escondido, ficava a
certa distância.

O magistrado acenou afirmativamente com a cabeça:
Sim, longe, mas não muito, visto ele ter falado em
regressar de manhã.
A que horas parte o último comboio da estação de Merliniville?
perguntou Poirot.
Às onze e cinquenta num sentido e à meia-noite e dezassete
no outro, mas é mais provável que tivessem um automóvel
à espera»
Claro concordou Poirot, um pouco desanimado.
Parece-me até que talvez haja uma maneira de lhes
seguir a pista acrescentou o magistrado, com certo entusiasmo.
Um automóvel com dois desconhecidos não passou

com certeza despercebido. Excelente ideia, M. Bex.
Sorriu para consigo e depois, reassumindo o ar grave, disse
a Mrs. Renauld:
 Desejo fazer-lhe ainda outra pergunta: conhece alguém
com o apelido de Duveen?
 Duveen? repetiu a senhora, pensativamente. Não,
de momento, não me lembro de ninguém.
 Nunca ouviu o seu marido ’referir-se a alguém com
esse apelido?
 Nunca).
 Conhece alguém cujo nome próprio seja Bella?
Enquanto falava observava atentamente Mrs. Renauld, na
esperança de surpreender quaisquer sinais de cólera ou conhecimento,
 mas ela limitou-se a abanar a cabeça, com naturalidade.
Tem conhecimento de que o seu marido recebeu uma
visita, a noite passada? prosseguiu o magistrado.
Desta vez, vi um leve rubor subir às faces de Mrs. Renauld,
que no entanto respondeu serenamente:
 Não. Quem foi?
 Uma senhora.
 Deveras?
Mas, de momento, o juiz de instrução não estava disposto
48
a acrescentar mais nada. Parecia-lhe improvável que Madame
Daubreuil tivesse qualquer relação com o crime e não desejava
transtornar Mrs. Renauld mais do que o indispensável.
Fez um sinal ao comissário, que respondeu com um aceno
de cabeça. Depois levantou-se, atravessou o aposento e voltou
com o frasco de vidro que víramos no barracão e do qual tirou
o abre-cartas.
 Reconhece isto, *madame?* perguntou delicadamente.

Ela soltou um gritinho.

Sim, é o meu punhalzinho... viu a ponta e recuou,
com os olhos dilatados de horror. Isso é... sangue?

É, sim, *madame.* O seu marido foi morto com esta arma.
Afastou-a rapidamente do olhar da senhora. Tem a certeza
absoluta de que se trata da que estava no seu toucador,
ontem à noite?

Oh, tenho! Foi um presente do meu filho, que prestou
serviço na Força Aérea, durante a guerra. Mentiu na idade,
disse que era mais velho explicou, com uma nota de orgulho
maternal na voz. Mandou-a fazer do arame de um avião e
ofereceu-ma como recordação. »

Compreendo. Isso conduz-nos a outro assunto: onde se ,__
encontra agora o seu filho? É necessário telegrafar-lhe sem
demora.

Jack? Vai a caminho de Buenos Aires.

O quê?

É verdade. O meu marido telegrafou-lhe, ontem. Mandara-o
tratar de negócios em Paris, mas ontem chegou à conclusão
de que era necessário que seguisse sem demora para a
América do Sul. Partia um navio de Cherbourg para Buenos
Aires, ontem à noite, e ele telegrafou-lhe para que embarcasse
nele.

Faz alguma ideia dos negócios de que o seu filho deverá
tratar em Buenos Aires?

Não, *monsieur,* a esse respeito não sei nada. Mas Buenos

Aires não é o destino final do meu filho, que daí deverá seguir,
por terra, para Santiago.

O juiz e o comissário exclamaram, em uníssono:

Santiago! Outra vez Santiago!
Foi nessa altura em que estávamos todos atordoados com a menção da palavra que Poirot se acercou de Mrs. Renauld. Até então estivera de pé junto da janela, como que absorto num sonho, e eu duvido que tenha prestado atenção a tudo quanto se passara. Deteve-se ao lado da senhora, inclinou a cabeça e pediu:

Pardon, *madame,* permite que lhe veja os pulsos?

Embora ligeiramente surpreendida com o pedido, Mrs. Renauld estendeu-lhos. À volta de cada um havia um grande vergão encarnado, onde as cordas se tinham enterrado na carne. Enquanto Poirot lhe examinava os pulsos, pareceu-me ver extinguir-se um brilho de excitação que momentaneamente iluminara os olhos do meu amigo.

Deve ter muitas dores observou, e mais uma vez me pareceu perplexo.

Mas o juiz voltou a falar, agitadamente:

É necessário comunicar imediatamente, pela telegrafia sem fios, com o jovem M. Renauld! É de importância fundamental para nós sabermos tudo quanto ele nos possa dizer acerca desta viagem a Santiago. Hesitou e acrescentou: Acalentara a esperança de que ele estivesse perto, para lhe evitarmos sofrimento, *madame...*

Refere-se à identificação do corpo do meu marido? perguntou Mrs. Renauld, em voz baixa.

O juiz baixou a cabeça.

Sou uma mulher forte, monsieur. Poderei suportar tudo quanto for necessário. Estou pronta... já.

Oh, amanhã teremos tempo, asseguro-lhe!

Prefiro tratar desse assunto sem demora insistiu Mrs. Renauld, com o rosto contraído por um espasmo de dor.

Quer ter a bondade de me dar o braço, doutor?

O médico apressou-se a obedecer, Mrs. Renauld pôs uma
capa pelos ombros e um lento cortejo desceu a escada. M. Bex
foi à frente, mais depressa, para abrir a porta do barracão. Um
ou dois minutos depois Mrs. Renauld chegou à porta, muito
pálida, mas resoluta. Atrás dela, M. Hautet desfazia-se em desculpas
e palavras de comiseração, como uma galinha choca.
Ela levou a mão ao rosto e pediu:
Um momento, *messieurs,* para me encher de coragem.
Tirou a mão do rosto e olhou para o morto. Então abamdonou-a
todo o maravilhoso auto domínio de que até ali dera
provas.
Paul! gritou. Marido! Oh, meu Deus! E caiu para
a frente, inconsciente.
Poirot correu, lesto, para seu lado, levamtou-lhe uma pálpebra
e auscultou-lhe o pulso. Quando se convenceu de que ela
desmaiara mesmo, afastou-se e agarrou-me no braço.
Sou um imbecil, meu amigo! Se alguma vez a voz de
uma mulher exprimiu amor e sofrimento, foi agora. A minha
ideiazinha estava errada. *Eh bien,* tenho de recomeçar!

CAPÍTULO VI

O *Cenário do Crime*

O médico e M. Hautet transportaram a senhora inconsciente
para casa. O comissário seguiu-os com o olhar, a abanar
a cabeça.
Pauvre femme! murmurou. O choque foi de mais
para ela. Enfim, não podemos fazer nada. M. Poirot, deseja
ver o local onde o crime foi cometido?
Se quiser ter a bondade, M. Bex...
Atravessámos a casa e saímos pela porta principal. Poirot

olhou para a escada, ao passar, e abanou a cabeça, descontente.
Parece-me incrível que as criadas não tenham ouvido
51
nada. O estalar daquela escada, com *três* pessoas a descê-la, chegaria para acordar os mortos! ;|
Lembre-se de que foi no meio da -noite. Dormiam pró- - fundamente, nessa altura.
Mas Poirot continuou a abanar a cabeça, como se a expli- cação não o convencesse por completo. Parou no caminho dos carros e olhou para a moradia.
Que os terá levado, antes de mais nada, a experimentar a porta da frente, para ver se estava aberta? Seria muitíssimo improvável que estivesse. O mais natural teria sido tentarem imediatamente forçar a janela.
Mas todas as janelas do rés-do-chão têm barras de ferro lembrou o comissário.
Poirot apontou para uma janela do primeiro andar:
Aquela é a janela do quarto onde estivemos, não é? Repare, há uma árvore pela qual seria facílimo trepar.
Talvez admitiu o outro , mas não o poderiam ter feito sem deixarem pegadas no canteiro.
Compreendi a lógica das suas palavras. Havia efectivamente dois grandes canteiros ovais com gerânios escarlates, um de cada lado dos degraus de acesso à porta principal. A árvore em questão tinha as raízes ao fundo do próprio canteiro e teria sido impossível alcançá-la sem pisar a terra.
Devido ao tempo quente prosseguiu o comissário ; não ficaram pegadas nos caminhos, mas na terra fofa do canteiro seria muito diferente.
Poirot aproximou-se do canteiro e observou-o com atenção. Como Bex dissera, a terra estava perfeitamente lisa. Não se

via qualquer pegada.
O meu amigo acenou com a cabeça, como se estivesse convencido,
e virámo-nos para seguir o nosso caminho, mas, de
repente, ele voltou atrás e foi examinar o outro canteiro.
M. Bex! chamou. Veja isto! Aqui tem pegadas com
fartura.
O comissário juntou-se-lhe e sorriu. ,

Meu caro M. Poirot, essas impressões foram sem dúvida
deixadas pelas grandes botas cardadas do jardineiro. De qualquer
modo, não teria importância, pois como deste lado não
há nenhuma árvore também não há nenhum acesso ao andar
de cima.
Tem razão admitiu o detective, visivelmente desanimado.
Acha, portanto, que estas pegadas não têm importância?
Absolutamente nenhuma.
Foi então que, para meu espanto, Poirot pronunciou as
seguintes palavras:
Não concordo consigo. Tenho cá a impressão de que elas
são as coisas mais importantes que já vimos, até agora.
M. Bex limitou-se a encolher os ombros, sem responder.
A sua grande delicadeza impedia-o de exprimir a sua verdadeira
opinião.
Prosseguimos? perguntou.
com certeza. Posso investigar esta questão das pegadas
mais tarde redarguiu Poirot, alegremente.
Em vez de seguir pelo caminho de carros até ao portão,
M. Bex meteu por um carreiro que dele partia, em ângulo
recto. Levava, por uma ladeirazinha, ao lado direito da casa e
era marginado por arbustos de ambos os lados. Inesperadamente,
desembocava numa pequena clareira de onde se via o mar.

Havia ali um banco e, a pouca distância, uma barraca em ruínas. Mais alguns passos adiante, uma sebe de arbustos bem tratados assinalava os limites do terreno da moradia. M. Bex passou por entre os arbustos e encontrámo-nos num grande prado. Olhei à minha volta e vi algo que me surpreendeu.

Mas isto é um campo de golfe! exclamei.

As marcações ainda não estão feitas explicou Bex, a acenar afirmativamente. Espera-se poder inaugurá-lo para o mês que vem. Foram uns homens que cá trabalham que descobriram o corpo, esta manhã.

Soltei uma exclamação abafada. Un pouco à minha es-

querda havia uma cova estreita e comprida e, junto dela, de bruços, estava o corpo de um homem! O meu coração deu um pulo tremendo e por momentos tive a ideia louca de que a tragédia se repetira. Mas o comissário dissipou a minha ilusão ao avançar para a cova e dizer, irritado:

Que tem andado a minha Polícia a fazer? Dei ordens rigorosas para que não deixassem aproximar-se ninguém sem as necessárias credenciais!

O homem deitado no chão olhou para trás, por cima do ombro, e replicou:

Mas eu tenho as necessárias credenciais. E levantou-se, devagar.

Meu caro M. Giraud, nem sequer sabia que já tinha chegado! exclamou o comissário. O juiz de instrução tem estado à sua espera com a maior impaciência.

Enquanto M. Bex falava, observei o desconhecido com a máxima curiosidade. Conhecia de nome o famoso detective da Súreté de Paris e interessava-me muitíssimo conhecê-lo em carne e osso. Era muito alto, devia andar pelos trinta anos,

tinha cabelo e bigode arruivados e porte marcial. Havia na
sua altitude uma certa arrogância denunciadora de que tinha
plena consciência da sua importância. M. Bex procedeu às
apresentações e referiu-se a Poirot como a um colega. Brilhou
uma chama de interesse nos olhos do detective francês.
Conheço-o de nome, M. Poirot. Teve uma grande fama
noutros tempos, não teve? Mas agora os métodos são muito
diferentes.
Os crimes, porém, continuam a ser muito semelhantes
redarguiu Poirot, suavemente.
Compreendi logo que Giraud estava inclinado a mostrar-se
hostil. Desagradava-lhe que o nome de Poirot se associasse ao
seu e se descobrisse alguma pista importante o mais certo seria
guardá-la para si.
O juiz de instrução...recomeçou Bex, mas Giraud
interrompeu-o grosseiramente:

Estou-me nas tintas para o juiz de instrução! A luz é o
importante, agora, e daqui a cerca de meia hora desaparecerá.
Sei tudo acerca do caso e a gente da casa pode esperar muito
bem até amanhã. Se há alguma pista a encontrar, para detecção
dos criminosos, é aqui que deve ser procurada. Foram os seus
polícias que andaram por aí a pisar tudo? Supunha que, presentemente,
já estavam melhor informados...
E estão, sem dúvida. As marcas de que se queixa foram
feitas pelos trabalhadores que descobriram o corpo.
O outro resmungou, irritado.
Consigo ver os rastos dos três, no ponto onde passaram
pela sebe, mas os tipos foram espertos... As pegadas do centro
podem-se identificar como as de M. Renauld, mas as dos lados
foram cuidadosamente obliteradas. Claro que neste terreno

duro pouco se veria, mas eles não quiseram correr riscos.

 E os sinais externos observou Poirot. É isso que procura, hem?

O outro detective fitou-o, muito sério, e replicou:

 Evidentemente.

Um leve sorriso entreabriu os lábios de Poirot. Pareceu prestes a falar, mas desistiu. Inclinou-se para uma pá, caída no chão.

 Foi com isso que abriram a cova, sem dúvida declarou Giraud. Mas não lhe dirá nada. Pertencia ao próprio Renauld e o homem que a manejou usou luvas. Aqui estão. Apontou com o pé um par de luvas sujas de terra. Também são do Renauld... ou pelo menos do seu jardineiro. Já lhe disse que os homens que planearam este crime não correram riscos. A vítima foi apunhalada com o seu próprio punhal e teria sido enterrada com a sua própria pá. Estavam decididos a não deixar quaisquer vestígios, mas eu vencê-los-ei. Há sempre *qualquer coisa! E* eu estou decidido a encontrá-la.

Mas, entretanto, Poirot parecera interessar-se por outra coisa: um bocado de cano de chumbo manchado, que se encon-

trava caído ao lado da pá. Tocou-lhe delicadamente, com um dedo.

 E isto também pertence ao assassinado? perguntou, e eu tive a impressão de detectar uma subtil ironia na pergunta.

Giraud encolheu os ombros, dando a entender que não sabia nem lhe interessava.

 Pode estar aí caído há semanas. De qualquer modo, não me interessa.

 Eu, pelo contrário, acho-o muito interessante disse Poirot, brandamente.

Calculei que pretendia apenas irritar o detective parisiense, e se assim era conseguiu-o. O outro virou-lhe grosseiramente" as costas, declarando que não podia perder tempo, baixou-se e reatou o exame minucioso do solo.

Entretanto, como se lhe acudisse uma ideia súbita, Poirot transpôs a sebe e experimentou a porta da pequena barraca.

Isso está fechado à chave informou Giraud, por cima do ombro. Mas é apenas um lugar onde o jardineiro guarda a sua tralha. A pá não veio daí e, sim, do barracão de ferramentas existentes atrás da casa.

Maravilhoso! disse-me M. Bex, num murmúrio extasiado. Chegou apenas há meia hora e já sabe tudo! Extraordinário! Não há dúvida de que Giraud é o maior detective vivo!

Embora antipatizasse vivamente com o detective francês, a verdade é que me sentia secretamente impressionado. O indivíduo parecia irradiar eficiência. Não pude deixar de pensar que, até então, Poirot não fizera nada de excepcional, e isso humilhava-me. Parecia empenhado em concentrar a atenção em toda a espécie de pormenores estúpidos e pueris, que não tinham nada a ver com o caso. Como que a dar razão aos meus pensamentos,

ouvi-o perguntar, nesse momento:

M. Bex, quer ter a bondade de me explicar o significado deste traço a cal que contorna toda a sepultura? É obra da Polícia?

Não, M. Poirot, é obra do campo de golfe. Indica que haverá aqui um «bunker», como vocês dizem.

Um *bunker?* perguntou Poirot, virando-se para mim.

É aquele buraco irregular cheio de areia e com um aterro a um lado, não é?

Confirmei.
 Não joga golfe, M. Poirot? inquiriu Bex.
 Eu? Nunca! Que jogo! exclamou, todo agitado. Imã-
gine, cada buraco tem um tamanho diferente, os obstáculos
não estão simetricamente dispostos e até a relva costuma ser
só por um lado acima! Há apenas uma coisa agradável: os
montinhos... como é que vocês lhes chamam? Já sei, as *tee*
boxes! Essas pelo menos são simétricas.
Não pude deixar de me rir da maneira como Poirot via o
jogo, e o meu amigo sorriu-me afectuosamente, sem levar a
mal. Depois perguntou:
 Mas M. Renauld jogava golfe, sem dúvida?
 Sim, era um entusiasta. Foi até em grande parte devido
a ele e às suas generosas contribuições que este trabalho andou
para a frente. Até participou na sua concepção.
Poirot acenou com a cabeça, pensativamente, e depois
observou:
 Não fizeram uma boa escolha... refiro-mè ao lugar para
enterrar o corpo. Quando os homens começassem a cavar descobrir-se-ia
 tudo.
 Exactamente! exclamou Giraud, triunfante. E isso
prova que desconheciam a localidade, não eram de cá. Aí tem
uma excelente prova indirecta.
 Sim... concordou Poirot, duvidoso. Uma pessoa que
conhecesse o local não enterraria um corpo aí... a não ser...
a não ser que *quisesse* que fosse descoberto. E isso é claramente
 absurdo, não é?
Giraud nem sequer se deu ao trabalho de lhe responder.
 Sim... murmurou Poirot, em tom de desagrado. Sim,
indubitavelmente absurdo!

CAPÍTULO VII

A Misteriosa Madame Daubreuil

Ao regressarmos a casa, M. Bex desculpou-se por ter de nos deixar e explicou que tinha de informar imediatamente o juiz de instrução da chegada de Giraud. Quanto a este, ficara visivelmente encantado quando Poirot declarara que vira tudo quanto queria. A última coisa que víramos, ao abandonar o local, fora Giraud de gatas, a prosseguir a busca com uma minúcia que eu não podia deixar de admirar. Poirot adivinhou os meus pensamentos, pois assim que ficámos sós observou,' irónico:

Viu finalmente o detective dos seus sonhos, o cão de caça humano! Não é verdade, meu amigo?

Pelo menos ele está a fazer alguma coisa repliquei, áspero. Se há algo para encontrar, ele encontrá-lo-á, ao passo que você...

Eh bien, eu também encontrei alguma coisa! Um bocado de cano de chumbo!

Que disparate, Poirot! Sabe muito bem que isso não tem nada a ver com o caso. Refiro-me a *pequenas* coisas, pistas que nos poderão conduzir infalivelmente aos assassinos.

Mon ami, uma pista de sessenta centímetros vale tanto como uma de seis milímetros. Mas existe a romântica ideia de que todas as pistas importantes devem ser infinitesimais! Quanto ao cano de chumbo não ter nada a ver com o crime, diz isso porque Giraud o disse. Não interrompeu-me, quando eu ia a fazer uma pergunta , não diremos mais nada. Deixe o Giraud com as suas buscas e a mim com as minhas ideias. O caso parece simples, e no entanto... e no entanto, mon *ami,* não estou satisfeito! E sabe porquê? Por causa do relógio de pulso adiantado duas horas. E depois há diversos outros pormenorzinhos

curiosos, que não me parecem ajustar-se... Por exem-

plo, se o móbil dos assassinos era a vingança, porque não apunhalaram
Renauld enquanto dormia e pronto?
Queriam o «segredo» recordei-lhe.
Poirot sacudiu um grãozinho de pó da manga, com ar de
descontentamento.
Bem, mas onde estava esse «segredo»? Presumivelmente
longe, pois quiseram que Renauld se vestisse. Contudo, foi encontrado
assassinado aqui perto, tão perto que se gritasse
talvez o tivessem ouvido em casa. Há ainda o puro acaso de
uma arma como o punhal abre-cartas estar aí, à mão... Fez
uma pausa, de testa franzida, e depois prosseguiu: Porque
não ouviram as criadas nada? Tinham sido drogadas? Havia um
cúmplice que se encarregou de abrir a porta principal? Pergunto
a mim mesmo se...
Calou-se, bruscamente. Chegáramos ao caminho de carros,
defronte da casa. Poirot virou-se para mim e declarou:
Meu amigo, vou surpreendê-lo... para lhe agradar! Levei
as suas censuras a peito! Vamos examinar algumas pegadas!
Onde?
Ali naquele canteiro do lado direito. M. Bex diz que são
pegadas do jardineiro. Vejamos se assim é. Aí vem ele, com o
seu carrinho de mão.
Efectivamente, um homem idoso atravessava o caminho,
com um carrinho de mão cheio de plantas. Poirot chamou-o
e o homem largou o carro e manquejou direito, a nós.
Vai-lhe pedir uma das botas, para comparar com as
pegadas? perguntei, ofegante.
A minha fé em Poirot reanimou-se um pouco. Se ele dizia
que as pegadas do canteiro do lado direito eram importantes,

presumivelmente eram mesmo.
Exactamente respondeu-me.
Ele não achará muito estranho?
Nem sequer dará por isso.
Não pude dizer nada, pois o velho alcançara-nos.
Deseja alguma coisa de mim, *monsieur?*

Desejo, sim. Há muito tempo que é jardineiro nesta casa,
não é verdade?
Há vinte e quatro anos, monsieur.
Como se chama?
Auguste, monsieur.
Estive a admirar estes magníficos gerânios. São verdadeiramente
soberbos! Foram plantados há muito tempo?
Há algum, *monsieur.* Mas, claro, para manter os canteiros
bonitos é preciso ir sempre pondo plantas novas, tirando
as murchas e apanhando as flores velhas.
Ontem plantou alguns pés novos, não plantou? Aqueles
ali do meio e os do outro canteiro também.
O senhor tem um olhar a que não escapa nada! São
sempre precisos um ou dois dias para elas arrebitarem. É verdade,
plantei dez pés novos em cada canteiro, a noite passada.
Como o senhor sabe, com certeza, não se devem colocar plantas
novas quando o sol está quente.
Auguste estava encantado com o interesse de Poirot e disposto
a tagarelar.
Aquele ali é um belo espécime elogiou Poirot, apontando.
Não me pode dar um rebento?
Mas com certeza, *monsieur.* O velho entrou no canteiro
e, cuidadosamente, cortou um rebento da planta que
Poirot admirara.

O detective desfez-se em agradecimentos e Auguste voltou para o seu carro de mão.

Está a ver? perguntou-me o meu amigo, inclinando-se para o canteiro a fim de examinar a impressão deixada pela bota cardada do jardineiro. É muito simples.

Não imaginei...

Que o pé estaria dentro da bota? Não utiliza suficientemente as suas excelentes faculdades mentais. Então, que me diz da pegada?

Examinei o canteiro cuidadosamente.

Todas as pegadas que estão aqui foram deixadas pela mesma bota disse, por fim.

Acha? *Eh bien,* concordo consigo.

Poirot parecia completamente desinteressado, como se estivesse a pensar noutra coisa qualquer.

Pelo menos agora fica com menos uma abelha no boné comentei.

Ah, mon Dieu, que idioma o vosso! Que significa isso?

O que quis dizer foi que, depois disto, já pode abandonar o seu interesse por aquelas pegadas.

Mas, para minha surpresa, Poirot abanou a cabeça.

Não, não, *mon* ami! Encontro-me finalmente no bom caminho. Ainda estou às escuras, como se costuma dizer, mas, como observei há pouco a M. Bex, aquelas pegadas são a coisa mais importante e interessante do caso! Aquele pobre Giraud... não me admiraria nada se nem reparasse nelas.

Nesse momento a porta principal abriu-se e M. Hautet e o comissário desceram os degraus.

íamos procurá-lo, M. Poirot informou o magistrado.

Está a fazer-se tarde, mas desejo visitar Madame Daubreuil.

Deve estar muito transtornada com a morte de M. Renauld e
talvez tenhamos a sorte de obter alguma indicação, através'-.
dela. É possível que ele tenha confiado à mulher cujo amor
o escravizava o segredo que não confiou à esposa. Sabemos
onde reside a fraqueza dos nossos Sansões, não é verdade?
Admirei o pitoresco da linguagem de M. Hautet e desconfiei
de que o juiz de instrução estava a saborear agradavelmente o
seu papel no misterioso drama.
M. Giraud não nos acompanha? perguntou Poirot.
M. Giraud deu claramente a entender que prefere conduzir
as investigações à sua maneira respondeu M. Hautet,
secamente.
Era fácil ver que o tratamento grosseiro de Giraud, em
relação ao juiz de instrução, não dispusera este a seu favor.
Não dissemos mais nada e pusemo-nos a caminho. Poirot ia

com o magistrado e o comissário e eu fechávamos a marcha,
alguns passos atrás.
Não há dúvida de que a história da Françoise está
substancialmente correcta disse-me o comissário, em tom
confidencial. Telefonei para a sede e parece que, nas últimas
seis semanas (isto é, desde que M. Renauld chegou a Merlinville),
Madame Daubreuil depositou por três vezes avultadas
importâncias em notas na sua conta bancária. Ao todo, a
bonita quantia de duzentos mil francos!
Meu Deus! exclamei, enquanto fazia contas de cabeça.
Isso deve rondar pelas quatro mil libras!
Exactamente. Não há dúvida de que ele estava absolutamente
apaixonado. O que resta saber é se lhe confiou o seu
segredo. O juiz de instrução tem esperanças disso, mas eu
confesso que não compartilho a sua opinião.

Enquanto conversávamos descíamos a alameda que levava à encruzilhada da estrada onde o nosso carro parara ao princípio da tarde. Não tardei a compreender que a *Villa Marguerite,* a residência da misteriosa Madame Daubreuil, era a casinha de onde vira sair a bonita jovem.

Ela mora aqui há muitos anos informou o comissário, inclinando a cabeça na direcção da casa. Muito sossegada e pacatamente, diga-se. Parece não ter amigos nem parentes, ninguém tirando os conhecimentos que travou em Merlinville. Nunca se refere ao passado nem ao marido. Nem sequer sabemos se ainda vive ou se já morreu. Envolve-a uma aura de mistério, compreende?

Acenei afirmativamente, com interesse crescente.

E... a filha? arrisquei.

Uma jovem deveras bonita... modesta, devota, tudo quanto convém. Causa pena, pois embora ela possa não saber nada do passado da mãe, um homem que deseje pedir a sua mão tem necessariamente de se informar e então... O comissário encolheu os ombros, cinicamente.

Mas ela não tem culpa nenhuma! exclamei, com grande indignação.

Pois não, mas que quer? Um homem é exigente no tocante aos antecedentes da mulher.

A chegada à porta impediu-me de continuar a protestar.

M. Hautet tocou à campainha. Decorreram alguns minutos e depois ouvimos passos no interior e a porta abriu-se. No limiar apareceu a minha jovem deusa daquela tarde. Quando nos viu a cor desapareceu-lhe das faces, deixando-a mortalmente pálida, e os seus olhos dilataram-se, apreensivos. Não podiam restar dúvidas, tinha medo.

Mademoiselle Daubreuil começou M. Hautet, tirando
galantemente o chapéu , lamentamos muitíssimo incomodá-la,
mas as exigências do ofício... compreende, não é verdade?
Apresente os meus cumprimentos à senhora sua mãe e pergunte-lhe
se quer ter a bondade de me conceder alguns minutos
de atenção.
A rapariga permaneceu imóvel, por momentos, com a mão
esquerda comprimida contra o peito, como se quisesse dominar
a súbita e imperiosa agitação do seu coração. Mas logo a
seguir controlou-se e disse, em voz baixa: ”
Vou ver. Façam o favor de entrar.
Entrou numa sala do lado esquerdo do vestíbulo -e ouvimos
o murmúrio abafado da sua voz. Seguiu-se outra voz de timbre
muito semelhante, mas com uma inflexão ligeiramente mais
dura:
com certeza. Manda-os entrar.
No minuto seguinte estávamos cara a cara com a misteriosa
Madame Daubreuil.
Não era tão alta como a filha e as curvas arredondadas da
sua figura tinham toda a graça da maturidade plena. O cabelo,
também diferente do da filha, era escuro e penteado com
risco ao meio, no estilo madona, e os olhos, semiocultos pelas
pálpebras descidas, eram azuis. Tinha uma covinha no queixo
arredondado e os lábios entreabertos pareciam pairar eterna-

mente na iminência de um sorriso misterioso, Havia nela um
nãonsei-quê de quase exageradamente feminino, ao mesmo
tempo submisso e sedutor. Embora muito bem conservada,
via-se perfeitamente que já não era jovem, mas o seu encanto
pertencia ao tipo que não tem nada a ver com a idade.
Ali parada, de vestido preto suavizado pela frescura da

gola e dos punhos brancos, e com as mãos apertadas uma na
outra, parecia subtilmente cativante e desamparada.
 Deseja falar comigo, monsieur?
 Sim, *madame.* M. Hautet pigarreou. Estou a investigar
 a morte de M. Renauld. Certamente já ouviu falar?
A mulher inclinou a cabeça, em silêncio, e a sua expressão ’
não se modificou.
 Viemos perguntar-lhe se poderá... enfim... se poderá
lançar alguma luz sobre as circunstâncias que rodearam o
crime.
 Eu? O tom de surpresa da sua voz era excelente.
 Sim, *madame.* Talvez fosse melhor se pudéssemos falar
consigo a sós... M. Hautet olhou significativamente na direcção
 da rapariga,
Madame Hautet virou-se para ela e murmurou:
 Marthe, minha querida...
Mas a jovem abanou a cabeça.
 Não, maman, fico. Não sou uma criança, tenho vinte e
dois anos. Fico.
Madame Daubreuil voltou-se de novo para o juiz de instrução
 e comentou apenas:
 Bem vê, monsieur...
 Preferia falar sem que Mademoiselle Daubreuil estivesse
presente.
 Como ela própria disse, a minha filha não é uma criança.
O magistrado hesitou momentaneamente, sem saber que
fazer.
 Muito bem, *madame,* como queira declarou por fim.

 Temos motivos para crer que era seu hábito visitar a vítima
à noite, na moradia dele. É verdade?

A cor inundou as faces pálidas da mulher, que respondeu calmamente:

Nego-lhe o direito de me fazer «tal pergunta!

Madame, estamos a investigar um assassínio.

E depois? Eu não tive nada a ver com isso.

Não dissemos semelhante coisa, *madame.* Mas conhecia bem a vítima e por isso aqui estamos. Ele fez-lhe confidências acerca de qualquer perigo que o ameaçava?

Nunca.

Falou-lhe alguma vez da sua vida em Santiago e de quaisquer inimigos que porventura lá tivesse?

Não.

Então não nos pode dar nenhuma ajuda?

Receio bem que não. Francamente, nem compreendo porque vieram procurar-Mme. A mulher dele não sabe dizer-lhes o que pretendem saber? Desta vez havia na sua voz uma leve inflexão de ironia.

Madame Renauld disse-nos tudo quanto sabia. -

Ah! AdmiraHme...

Admira-a o quê, *madame'!*

Nada.

O juiz de instrução fitou-a. Tinha perfeita consciência de que travava um duelo e de que a adversária era" de respeito.

Persiste na afirmação de que M. Renauld não lhe fez nenhumas confidências?

Porque pensa que seria provável ele fazer-me confidências?

M. Hautet respondeu com calculada brutalidade:

Porque, *madame,* um homem diz à amante o que nem sempre diz à esposa.

Oh! A mulher saltou para a frente, com os olhos a despedirem fogo. Insultar-me, monsieur! E diante da minha

filha! Não lhe sei dizer nada. Tenha a bondade de sair da minha
casa!!
As honras do combate pertenceram, sem dúvida, à mulher.
Saímos da *Villa Marguerite* como um grupo de colegiais envergonhados.
O magistrado resmungava entre dentes, furioso, e
Poirot parecia perdido nos seus pensamentos. De súbito, despertou
do seu devaneio com um sobressalto e perguntou a
M. Hautet se havia um bom hotel nas imediações.
Há um pequeno, o *Hotel dês Bains,* deste lado da cidade.
Fica na estrada, a poucas centenas de metros. Está bem situado,
para as suas investigações. Presumo que voltaremos a vê-lo
de manhã?
Sem dúvida. Obrigado, M. Hautet.
SeparámoHnos com uma troca de palavras corteses, Poirot
e eu na direcção de Merlinvilte e os outros de regresso à *Villa
Geneviève.*
O sistema da Polícia francesa é uma maravilha comentou
Poirot, seguindo-os com o olhar. É extraordinário como
conseguem possuir informações acerca da vida de toda a gente,
até aos pormenores mais corriqueiros. Embora ele só tenha
vindo para cá há pouco mais de seis semanas, estão perfeitamente
informados dos gostos e das actividades de M. Renauld
e, a bem dizer do pé para' a mão, obtiveram informações quanto
à conta bancária de Madame Daubreuil e às importâncias ultimamente
nela depositadas! Não há dúvida, o *dossier é* uma
grande instituição. Mas... que é aquilo? perguntou, virando-se
bruscamente.
Um vulto sem chapéu corria pela estrada abaixo, ao nosso
encontro. Era Marthe Daubreuil.

Peço desculpa... murmurou, ofegante, quando nos alcançou.

Não devia fazer isto, bem sei... e peço-lhe que não
diga nada à minha mãe. Mas é verdade o que as pessoas dizem,
que M. Renauld mandou chamar um detective amtes de morrer
e que... e que o detective é o senhor?

66

’É verdade, mademoiselle, respondeu Poirot, delicada-
mente. Mas como soube?

>A Françoise contou à nossa Amólie explicou Marthe,
corando.

Poirot fez uma careta.

O sigilo é impossível num caso desta natureza! Não
importa, aliás. Bem, *mademoiselle,* que deseja saber?

A rapariga hesitou. Parecia simultaneamente desejosa e
receosa de falar. Por fim perguntou, quase num sussurro.

Suspeitam de alguém?

Poirot fitou-a demoradamente e, por fim, respondeu, evasivo:

Presentemente a suspeita anda no ar, *mademoiselle.*

Sim, bem sei... mas.alguém em particular?...

Porque deseja saber?

A pergunta pareceu assustá-la. Vieram-me de súbito à memória
as palavras que Poirot dissera a seu ’respeito, horas amtes:
a «rapariga dos olhos ansiosos»!

M. Renauld foi ’sempre muito amável comigo respon-
deu, por fim. É natural que sinta interesse ..

Compreendo. Bem, *mademoiselle,* presentemente a sus-
peita paira sobre duas pessoas.

Duas?

Juraria que havia uma nota de surpresa e alívio na sua voz.

Ignora-se como se chamam, mas presume-se que sejam
chilenas, de Santiago. Está a ver o resultado de ser jovem e

bonita? Revelei-lhe segredos profissionais!
A rapariga riwse, alegre, e depois agradeceu-lhe, com certa
timidez.
Tenho de regressar. A *maman* dará pela minha falta.
Virou-nos as costas e desatou a correr pela estrada acima,
como uma moderna Atlanta. Segui-a com o olhar.
Mon ami perguntou Poirot, em tom suave e irónico ,
vamos ficar aqui especados toda a noite, só porque viu uma
bonita rapariga e tem a cabeça a andar à roda?
Ri-me e pedi desculpa.

Mas lá bonita é ela, Poirot! É compreensível qíue qualquer
homem fique boquiaberto por sua causa.
Mon *Dieu!* gemeu o meu amigo. Mas que coração
susceptível o seu!
Poirot, lembra-se, depois do caso de Styles, quando...
Quando ficou apaixonado por duas mulheres ao mesmo
tempo, sem que nenhuma delas fosse para si? Lembro-me, sim.
Você consolou-me dizendo que talvez um dia voltássemos
a caçar juntos e então...
Eh bien?
Enfim, estamos novamente a caçar jumtos e... Calei-me
e dei uma gargalhada, constrangido.
Mas, para minha surpresa, Poirot abanou a cabeça, veementemente.
Ah, mon *ami,* não prenda o coração a Marthe Daiubreudl!
Ela não é para si. Acredite, é o papá Poirot quem lho diz!
Porquê? O comissário afirmou-me que ela é tão boa
quanto bonita! Um verdadeiro anjo!
Alguns dos maiores criminosos que tenho conhecido
tinham cara de anjos observou Poirot, risonho. Uma malformação
das células cinzentas pode coincidir perfeitamente

com um rosto de madona.
 Poirot, com certeza não suspeita de uma criança inocente
 como ela! protestei, horrorizado.
 Ora, ora! Não se excite, pois eu não disse que suspeitava
dela. Deve admitir, no entanto, que a sua ansiedade em saber
o que se passa é um tanto ou quanto estranha.
 Para variar, vejo mais longe do que o senhor. A ansiedade
 não é por ela, mas sim pela mãe.
 Meu amigo, como de costume não vê nada. Madame
Daubreuil é muito capaz de olhar por si própria, sem que a
filha precise de se preocupar a esse respeito. Confesso que há
pouco pretendi arreliá-lo, mas mesmo assim repito o que disse
antes: não prenda o coração àquela rapariga. Ela não é para si!

Eu, Hercule Poirot, sei que não é. *Sacré,* se ao menos me conseguisse
 lembrar onde já vi aquela cara!
 Que cara? perguntei, surpreendido. A da filha?
 Não, a da mãe.
Reparando na minha surpresa, acenou enfaticamente com
a cabeça e acrescentou:
 Sim, é como lhe digo. Foi há muito tempo, quando eu
ainda pertencia à Polícia, na Bélgica. Nunca vi, realmente, a
mulher, antes, mas vi a sua fotografia... e em relação com um
processo qualquer. Tenho a impressão...
 Tem a impressão de quê?
 Posso estar enganado, mas tenho a impressão de que se
tratava de um caso de assassínio!

CAPÍTULO VIII

Um Encontro *Inesperado*

Na manhã seguinte apresentámo-nos cedo na moradia. Desta
vez, o homem que guardava o portão não nos barrou o ca-

minho. Pelo contrário, saudou-nos respeitosamente e deixou-nos, entrar. A criada Lóonie descia a escada e não pareceu desagradar-lhe a ideia de uma conversazinha.

Poirot perguntou-lhe pela saúde de Mrs. Renauld.

Léone abanou a cabeça.

Está transtornadíssima, l*a pauvre dame* Não come nada, nada! E está pálida como um fantasma! Corta o coração vê-la, coitadinha. Ah, *par example,* não seria eu que choraria daquela maneira por um homem que me tivesse enganado com outra mulher!

Poirot acenou com a cabeça, compreensivamente.

O que diz está muito certo, mas que quer? O coração da mulher que ama esquece muitas feridas. com certeza não faltaram cenas de recriminação entre eles, nos últimos meses?

Léonie voltou a abanar a cabeça:

Nunca, *monsieur.* Nunca ouvi a senhora soltar uma palavra de protesto ou sequer de censura! Tem o génio e o feitio de um anjo, é muito diferente do marido.

Monsieur Renauld não tinha o feitio de um anjo?

Longe disso! Quando se zangava toda a casa sabia. No dia em que discutiu com M. Jack... *ma* foi, gritaram tanto que devem tê-los ouvido no mercado!

E quamdo foi essa discussão? perguntou PoirOt.

Pouco antes de M. Jack partir para Paris. Até ia perdendo o comboio! Saiu da biblioteca e pegou na mala, que deixara no vestíbulo. O automóvel estava a reparar e ele teve de correr para a estação. Eu estava a limpar o pó, na sala, e vi-o passar. Tinha a cara muito branca e com duas rosetas encarnadas. Ah, como estava furioso!

Léonie parecia encantada com o que contava.

Porque discutiriam?
 Isso não sei. É verdade que gritavam, mas falavam tão
alto e tão depressa que só uma pessoa que soubesse muito bem
inglês os teria conseguido compreender. Mas o senhor era como
um trovão todo o dia. Impossível agradar-lhe!
O barulho de uma porta a fechar-se, no andar de cima, pôs
fim brusco à loquacidade de Léonie.
 Oh, é a Françoise que me espera! exclamou, lembrando-se
 tardiamente dos seus deveres. > Aquela velha tem sempre
que ralhar!
 Um momento, *mademoiselle.* Onde está o juiz de instrução?
 Foram ver o automóvel, à garaigem. O Sr. Comissário
pensa que pode ter sido utilizado na noite do crime.
 Quelle ideei murmurou Poirot, quando a rapariga desapareceu.
 Vai ter com eles?
 Não. Esperá-los-ei na sala, onde está fresco nesta manhã
escaldante.

Aquela maneira plácida de proceder não me agradava muito.
Se não se importa...calei-me, hesitante.
 De modo nenhum! Deseja investigar por sua conta, não
é verdade?
 Bem, gostaria de dar uma olhadela ao Giraud, se ele
estivesse por aí, para ver o que anda a fazer.
O cão de caça humano, murmurou Poirot, ao mesmo
tempo que se recostava numa confortável poltrona e fechava
os olhos. Não se prenda comigo, meu amigo. Au revoír.
Saí pela porta principal. Estava realmente calor. Meti pelo
caminho por onde fôramos na véspera. Apetecia-me observar
pessoalmente o cenário do crime. No entanto, não me dirigi
lá directamente; desviei-me para os arbustos, para desembocar no

campo de golfe uns centos de metros mais: à direita. Se
Giraud ainda lá estivesse, queria poder observar os seus métodos
sem ele dar pela minha presença. Mas naquele ponto os arbustos
eram muito mais densos e tive uma certa dificuldade em
abrir caminho através deles Quando desemboquei, finalmente,
no campo, foi tão inesperadamente e com tal ímpeto que choquei
com uma jovem que estava parada, de costas para o
matagal.
Ela abafou um grito, coisa natural nas circunstâncias, e eu'-
soltei uma exclamação de surpresa: tratava-se da minha amiga
do comboio, de Cinderela!
A surpresa foi mútua.
Você, exclamámos, simultaneamente.
A jovem foi a primeira a refazer-se da surpresa.
Minha rica tia! Que faz o senhor aqui?
O mesmo lhe pergunto eu.
Quando o vi pela última vez, anteontem, trotava para
casa, em Inglaterra, como um menino bonito. Deram-lhe um
bilhete de ida e volta, para a época, por influência do seu
membro do Parlamento?
Ignorei a última parte do discurso.
Quando *a* vi pela última vez, trotava para casa com a

sua irmã, como uma menina bonita. A propósito, como está a
sua irmã?
Recompensou-me um fulgor de dentes brancos.
Que amabilidade a sua, perguntar por ela! A minha irmã
está bem, obrigada
Encontra-se aqui consigo?
Ficou na cidade respondeu a atrevida, com um *ar*
muito digno.

Não acredito que tenha uma irmã afirmei, a rir. Se
tem, chama-se Harris!
E eu, como me chamo, lembra-se do meu nome? perguntou,
sorridente.
Cinderela. Mas agora vai dizer-me o seu nome verdadeiro,
não vai?
Abanou a cabeça', com uma expressão 'maliciosa.
Nem me diz, ao menos, porque está aqui?
Oh, isso!... Suponho que deve ter ouvido dizer que os
membros da minha profissão «descansam».
Em dispendiosas estâncias balneares francesas?
Baratíssimas, quando se sabe para onde ir.
Fitei-a atentamente.
No entanto, você não tinha nenhuma intenção de vir
para aqui quando a encontrei há dois dias...
Todos nós temos as nossas decepções redarguiu Cinderela,
sentenciosamente. E agora já lhe disse praticamente
tudo quanto lhe convém saber. Os rapazinhos não devem ser
perguntadores, é feio. Mas ainda não me disse o que está aqui
a fazer. Suponho que trouxe o M. P. a reboque, para se divertir
na praia?
Abanei a cabeça.
Engana-se. Lembra-se de lhe dizer que tinha um grande
amigo detective?
Lembro.
E talvez tenha ouvido falar do crime... aqui, na *Villa
Geneviève!*

Fitou-me muito séria. Os seus seios arfavam e tinha os
olhos arregalados.
Não quer dizer... que está metido nisso?

Acenei afirmativamente. Não havia dúvida de que marcara
pontos, e muitos. A emoção dela, ao fitar-me, era mais do
que evidente. Durante segundos permaneceu calada, a olhar-me,
e depois acenou com a cabeça» enfaticamente.
Por essa é que eu não esperava! Acompanhe-me, quero
ver todos os horrores!
Que quer dizer?
O que disse. Deus o abençoe, meu filho, não lhe confessei
que era doida por crimes? Porque julga que estou a pôr
em perigo os meus tornozelos, com estes sapatos de saltos altos
neste terreno? Há horas que ando a farejar por aqui! Tentei
entrar pela frente, mas o pachorrento do gendarme francês que
, lá está de guarda não foi nisso. Desconfio que Helena de Tróia,
Cleopatra e Maria Stuart, misturadas e transformadas numa só,
não conseguiriam nada dele! Foi uma grandíssima sorte encon-
trá-lo desta maneira! Vamos, mostre-me as vistas!
Mas, espere lá... não posso. É proibida a entrada a toda
a gente, são rigorosíssimos a esse respeito. ”
Você e o seu amigo não são figurões importantes?
Custou-me abandonar a minha importante ”posição...
Mas porque está tão interessada? perguntei, já quase
vencido. E que quer ver?
Oh, tudo! O lugar onde aconteceu, e a arma, e o corpo,
e quaisquer impressões digitais ou coisas importantes desse
género... É a primeira vez que tenho oportunidade de estar
mesmo no centro de um homicídio. Dar-me-á para o resto
da vida.’
O entusiasmo mórbido da rapariga nauseou-me. Já lera umas
coisas acerca das multidões de mulheres que cercavam os tribunais
quando algum desgraçado estava a ser julgado e se
arriscava a apanhar a pena de morte. Às vezes perguntava a

mim mesmo que género de mulheres seriam essas. Agora sabia.
73
Eram do género de Cinderela: jovens, mas cegas por uma ânsia
de excitação mórbida, de sensação a todo o preço, sem respeito
pela decência nem pelos bons sentimentos. A beleza viva da
rapariga atraíra-me, *mau* grado meu, mas no fundo conservava
a minha primeira impressão de desaprovação e antipatia. Uma
cara bonita a ocultar uma mente que se deleitava com horrores.
Desça do alto da sua importância e não se dê ares
Ordenou-me, de súbito, a rapariga. Quando o chamaram para
este trabalho pôs o nariz no ar e disse que era desagradável,
cheirava mal, e não se meteria nele?
Não, mas...
Se estivesse cá de férias não estaria aqui a farejar como
eu? Claro que estaria!
Mas eu sou um homem e você é uma mulher!
Para si, uma mulher é uma criatura que salta para cima
de uma cadeira e grita quando vê um rato. Tudo isso é pré-histórico.
Mas vai mostrar-me tudo, não vai? Faria uma grande
diferença para mim, se mostrasse...
Em que sentido?
Estão a manter todos os jornalistas afastados e eu podia
fazer um excelente negócio com um dos jornais. Não imagina
quanto pagam por informações de quem esteve no meio da
acção!
Hesitei. Enfiou a mão pequenina e macia na minha e
suplicou:
Por favor seja um querido!
Capitulei. Secretamente, sabia que me agradaria o papel de
cicerone. No fim de contas, a atitude moral revelada pela
rapariga não era da minha conta. Senti um certo receio do que

o juiz de instrução poderia dizer, mas tranquilizei-me pensando
que não havia mal nenhum naquilo.
Seguimos primeiro para o local onde o corpo fora encontrado.
O homem que estava de guarda saudou-me respeitosamente,
pois conhecia-me de vista, e não levantou qualquer
questão quanto à minha companheira. Presumivelmente pensou

que eu me responsabilizava por ela. Expliquei a Cinderela como
o corpo fora descoberto e ela ouviu-me com atenção e fez uma
ou duas perguntas inteligentes. Depois retrocedíamos na direcção
da moradia. Confesso que avancei com todas as cautelas,
pois não me agradava nada a ideia de encontrar alguém. Levei
a rapariga pelo meio dos arbustos até às traseiras da casa, onde
se erguia o pequeno barracão. Lembrei-me de que na véspera,
depois de fechar a porta à chave, M. Bex deixara a chave ao
sergent de ville Marchaud, «no caso de M. Giraud precisar dela
enquanto estivermos lá em cima». Pareceu-me natural que,
depois de a utilizar, o detective da Súreté a tivesse devolvido a
Marchaud. Deixei a rapariga oculta nos arbustos e entrei em
casa. Marchaud estava de sentinela do lado de fora da porta da
sala, de cujo interior vinha um murmúrio de vozes.
Deseja falar com M. Hautet? Está lá dentro, a interrogar
de novo a Françoise.
Não apressei-me a responder, não desejo falar
com ele. Mas agradecia que me emprestasse a chave do barracão,
se não fosse contra as ordens que recebeu.
com certeza, aqui está. O Sr. Juiz deu ordens para que
se pusesse tudo ao vosso dispor. SÓ lhe peço que ma devolva,
quando não precisar dela.
Esteja descansado.
Senti um arrepiozinho de satisfação ao pensar que, pelo

menos aos olhos de Marchaud, tinha tanta importância como Poirot. A rapariga esperava-me e soltou uma exclamação de prazer ao ver a chave na minha mão.

Conseguiu-a?

Claro que consegui respondi, friamente. Mesmo assim, o que estou a fazer é muito irregular.

Foi um anjo perfeito, não o esquecerei. Vamos. Não nos podem ver d'a casa, pois não?

-Espere um momento pedi, tentando travar o seu avanço acelerado. Não a deterei, se desejar realmente entrar. Mas deseja mesmo? Já viu a sepultura e o campo e eu contei-

-lhe todos os pormenores do caso. Não acha suficiente? Isto vai ser chocante... e desagradável.

Olhou-me com uma expressão que não consegui identificar e depois riu-se.

Horrores é comigo! Vamos.

Chegámos em silêncio à porta do barracão. Abri-a, entrei, dirigi-me para o corpo e, cuidadosamente, afastei o lençol, como M. Bex fizera na tarde anterior. Ouvi uma espécie de arquejo, virei-me e olhei para a rapariga. Agora era horror o que tinha estampado no rosto; a despreocupada boa disposição abandonara-a. Não quisera ouvir os meus conselhos e agora estava a ser castigada por isso. Senti-me estranhamente implacável a seu respeito. Já que insistira, agora teria de aguentar até ao fim. Virei o cadáver, devagar.

Como vê, foi apunhalado nas costas expliquei.

com quê? perguntou, em voz quase inaudível.

Inclinei a cabeça na direcção do frasco de vidro:

com aquele punhal.

De súbito, a rapariga cambaleou e caiu, numa trouxa. Acerquei-me

imediatamente, para a auxiliar.
Está fraca. Saiamos daqui para fora; foi demasiado para si.
Agua murmurou. Depressa. Água.
Deixei-a e voltei a correr a casa. Felizmente não estava
por ali nenhuma das criadas e pude encher um copo de água
e acrescentar-lhe umas gotas de brande, do meu frasco de
bolso. Poucos minutos depois encontrava-me de novo no
barracão. A rapariga estava deitada como a deixara, mas alguns
golos de água com brande reanimaram-na extraordinariamente.
Leve-me daqui para fora . depressa, depressa! suplicou,
toda a tremer.
Amparei-a e conduzi-a para o exterior. Ela puxou a porta,
para a fechar, e respirou fundo.
Ah, estou melhor! Foi horrível! Porque me deixou entrar?
Aquilo pareceu-me tão feminino que não contive um sorriso.
Intimamente, o seu desfalecimento não me desagradara, pois

provava que não era tão insensível como a imaginara. No fim
de contas, pouco mais era do que uma garota e a sua curiosidade
fora uma coisa instintiva, impensada.
Bem sabe que fiz o possível para a deter lembrei, em
tom brando.
Creio que fez. Bem, adeus.
Escute, não se pode ir embora assim... sozinha. Não está
em condições... Insisto em acompanhá-la até Merlinville.
Não diga tolices, já me sinto perfeitamente bem.
E se volta a desfalecer? Não, eu acompanho-a. - <
Mas ela opôs-se a isso com boa dose de energia. No fim,
porém, consegui que me autorizasse a acompanhá-la até à
entrada da cidade. Retrocedemos pelo caminho que percorrêramos,
passámos de novo pela sepultura, fizemos um desvio e

chegámos à estrada. Quando a primeira enfiada de estabelecimentos
começou, a minha companheira parou e estendeu
a mão.
Adeus e muitíssimo obrigada por ter vindo comigo.
Tem a certeza de que está bem?
Tenho, obrigada. Espero que não arranje problemas por
me ter mostrado aquelas coisas...
Afirmei-lhe despreocupadamente que não tinha impor-”
tância.
Bem, adeus.
Au revoir corrigi. Se está na cidade,- voltaremos a
ver-nos.
Pois claro concordou, sorrindo. Au *revoir,* então.
Espere um momento, não me disse a sua morada...
Estou no *Hotel du Phare.* É pequeno, mas bom. Vá-me
lá ver amanhã.
Irei respondi, talvez com desnecessário entusiasmo.
Segui-a com o olhar até desaparecer e depois regressei à
moradia. Lembrei-me de que não voltara a fechar a porta do
barracão à chave. Felizmente ninguém dera pelo descuido, que
77
me apressei a remediar. Depois fui devolver a chave ao *sergent*
de Ville. De súbito, lembrei-me de que, embora Cinderella me
tivesse dito onde estava, eu continuava a não saber como se
chamava.

CAPÍTULO IX

M. *Giraud Descobre Algumas Pistas*

Na sala, o juiz de instrução interrogava açodadaimente o
velho jardineiro, Auguste. Poirot e o comissário, que estavam
presentes, saudaram-me respectivamente com um sorriso e uma
inclinação de cabeça cortês. Sentei-me em silêncio numa cadeira.

M. Hautet era de uma meticulosidade extrema, mas não conseguia arrancar ao homem nada de importância.

Auguste admitiu que as luvas de jardinagem eram suas. Calçava-as quando tinha de trabalhar com certas espécies de prímulas, que eram venenosas para algumas pessoas. Não se lembrava quando as usara pela última vez. Não, com certeza que não dera por falta delas. Onde as guardava? Umas vezes num lugar, outras noutro... A pá encontrava-se geralmente na pequena barraca das ferramentas. Se estava fechada à chave? Claro que sim. Onde ficava a chave? *Parbleu,* na porta, onde havia de ser? Não havia nada de valor para roubar. Quem iria pensar numa quadrilha de bandidos, de assassinos? Essas coisas não aconteciam no tempo de *Madame la Vicomtesse.*

M. Hautet fez-lhe sinal de que não desejava mais nada e o velho retirou-se, sempre a resmungar. Lembrando-me da inexplicável insistência; de Poirot na importância das pegadas dos canteiros, observara-o atentamente, durante o interrogatório. Ou não tinha nada a ver com o crime, ou era um actor consumado.

De súbito, precisamente quando ele ia a sair, tive uma ideia:

Perdão, M. Hautet, permite que faça uma pergunta ao jardineiro?

Certamente, *monsieur.*

Encorajado, voltei-me para Auguste e desfechei-lhe:

Onde guarda as botas?

Sac à papier! rosnou o velho. Nos pés, onde havia de ser? <.

Mas quando se deita, à noite?

Debaixo da cama.

Quem as limpa?

Ninguém. Porque haviam de ser limpas? Acaso me passeio
à beira-mar, como um rapaz novo? Aos domingos uso as botas
de domingo, *bien entendu,* mas tirando isso...
Encolheu os ombros e eu abanei a cabeça, desanimado.
Bem, bem, não adiantámos muito > comentou o magistrado.
Não há dúvida de que estamos praticamente imobilizados,
até recebermos a resposta ao telegrama enviado para
Santiago. Alguém viu o Giraud? com franqueza, cortesia é
coisa que não tem! Estou muito tentado a mandá-lo chamar e...
- Não precisará de mandar chamar-me longe, Sr. Juiz.
A voz serena sobressaltou-nos. Giraud estava parado no
terraço, a olhar pela janela aberta. Entrou na sala, com grandes
passadas e dirigiu-se para a mesa.
Cá estou, Sr. Juiz, ao seu serviço. Queira desculpar não"
me ter apresentado mais cedo.
Não tem importância, não tem importância redarguiu
o magistrado, muito confuso.
Claro que não passo de um detective prosseguiu o
outro. Não percebo nada de interrogatórios. No entanto, se
fizesse algum, creio que teria o cuidado de fechar a janela.
Quem parar lá fora poderá ouvir sem dificuldade tudo quanto
se disser. Mas não interessa.
M. Hautet corou, furioso. Era evidente que a amizade entre
o juiz de instrução e o detective encarregado de deslindar o
caso estava fora de questão. Tinham antipatizado um com o
outro à primeira vista. Talvez isso fosse, de resto, inevitável.
Para Giraud, todos os juizes de instrução eram idiotas, *e para*

M. Hautet, que se tomava muito a sério, a sem-cerimónia do
detective parisiense constituiria sempre uma ofensa.
Eh bien, M. Giraud disse o magistrado, em tom

ácido , certamente tem andado a empregar o seu tempo com
muita utilidade? Já nos sabe dizer os nomes dos assassinos,
não é verdade? E também o lugar preciso onde agora se encontram?
Giraud respondeu, sem se deixar perturbar pela ironia:
Sei pelo menos donde vieram.
Comment?
O detective tirou dois pequenos objectos da algibeira e colocou-os
em cima da mesa. Aproximámo-nos todos. Os objectos
eram muito simples: a ponta de um cigarro e um fósforo não
queimado. Giraud virou-se para Poirot e perguntou-lhe:
Que vê aqui?
Havia algo de brutal no seu tom, algo que me incendiou as
faces. Mas Poirot limitou-se a encolher os ombros e a responder,
impassível:
A ponta de um cigarro e um fósforo.
E que lhe diz isso?
Poirot abriu as mãos e replicou:
O que me diz? Nada.
Ah! exclamou o outro, satisfeito. Não estudou estes
objectos. Este fósforo não é um fósforo vulgar, pelo menos
neste país. Mas é corrente na América do Sul. Felizmente
não foi aceso, pois de contrário talvez não o pudesse identificar.
É evidente que um dos homens deitou fora a ponta do cigarro
e, ao acender outro, deixou cair um fósforo da caixa.
E o outro fósforo? perguntou Poirot.
Qual?
O que serviu para acender o cigarro. Também o encontrou?
Não.
Talvez não tenha procurado muito bem.
Não tenha procurado muito bem!...Por momentos,

pareceu que o detective ia explodir, furioso, mas dominou-se, embora com esforço. Vejo que gosta de brincar, M. Poirot. De qualquer modo, com fósforo ou sem fósforo, a ponta do cigarro seria suficiente. É um cigarro sul-americano, com mortalha peitoral, de mentol.

Poirot fez uma vénia e o comissário observou:

A ponta do cigarro e o fósforo podem ter pertencido a M. Renauld. Lembre-se de que só veio da América do Sul há dois anos.

Não redarguiu o outro, com convicção. Passei revista às coisas de M. Renauld e os cigarros que fumava e os fósforos que usava eram absolutamente diferentes.

Não acha estranho que esses desconhecidos não tivessem vindo prevenidos com uma arma, nem com luvas, nem com uma pá, e encontrassem todas essas coisas com tanta facilidade? perguntou Poirot.

Giraud sorriu, com ar superior, e respondeu:

Sem dúvida que é estranho. Na verdade, sem a teoria que elaborei, seria até inexplicável.

Ah! exclamou M. Hautet. Um cúmplice. Um cúmplice dentro de casa!

Ou fora dela declarou Giraud, com um sorriso pé-., culiar.

Mas alguém lhes deve ter aberto a porta, não acha? Não podemos partir do princípio de que, por um bambúrrio de sorte sem paralelo, tenham encontrado a porta” aberta à sua espera, para entrarem sem dificuldade!

D’accord, Sr. Juiz. A porta foi-lhes aberta... mas pode tê-lo sido pelo exterior, por alguém que tinha uma chave.

Mas quem a tinha?

Giraud encolheu osombros.

Quanto a isso, quem a tiver não o confessará, se puder
evitá-lo. Mas há várias pessoas que *podiam* ter uma chave. Por
exemplo, o filho, M. Jack Renauld. É verdade que vai a caminho
da América do Sul, mas pode ter perdido a chave, ou podem

ter-lha roubado. Há também o jardineiro, que trabalha cá há
muitos anos. Uma das criadas mais novas pode ter um namorado.
 .. É fácil tirar o molde de uma chave e mandar fazer um
duplicado. Enfim, não faltam possibilidades. Há ainda outra
pessoa que, quanto a mim, não será nada para estranhar se
tiver uma chave em seu poder.
 Quem?
 Madame Daubreuil respondeu o detective, secamente.
 Oh, oh! exclamou o magistrado, de monco um pouco
caído. Então também ouviu falar disso?
 Eu ouço tudo afirmou Giraud, imperturbável.
 Há uma coisa que juraria não ouviu disse M. Hautet,
encantado por poder alardear maior conhecimento, e vá de
contar a história da misteriosa visitante da noite anterior, de
aludir ao cheque passado a favor de *Duveen* e, finalmente, de
entregar a Giraud a carta assinada por *Bella.*
Giraud ouviu-o em silêncio, leu a carta com atenção e
devolveu-a.
 Muito interessante, Sr. Juiz. Mas a minha teoria mantém-se.
 E qual é a sua teoria?
 Por enquanto, prefiro não a revelar. Lembre-se de que
ainda agora comecei a investigar.
 Diga-me uma coisa, M. Giraud pediu Poirot, de súbito.
 A sua teoria poderá explicar porque estava a porta aberta,
mas não explica porque foi deixada aberta, depois. Não seria

natural que, ao saírem, fechassem a porta? Se um *sergent de ville* passasse por acaso, como às vezes acontece para ver se está tudo em ordem, eles arriscavam-se a ser descobertos e apanhados quase acto contínuo.

Ora, esqueceram-se! Foi um erro, garanto-lhe.

Então, para minha surpresa, Poirot proferiu quase textualmente as palavras que proferira na véspera, dirigidas a Bex:

«Não concordo *consigo.* A porta ficou aberta quer proposita-

damente, quer por necessidade, e qualquer teoria que não conte com esse facto será vã.»

Olhámos todos para o homenzinho com uma boa dose de espanto. A confissão de ignorância que lhe fora arrancada, acerca do fósforo e da ponta do cigarro, tivera a intenção de o humilhar, mas ali estava ele, senhor de si como sempre, a dizer ao grande Giraud como as coisas eram, a dizê-lo sem a mínima hesitação.

O detective torceu o bigode e olhou para o meu amigo com certo ar de mofa.

Não concorda comigo, hem? Que lhe pareceu estranho no caso? Vamos lá ouvir as suas opiniões.

Há uma coisa que me parece significativa. Diga-me, M. Giraud, não acha nada de familiar neste caso? Ele não lhe recorda nada?

Familiar? Se não me recorda nada? Assim de repente, não sei... Mas creio que não.

Está enganado declarou Poirot, calmamente. Já se cometeu, antes, um crime quase igual.

Quando? E onde?

Ah, infelizmente não me lembro, de momento., mas hei-de lembrar-me. Esperava que *você* me pudesse ajudar.

Tem havido muitos casos de homens mascarados.» resmungou
Giraud, incrédulo. Não me posso lembrar de pormenores
de todos eles. Esses crimes parecem-se todos mais
ou menos uns com os outros.

Há aquilo a que se chama o toque individual. Poirot
assumiu, de súbito, o seu tom professoral e dirigiu-se a todos
os presentes. Estou a falar-lhes da psicologia do crime.
M. Giraud sabe muito bem que cada criminoso tem o seu
método especial e que a Polícia, quando chamada a investigar
um caso de arrombamento, digamos, pode muitas vezes
fazer uma ideia de quem é o autor, baseando-se simplesmente
no método empregado. (O Japp dir-te-ia o mesmo, Hastings.)
O homem é um animal sem originalidade. Sem originalidade

quando procede dentro da lei, na sua respeitável vida quotidiana,
e igualmente sem originalidade fora da lei. Se um
homem comete um crime, qualquer outro crime que venha
a cometer assemelhar-se-á muito ao primeiro. O assassino inglês
que se livrou sucessivamente das mulheres afogando-as no
banho, é um exemplo. Se tivesse usado métodos diferentes,
talvez ainda hoje continuasse por descobrir. Mas ele obedeceu
aos ditames comuns da natureza humana, dizendo para consigo
que o que saíra bem uma vez voltaria a sair, e por isso pagou
o preço da sua falta de originalidade.

Mas aonde quer chegar com tudo isso? indagou Giraud.

Quero chegar ao seguinte: quando temos dois crimes
exactamente similares em método e execução, verificamos que '
temos o mesmo cérebro atrás de ambos. É esse cérebro que
procuro, M. Giraud... e hei-de encontrá-lo. O que acabo de lhe
dizer é uma pista verdadeira, uma pista psicológica. O senhor
pode saber tudo acerca de pontas de cigarros e fósforos,

M. Giraud, mas eu, Hercule Poirot, conheço a mente do
homem! e o ridículo homenzinho bateu enfaticamente na
testa.
Giraud não se mostrou nada impressionado.
Para sua orientação prosseguiu o meu amigo, chamo
ainda a sua atenção para um facto que lhe poderá passar despercebido:
o relógio de pulso de Madame Renauld, no dia seguinte
à tragédia, tinha-se adiantado duas horas. Talvez lhe
interesse examiná-lo.
Giraud fitou-o, surpreendido.
Talvez costumasse adiantar-se alvitrou.
Na verdade, disseram-me que costumava.
Eh bien, aí tem!
Mesmo assim, duas horas é muito observou Poirot,
docemente. Há também a questão das pegadas no canteiro.
Inclinou a cabeça na direcção da janela aberta e Giraud
deu duas grandes passadas e foi ver.
Este canteiro, aqui?

Sim.
Mas eu não vejo pegadas nenhumas!
Pois não concordou Poirot, enquanto endireitava uma
rima de livros numa mesa. Não há pegadas nenhumas.
Por momentos, uma cólera quase homicida transtornou o
rosto de Giraud, que deu dois passos na direcção do seu
atormentador. Nesse momento, porém, a porta abriu-se e Marchaud
anunciou:
M. Stonor, o secretário, acaba de chegar de Inglaterra.
Pode entrar?

CAPÍTULO X

h

Gabriel Stonor

O homem que entrou na sala tinha uma figura impressionante.
Muito alto e atlético, de rosto e pescoço profundamente
bronzeados, dominava todos os outros presentes. Até Giraud
parecia anémico comparado com ele. Quamdo tive oportunidade
de o conhecer melhor compreendi que Gabriel Stonor possuía
uma personalidade invulgar. Inglês pelo nascimento, andara às
voltas praticamente pelo mundo inteiro. Caçara caça grossa
em África, tivera um rancho na Califórnia e traficara nas ilhas
dos mares do Sul. Fora secretário de um magnata dos caminhos-de-ferro,
em Nova Iorque, e passara um ano acampado no deserto
com uma tribo de árabes.

O seu olhar experiente identificou logo M. Hautet:

É o juiz de instrução encarregado do caso? Prazer em
conhecê-lo, Sr. Juiz. Terrível situação! Como está Mrs. Renauld?
Tem sabido suportar a provação? Deve ter sido um choque
tremendo para ela.

Terrível, terrível concordou M. Hautet. Permita que
lhe apresente M. Bex, o nosso comissário da Polícia, e M.
Giraud, da Súreté. Este cavalheiro é M. Hercule Poirot. M. Re-

nauld mandou-o chamar, mas ele já não chegou a tempo de
evitar a tragédia. O capitão Hastings, amigo de M. Poirot.

Stonor fitou Poirot com certo interesse.

Mandou-o chamar?

>Não sabia que M. Renauld tencionava contratar um
detective? interveio M. Bex.

Não, não sabia. Mas não me surpreende nada.

Porquê?

Porque o velho andava transtornado! Não sei de que se
tratava, não mo disse. As nossas relações não eram do género

que leva a confidências. Mas que ele andava assustado, andava,
e muito!
Hum...resmungou M. Hautet. Não faz nenhuma
ideia do motivo?
Já disse que não, Sr. Juiz.
Desculpar-me-á, M. Stonor, mas temos de começar por
preencher certas formalidades. Como se chama?
Gabriel Stonor.
Há quanto tempo se tornou secretário de M. Renauld?
Há cerca de dois anos, quando ele chegou da América do
Sul. Conheci-o por intermédio de um amigo comum e ele ofereceu-me
o lugar. Era um excelente patrão.
Falava muito consigo acerca da sua vida na América
do Sul?
Sim, um bom bocado.
Sabe se esteve alguma vez em Santiago?
Creio que esteve lá várias vezes.
Nunca mencionou nenhum incidente especial que lá
tivesse ocorrido, nada que pudesse ter originado qualquer
vendetta contra ele?
Nunca.
Falou-lhe de qualquer segredo de que tivesse tomado
conhecimento enquanto lá esteve?
Não.
Alguma vez se referiu a algum segredo?

Que me lembre, não. Mas, apesar disso, havia um mistério
nele. Por exemplo, nunca o ouvi falar da sua mocidade
nem de qualquer período anterior à sua chegada à América do
Sul. Era canadiano francês pelo nascimento, suponho, mas
nunca o ouvi falar da sua vida no Canadá. Sabia fechar-se como

uma ostra, quando queria.

Tanto quanto o senhor sabe, não tinha inimigos, não é verdade? E também não nos sabe indicar qualquer pista relacionada com um segredo que possa ter levado ao seu assassínio?

Não.

M. Stonor, alguma vez ouviu o apelido de Duveen relacionado com M. Renauld?

Duveen, Duveen...'repetiu o nome diversas vezes, a tentar lembrar-se. Creio que não, embora me pareça familiar.

Conhece uma senhora, uma amiga de M. Renauld, cujo nome é Bella?

Mr. Stonor abanou a cabeça.

Bella Duveen? É esse o nome completo? É curioso! Tenho a certeza de que conheço o nome, mas de momento não me lembro com quem se relaciona.

O magistrado pigarreou.

Deve compreender, M. Stonor, que num caso destes, não *se deve estar com reservas.* Talvez por um sentimento de consideração para com Madame Renauld pela qual deduzo que tem grande respeito e afecto, talvez... M. Hautet fez uma pausa, sem saber como prosseguir. Enfim, repito que não deve haver reservas absolutamente nenhumas.

Stonor fitou-o, com um brilho de compreensão a despontar nos olhos.

Não estou a entendê-lo bem murmurou, suavemente.

Que tem Mrs. Renauld a ver com o caso? Tenho, de facto, imenso respeito e uma grande admiração por essa senhora. Ela é maravilhosa, uma mulher invulgar, mas não compreendo como poderão as minhas reservas, ou como quiser chamar-lhes, afectá-la.

Nem se essa tal Bella Duveen tiver sido algo mais do que amiga do marido de Madame Renauld?

Ah, agora percebo-o! Mas apostaria o meu último dólar em como está enganado. O velho não olhava sequer para saias; adorava a mulher. Nunca conheci casal mais dedicado.

M. Hautet abanou a cabeça, devagarinho.

M. Stonor, temos uma prova irrefutável, uma carta de amor escrita pela dita Bella a M. Renauld, acusando-o de se ter cansado dela. Além disso, também temos provas de que, aquando da sua morte, mantinha um romance com uma francesa, uma tal Madame Daubreuil, residente na moradia vizinha. Era esse o homem que, segundo as suas palavras, não olhava sequer para saias!

O secretário semicerrou os olhos.

Mais devagar, Sr. Juiz, enganou-se na porta. Conheci Paul Renauld e o que acaba de me dizer é absolutamente impossível. Deve haver outra explicação qualquer.

O magistrado encolheu os ombros.

Que outra explicação poderá haver?

Porque pensa que se tratava de um romance de amor?

Madame Daubreuil tinha o hábito de o visitar aqui, à noite. Além disso, depois da vinda de M. Renauld para a *Villa Geneviève,* Madame Daubreuil depositou grandes quantias na sua conta bancária, em notas. O equivalente, em dinheiro inglês, a quatro mil libras, ao todo.

Creio que as suas contas estão certas admitiu Stonor, calmamente. Transferi essas importâncias a Mr. Renauld, a pedido dele. Mas não se tratava de romance nenhum.

Eh, mon Dieu! Que outra coisa poderia ser?

Chantagem! replicou vivamente Stonor, e deu uma palmada forte na mesa. Era isso que era.

Ah, voilá *une idée!* exclamou o juiz, impressionado,
apesar de tudo.
Chantagem repetiu Stonor. O velho estava a ser
sangrado, e sangrado a um bom ritmo. Quatro mil libras em
88
dois meses. Soltou um assobio significativo. Disse-lhe há
pouco que havia um mistério relacionado com Renauld. É evi-
dente que essa tal madame Daubreuil sabia o suficiente a esse
[>< respeito para lhe dar um aperto.
É possível! exclamou o comissário, todo excitado.
É possível, decididamente!
Possível? gritou Stonor. É certo! Ora digam-me, in-
terrogaram Mrs. Renauld acerca dessa história do romance
de amor?
Não. Não quisemos causar-lhe desgosto, desde que pu-
desse ser razoavelmente evitado.
Desgosto? Ela rir-se-lhe-ia na cara! Já lhe disse que ela
e Renauld eram um casal como há poucos.
Isso recorda-me outro pormenor declarou M. Hautet.
M. Renauld fez-lhe confidências quanto às disposições do
seu testamento?
Estou ao corrente dele, fui eu que o levei ao advogado,
depois de M. Renauld o ter feito. Posso indicar-lhe o nome dos
solicitadores que o têm, se desejar. As disposições são muito
simples: metade da fortuna para a mulher, em usufruto durante
toda a sua vida, e o resto para o filho. Alguns legados... creio
que me deixou mil libras. ,
Quando foi esse testamento redigido? , ,.-,.,
Há cerca de ano e meio.
Ficaria muito surpreendido, M. Stonor, se soubesse que
M. Renauld fez outro testamento há menos de uma quinzena?

Stonor ficou, visivelmente, muito surpreendido.
Não fazia ideia. De que consta?
Toda a fortuna é deixada à mulher, incondicionalmente. ,
O filho não é mencionado.
M. Stonor soltou novo assobio prolongado.
” Acho isso muito duro para o rapaz. A mãe adora-o,
claro, mas aos olhos do mundo parece uma falta de confiança
da parte do pai. Deve ser muito humilhante para o seu orgulho.
89
No entanto, é mais uma prova do que afirmei: as relações
entre Renauld e a mulher eram excepcionais.
Sem dúvida, sem dúvida murmurou M. Hautet.
É possível que tenhamos de rever as nossas ideias acerca de
vários pontos. Claro que telegrafámos para Santiago e aguardamos
uma resposta de lá a todo o momento. É muito possível
que depois disso tudo se apresente perfeitamente claro e simples.
Por outro lado, se a sua sugestão quanto à chantagem está
certa, Madame Daubreuil poderá dar-nos informações valiosas.
Poirot interveio:
M. Stonor, o motorista inglês, Masters, estava há muito
tempo com M. Renauld?
Há mais de um ano.
Sabe, por acaso, se ele esteve na América do Sul?
Tenho a certeza de que não esteve. Antes de trabalhar
para M. Renauld esteve muitos anos ao serviço de umas pessoas
de Gloucestershire que eu conheço muito bem.
Acha que pode responder por ele, como estando acima
de qualquer suspeita?
Absolutamente.
Poirot pareceu um pouco decepcionado.
Entretanto, o juiz mandara chamar Marchaud.

Apresente os meus cumprimentos a Madame Renauld
e diga-lhe que gostaria de falar com ela durante alguns minutos.
Mas peça-lhe que não se incomode; eu subirei.
Marchaud fez a continência e saiu da sala.
Esperámos alguns minutos e depois, para nossa surpresa,
a porta abriu-se e Mrs. Renauld, mortalmente pálida, entrou
na sala.
M. Hautet apressou-se a puxar uma cadeira, ao mesmo
tempo que reiterava a sua intenção de não a incomodar, e ela
agradeceu-lhe, a sorrir. Stonor apertou-lhe uma das mãos nas
suas, numa manifestação eloquente de simpatia e compaixão.
Era evidente que não sabia que dizer, de tão comovido.
Mrs. Renauld virou-se para M. Hautet e lembrou-lhe:
90
Desejava perguntar-me qualquer coisa, Sr. Juiz?
Se me der licença, *madame.* Consta-me que o seu marido
era canadiano/francês pelo nascimento. Sabe dizer-me alguma
coisa da sua juventude ou da maneira como foi criado?
Mrs. Renauld abanou a cabeça.
O meu marido foi sempre muito reticente a seu respeito,
monsieur. Suponho que teve uma infância infeliz, pois
não gostava de falar desse tempo. Vivíamos a nossa vida inteiramente
no presente e para o futuro.
Havia algum mistério na sua vida passada?
Mrs. Renauld sorriu um pouco e abanou a cabeça:
Não creio que se tratasse de uma coisa tão romântica,
Sr. Juiz.
M. Hautet sorriu também.
Claro, não devemos ser melodramáticos. Só mais uma
coisa... mas calou-se, hesitante.
Stonor interveio, impetuosamente:

Meteu-se-lhes na cabeça uma ideia extraordinária, Mrs. Renauld! Imagine, estão convencidos de que M. Renauld tinha uma intriga amorosa com uma tal Madame Daubreuil, que parece morar na vivenda vizinha!

Uma onda escarlate tingiu as faces de Mrs. Renauld, que. endireitou a cabeça e mordeu os lábios, toda trémula. Stonor fitou-a, estupefacto, e M. Bex inclinou-se para ela e disse, docemente:

Lamentamos causar-lhe desgosto, *madame,* mas precisamos de saber se tem algum motivo para crer que Madame Daubreuil era amante do seu marido.

Mrs. Renauld soltou um soluço angustiado e ocultou o rosto nas mãos. Os seus ombros estremeceram convulsivamente. Por fim levantou a cabeça e disse, em voz trémula:

Deve ter sido.

Nunca na minha vida vi nada que se comparasse ao espanto absoluto que se estampou na cara de Stonor. O indivíduo estava completamente aparvalhado.

CAPÍTULO XI

Jack Renauld

Não faço ideia do rumo que a conversa teria seguido se nesse momento a porta não se abrisse violentamente para dar passagem a um jovem alto.

Por instantes tive a sensação de que o morto ressuscitara, mas depois reparei que aquela cabeça morena não tinha madeixas grisalhas e que quem irrompera entre nós com tão pouca cerimónia era um simples rapaz. Foi direito a Mrs. Renauld com uma impetuosidade totalmente alheia à presença de estranhos.

Mãe!

Jack! gritou Mrs. Renauld e abraçou-o. Meu querido!

Mas porque estás aqui? Devias ter embarcado no *Anzora,* em Cherbourg, há dois dias! Lembrando-se, de súbito, da presença dos outros, virou-se para nós com certa dignidade e apresentou: O meu filho, *messieurs.*

Ah! exclamou M. Hautet, retribuindo a inclinação de cabeça do jovem. Então não embarcou no *Anzora?*

Não, *monsieur.* Como ia explicar, o *Anzora* teve de atrasar a partida vinte e quatro horas, por avaria nos motores. Eu devia, portanto, ter partido a noite passada, em vez de na anterior, mas comprei por acaso um jornal vespertino e li a notícia da... da horrível tragédia que desabou sobre nós...

A voz tremeu-lhe e os olhos encheram-se-lhe de lágrimas. > Meu pobre pai, meu pobre pai...

Fitando-o como num sonho, Mrs. Renauld repetia:

Então não embarcaste? E depois, com um gesto de infinito cansaço, murmurou, como se falasse sozinha: No fim de contas, não importa... agora.

Sente-se, M. Renauld, peço-lhe convidou M. Hautet, indicando uma cadeira. Lamento-o profundamente, deve ter sido um choque tremendo para si tomar conhecimento da tra-

92

gédia dessa maneira. No entanto, considero uma sorte que não tenha podido embarcar, pois tenho esperança de que nos saiba dar informações que nos permitam deslindar este mistério.

! Estou ao seu dispor, Sr. Juiz. Pergunte o que quiser.

Para começar, consta-me que ia fazer a viagem a pedido do seu pai, não é verdade?

Exactamente, Sr. Juiz. Recebi um telegrama dele a mandar-me seguir sem demora para Buenos Aires e daí, via Andes, para Valparaíso e Santiago.

Ah! E qual era o objectivo dessa viagem?

Não faço a mínima ideia, Sr. Juiz.
Como?
Não faço a mínima ideia. Aqui tem o telegrama. .
O magistrado leu-o em voz alta:
«Segue imediatamente Cherbourg e embarca *Anzora* que
parte esta noite Buenos Aires. Destino final Santiago. Encon-
trarás mais instruções Buenos Aires. Não falhes. Assunto máxima
importância. Renauld.» Não recebera qualquer correspon-
dência anterior, acerca do assunto?
,, Jack Renauld abanou a cabeça.
Esse telegrama foi a única coisa. Sabia, claro, que em
virtude de lá ter vivido tanto tempo, o meu pai tinha, com
certeza, muitos interesses na América do Sul Mas nunca ma-
nifestara qualquer intenção de lá me mandar.
E Passou muito tempo na América do Sul, não é verdade,
M. Renauld?
Estive lá em criança, mas fui educado em Inglaterra, país
onde passei a maior parte das minhas férias. Por isso sei muito
menos a respeito da América do Sul do que se poderá supor.
M. Hautet acenou com a cabeça e prosseguiu com o interro-
gatório, obedecendo a um esquema que entretanto já se tornara
muito nosso conhecido. Em resposta às suas perguntas, Jack
Renauld afirmou decisivamente nada saber quanto a possíveis
inimigos que o pai pudesse ter na cidade de Santiago ou em
qualquer outra parte do continente sul-americano; não ter no-

tado nenhuma diferença na atitude do pai, ultimamente, e
nunca o ter ouvido aludir a um segredo. Considerara a viagem
à América do Sul relacionada com interesses comerciais.
Quando M. Hautet se calou, Giraud disse, calmamente:
Gostaria de fazer algumas perguntas por minha conta,

Sr. Juiz.
 Faça favor, M. Giraud respondeu-lhe o magistrado,
com frieza.
Giraud chegou a cadeira um pouco mais para a mesa e
começou:
 Estava em boas relações com o seu pai, M. Renauld?
 Claro que estava redarguiu o *rapaz,* altivamente.
 Afirma isso positivamente?
 Afirmo.
 Não havia pequenas disputas?
 Toda a gente pode ter uma divergência de opinião, de
vez em quando respondeu Jack Renaul, com um encolher
de ombros.
 Sem dúvida, sem dúvida. Mas se alguém afirmasse que o
senhor teve uma violenta discussão com o seu pai na véspera
de partir para Paris, se alguém afirmasse isto estaria com
certeza a mentir, não?
Não pude deixar de admirar o engenho de Giraud. Quando
se vangloriara de saber tudo não falara em vão. Jack Renauld
ficou claramente atrapalhado com a pergunta.
 Nós... nós tivemos uma altercação admitiu.
 Ah, uma altercação! E no decorrer dessa altercação
utilizou a seguinte frase: «Quando você morrer, poderei fazer
o que me apetecer!»?
 Posso ter dito, não sei.
 Em resposta a isso o seu pai disse: «Mas eu ainda não
estou morto!», ao que o senhor replicou: «Quem dera que estivesse!»
Jack Renauld ficou calado, a mexer nervosamente nas coisas
que estavam em cima da mesa, à sua frente.

 Peço-lhe o favor de uma resposta, M. Renauld exigiu

Giraud, duramente.

O rapaz soltou uma exclamação de cólera e deixou cair uma pesada faca de cortar papel ao chão.

Que interessa, no fim de contas? Sim, o melhor é dizer-lhe. É verdade, discuti com o meu pai e creio que disse todas essas coisas. Estava tão furioso que nem sequer me lembro das palavras que empreguei, estava tão furioso que... que nesse momento teria sido capaz de o matar! Aí tem, agora tire as conclusões que quiser do que acabo de dizer. Recostou-se na cadeira, corado e com um ar de desafio.

Giraud sorriu, empurrou a cadeira um nadinha para trás e declarou:

Não desejo mais nada. Prefere, sem dúvida, continuaro interrogatório, Sr. Juiz.

Sim, sem dúvida concordou M. Hautet. Qual foi o assunto da discussão?

Recuso-me a responder.

M. Hautet endireitou-se na cadeira, surpreendido.

M. Renauld, não é permitido brincar com a autoridade! berrou. Qual foi o assunto da discussão? »

O jovem Renauld permaneceu silencioso, com o rosto agarotado sombrio. Mas outra voz soou, imperturbável e serena: a voz de Hercule Poirot:

Eu informo-o, se desejar, Sr. Juiz.

O senhor sabe?

com certeza que sei. O assunto da discussão foi Mademoiselle Marthe Daubreuil.

Renauld virou a cabeça, assustado, e o magistrado inclinou-se para a frente e perguntou:

É verdade, *monsieur?*

Jack Renauld baixou a cabeça.

É confessou. Amo Mademoiselle Daubreuil e desejo casar com ela. Quando informei o meu pai do facto ele disparatou imediatamente, tomado de violenta cólera. Claro que não
95
pude ouvir insultar a rapariga que amava e perdi também a tramontana.

M. Hautet olhou para Mrs. Renauld e perguntou-lhe:

Estava ao corrente deste... afecto, madame?

Receava-o respondeu ela, simplesmente.

Também a mãe?! exclamou o rapaz. A Marthe é tão boa quanto bela. Que pode ter contra ela?

Não tenho nada contra Mademoiselle Daubreuil, em sentido nenhum. Mas preferia que casasses com uma inglesa ou, tendo de ser uma francesa, que não escolhesses uma cuja mãe tivesse antecedentes duvidosos!

O seu rancor contra a mãe da rapariga era evidente no tom , da sua voz e eu compreendi que devia ter sido um duro golpe para ela descobrir que o filho dava sinais de se estar a apaixonar pela filha da sua rival.

Mrs. Renauld continuou a dirigir-se ao magistrado:

Devia, talvez, ter falado ao meu marido do assunto, mas acalentava a esperança de que fosse apenas uma paixoneta juvenil, um namorico que terminaria tanto mais depressa quanto menos mostrássemos dar por ele. Agora arrependo-me do meu silêncio, mas, como já disse, o meu marido parecia tão preocupado e angustiado, tão diferente do que era, que o meu principal empenho era não lhe causar mais preocupações.

M. Hautet acenou afirmativamente.

Quando informou o seu pai das suas intenções em relação a Mademoiselle Daubreuil ele ficou surpreendido?

Pareceu completamemte estupefacto. Depois ordenou-me

peremptoriamente que tirasse semelhante ideia da cabeça, pois nunca consentiria em tal casamento. Irritado, perguntei-lhe o que tinha contra Mademoiselle Daubreuil. Não foi capaz de me dar uma resposta satisfatória, mas falou em termos depreciativos do mistério que rodeava a vida da mãe e da filha.

Declarei-lhe que ia casar com Marthe e não com os seus antecedentes, mas ele gritou-me que me calasse e recusou-se terminantemente a discutir o assunto, fosse em que sentido fosse.

96

Ordenou-me que desistisse de tudo. A injustiça e a arrogante arbitrariedade da sua atitude enfureceram-me, tanto mais que ele próprio fazia tudo para se mostrar atencioso para com as Daubreuils e estava sempre a sugerir que fossem convidadas a vir cá a casa. Perdi a cabeça e discutimos a valer. O meu pai lembrou-me que estava inteiramente dependente dele e deve ter sido em resposta a isso que disse que faria o que me apetecesse quando ele morresse...

Poirot interveio, com uma pergunta rápida:

Nessa altura estava ao conremte dos termos do testamento do seu pai?

Sabia que me deixava metade da fortuna e outra metade à minha mãe, em usufruto, para me ser deixada por morte dela.

Prossiga com a sua história ordenou o juiz.

Depois disso gritámos um com o outro, ambos cegos de raiva, até que me dei subitamente conta de que corria o risco de perder o comboio para Paris. Tive de correr para a estação, ainda furioso a mais não poder. No entanto, com a distância, acalmei. Escrevi a Marthe a contar o que acontecera e a sua resposta ainda me tranquilizou mais. Ela fez-me ver que se nos mostrássemos firmes acabaríamos por vencer qualquer oposição. O nosso afecto mútuo tinha de ser posto à prova, e quando

os meus pais compreendessem que não se tratava de uma;
paixoneta frívola da minha parte abrandariam, sem dúvida, a
nosso respeito. Claro que, na carta que lhe escrevera, eu não
referira a principal objecção do meu pai ao casamento. Não
tardei a compreender que não beneficiaria nada a minha causa
com a violência. Meu pai escreveu-me diversas cartas afectuosas
para Paris, sem que em nenhuma delas se referisse ao nosso
desacordo nem à sua causa, e eu respondi-lhe no mesmo tom.
Pode apresentar essas cartas? perguntou Giraud.
Não as guardei.
Não tem importância declarou o detective.
Renauld olhou-o, um instante, mas teve de voltar a prestar
atenção ao juiz, que continuava com as perguntas:

Mudando de assunto: o apelido de Duveen é-lhe familiar,
M. Renauld?
Duveen? repetiu Jack. Duveen? Inclinou-se e, devagar,
apanhou a faca de cortar papel que deixara cair; ao
levantar a cabeça os seus olhos encontraram o olhar atento de
Giraud. Duveen? Não, receio que não.
Queira fazer o favor de ler esta carta e de me dizer se
faz alguma ideia de quem a escreveu ao seu pai.
Jack pegou na carta e leu do princípio ao fim, enquanto
o (rubor lhe alastrava pelas faces.
Quem a escreveu ao meu pai? repetiu, num tom de
voz em que a emoção e a indignação transpareciam claramente.
Sim. Encontrámo-la na algibeira do sobretudo dele.
A minha... hesitou e lançou um brevíssimo olhar na
direcção da mãe.
O magistrado compreendeu.

Por enquanto, não. Pode dar-nos alguma pista quanto à
sua autora?
Não faço a mínima ideia de quem seja.
M. Hautet suspirou.
Este caso é muito misterioso. Enfim, suponho que podemos
ignorar a carta. Que diz, M. Giraud? Parece não nos
conduzir a lado nenhum.
Certamente que não conduz concordou o detective,
enfático.
E pensar que, ao princípio, parcia um caso tão simples
É claro! exclamou o juiz, a suspirar de novo, mas ao deparar
com o olhar de Mrs. Renauld corou e atrapalhou-se. Bem...
tossiu, enquanto remexia nos papéis que tinha à frente
bem, vejamos, onde íamos nós? Ah, sim, a arma! Receio que
este pormenor o vá fazer sofrer, M. Renauld. Sei que foi um
presente que ofereceu à sua mãe... Muito triste, muito deprimente...
Jack Renauld inclinowse para a frente. O seu rosto, que
98
corara durante a leitura da carta, estava agora mortalmente
pálido.
Quer dizer que... que foi com o cortanpapeis feito-de
arame de avião que o meu pai foi... morto? Impossível! Uma
coisinha tão frágil!
Infelizmente, M. Renauld, foi! Um instrumentozinho
ideal, afiado e fácil de manejar.
Onde está? Posso vê-lo? Ainda está... no corpo?
Oh, não! Foi retirado. Gostaria de o ver? Para ter a
certeza? Creio que não há dificuldade, embora a sua mãe já o
tenha identificado. No entanto... M. Bex, quer fazer o favor?
com certeza, Sr. Juiz. Vou buscá-lo imediatamente.
Não seria melhor levar M. Renauld ao barracão? sugeriu

Giraud, brandamente. Ele desejará, sem dúvida, ver o
cadáver do pai.
O rapaz fez um gesto de negação, percorrido por um calafrio,
e o magistrado, sempre disposto a não deixar escapar
nenhuma oportunidade de contrariar Giraud, respondeu:
Não... neste momento, não. M. Bex terá a bondade de
nos trazer aqui a arma.
O comissário saiu. Stonor foi ter com Jack e apertou-lhe a
mão. Poirot, que se levantara, estava a endireitar um par de
castiçais, que lhe tinham parecido um nadinha tortos. O magistrado
relia mais uma vez a misteriosa carta de amor, desesperadamente
agarrado à sua primeira teoria de que o crime
fora obra do ciúme.
De súbito, a porta abriu-se violentamente e o comissário
entrou, alvoroçado:
Sr. Juiz! Sr. Juiz!
Que se passa?
O punhal! Desapareceu!
Comment... desapareceu?
Desapareceu, sumiu-se! O frasco de vidro que o continha
está vazio!
99
O quê?! gritei. Impossível! Ainda esta manhã o vi...
as palavras morreram-me na garganta.
Mas a atenção de todos fixara-se em mim.
Que disse? perguntou-me o comissário. Esta manhã?
Vi-o lá esta manhã respondi, devagar. Há cerca de
hora e meia, para ser exacto.
Quer dizer que esteve no barracão? Como obteve a chave?
Pedi-a ao *sargent de ville.*
E foi lá? Porquê?

Hesitei, mas cheguei à conclusão de que só me restava dizer a verdade.

Sr. Juiz, cometi uma grave falta, para a qual rogo a sua indulgência.

Eh bien, prossiga!

O facto é que... comecei, desejando de todo o coração estar em qualquer outro lado, muito longe dali *...é* que encontrei uma jovem, uma conhecida minha. Ela mostrou enorme interesse em ver tudo quanto havia para ver e eu... enfim, resumindo, pedi a chave e mostrei-lhe o cadáver.

Ah. par example. exclamou o juiz, indignado.
Cometeu um grave erro, capitão Hastings. Tudo isso é muitíssimo irregular. Não devia ter-se permitido semelhante loucura.

Bem sei admiti, humildemente. Nada quanto o senhor disser será suficientemente severo...

Não convidou essa senhora a vir cá?

Certamente que não. Encontrei-a por acaso. Trata-se de uma rapariga inglesa que está em Merlinville, facto que eu desconhecia até a encontrar, inesperadamente.

Bem, bem...murmurou o magistrado, em tom menos severo. Foi um procedimento muito irregular, mas a senhora em questão é sem dúvida jovem e bonita, *n'est-ce pás?* O que é ser jovem! O *jeunesse, jeunesse* e suspirou sentimentalmente.
Mas o comissário, menos romântico e mais prático, voltou à carga:

Não fechou de novo a porta à chave, quando saiu?

É isso mesmo, é por isso que me censuro tão amargamente confessei. A minha amiga ficou transtornada com o espectáculo e quase desmaiou. Fui-lhe buscar brande e água e depois insisti em acompanhá-la à cidade. com tudo isso

esqueci-me de fechar a porta à chave e só o fiz quando regressei à moradia.

Então, durante pelo menos vinte minutos... murmurou o comissário, devagar.

Exactamente.

Vinte minutos repetiu M. Bex.

É deplorável afirmou M. Hautet, falando de novo com severidade. Sem precedentes.

De súbito, ouviu-se outra voz:

Acha deplorável, Sr. Juiz?

Pois com certeza, M. Giraud. ,"

Eh bien, eu acho-o admirável! declamou o detective, imperturbável. , ,

Aquele aliado inesperado deixou-me perplexo.

Admirável, M. Giraud? perguntou o magistrado observando-o cautelosamente pelo canto do olho. |,

Precisamente.

E porquê? _ -,

Porque assim ficámos a saber que o assassino, ou um cúmplice do assassino, esteve perto da moradia há apenas uma hora. Será muito estranho se, com esse conhecimento, não lhe deitarmos em breve a mão explicou, em tom ameaçador.

Correu um grande risco para se apoderar do punhal. Talvez receasse que se pudessem descobrir nele impressões digitais.

Poirot voltou-se para Bex e inquiriu:

Disse que não havia- nenhumas, não disse?

Mas Giraud encolheu os ombros e insistiu:

Talvez ele não tivesse a certeza.

Está enganado, M. Giraud afirmou Poirot. O assassino usou luvas. Portanto, não pode deixar de ter a certeza»

Não digo que tenha sido o próprio assassino. Pode ter
sido um cúmplice, que ignorava esse facto.
Os cúmplices estão mal informados! murmurou Poirot,
mas não disse mais nada.
O escrivão estava a reunir a papelada. M. Hautet dirigiu-se-nos:
O nosso trabalho está terminado. M. Renauld, tenha a
bondade de ouvir, enquanto o seu depoimento lhe vai ser lido.
Dirigi propositadamente todos os trabalhos do modo mais informal
possível. Têm classificado os meus métodos de originais,
mas eu insisto em afirmar que há muito a dizer a favor da
originalidade. O caso fica agora nas mãos inteligentes do famoso
M. Giraud, que voltará sem dúvida a distinguir-se. Con-
fesso até que me admira que ele não tenha já deitado a mão
aos assassinos! *Madame,* permita que lhe apresente mais uma
vez as minhas sinceras condolências. *Messieurs,* bons dias a
todos.
Saiu, acompanhado pelo escrivão e pelo comissário.
Poirot tirou o enorme cebolão do bolso e viu as horas.
Voltemos ao hotel para almoçar, meu amigo disse-me.
E vai-me contar, com todos os pormenores, as imprudências
desta manhã. Podemos sair sem nos despedirmos, pois não
está ninguém a observar-nos.
Saímos silenciosamente da sala. O magistrado acabava de
partir, no seu automóvel. Começara a descer os degraus quando
a voz de Poirot me deteve:
Um momentinho, meu amigo.
Rápido, tirou o metro da algibeira e, solenemente, mediu,
da gola à bainha, um sobretudo que estava pendurado no vestíbulo.
Como não o vira lá antes, calculei que pertencia a
M. Stonor ou a Jack Renauld.
Depois, com uma exclamaçãozinha de satisfação, Poirot

guardou o metro e seguiu-me.

102

CAPITULO XII

Poirot *Esclarece Certos Pontos*

Porque mediu o sobretudo? perguntei, com certa
curiosidade, enquanto descíamos vagarosamente a estrada escaldante.
Parbleul Para saber qual era o seu comprimento respondeu,
imperturbável, o meu amigo.

Senti-me humilhado. O hábito incurável que Poirot tinha de
transformar tudo e nada num mistério nunca deixava de me
irritar. Remeti-me ao silêncio e entreguei-me aos meus próprios
pensamentos. Embora na altura não me tivessem chamado
especialmente a atenção, certas palavras que Mrs. Renauld
dissera ao filho voltavam-me à memória, prenhes de novo significado.
«Então não embarcaste?)), pergumltara ela, e depois
acrescentara: «No fim *de contas, não importa... agora.»*

Que quisera dizer com aquilo? As palavras eram enigmáticas...
significativas. Seria possível que ela soubesse mais do
que nós julgávamos? Negara qualquer conhecimento da misteriosa
missão que o marido tencionava confiar ao filho... Mas,
na realidade, ignoraria menos do que pretendia? Poderia escla--
recer-nos, se quisesse, e seria o seu silêncio parte de" um plano
cuidadosamente pensado e preconcebido?

Quanto mais pensava nisso, tanto mais me convencia de
que tinha razão. Mrs. Renauld sabia mais do que se dignava
dizer. Na sua surpresa, ao ver o filho, traíra-se momentânea-
mente. Estava convencido de que ela conhecia se não os assassinos,
pelo menos o móbil do crime. Mas considerações poderosas
levavam-na a calar-se.

Está profundamente absorto nos seus pensamentos, meu
amigo observou Poirot, interrompendo as minhas reflexões.

Que o intriga assim tanto?
Disse-lho, seguro do terreno que pisava, embora esperasse
103
que ridicularizasse as minhas suspeitas. Mas, para minha surpresa,
ele acenou com a cabeça, pensativamente.
Tem toda a razão, Hastings. Desde o princípio que tenho
a certeza de que ela oculta qualquer coisa. Cheguei a pensar
que era, se não a inspiradora do crime, pelo menos conivente
nele.
Suspeitou *dela?* perguntei, admirado.
Mas com certeza! Ela beneficia enormemente... na realidade,
graças ao novo testamento, é a única pessoa que beneficia
com a morte do marido. Por isso, desde o princípio, mereceu-me
atenção especial. Deve ter reparado que aproveitei a primeira
oportunidade que se me ofereceu para lhe examinar os pulsos.
Desejava verificar se teria havido alguma possibilidade de ela
própria se ter amordaçado e amarrado. *Eh bien,* percebi logo
que não se tratava de farsa; as cordas tinham sido tão apertadas
que lhe haviam cortado a carne. Isso excluiu a possibilidade
de ela ter cometido o crime sozinha. Mas continuava a ser
possível que tivesse sido conivente ou a instigadora, com um
cúmplice. Além disso, a história que contou pareceu-me singularmente
familiar... Os homens mascarados que não pudera
identificar, a menção do «segredo»... Já ouvira ou lera todas
aquelas coisas. Outro pequeno pormenor confirmou a minha
convicção de que ela não falava verdade: o *relógio de pulso,*
Hastings, o relógio de pulso!
Outra vez o (relógio de pulso! E Poirot observava-me curiosamente.
Está a ver, *mon* ami? Compreende?
Não respondi, com certo mau humor. Não vejo nem
compreendo. Você arranja todos esses malditos mistérios e é

escusado pedir-lhe que se explique. Gosta sempre de conservar
tudo escondido na manga até ao último momento.
Não se irrite, meu amigo pediu Poirot, a sorrir. Explicar-lhe-ei,
se o deseja. Mas nem uma palavra ao Giraud,
c’est entendu? Ele trata-me como um velho sem importância!
104
Veremos! Dei-lhe uma sugestão, com toda a lealdade. Se decidir
que não vale a pena investigá-la, o problema será dele.
Garanti a Poirot que podia contar com a minha discrição.
C’est bien. Vamos então empregar as nossas celulazinhas
cinzentas. Diga-me, meu amigo, na sua opinião, a que horas
se deu a tragédia?
Bem, às duas horas, mais ou menos! respondi, admirado.
Deve lembrar-se de que Mrs. Renauld nos disse que
ouviu o relógio bater duas badaladas, quando os homens
estavam no quarto.
Exactamente. E, baseados nisso, você, o juiz de instrução,
Bex, todos, enfim, aceitaram essa hora sem contestação.
Mas eu, Hercule Poirot, digo que Madame Renauld mentiu.
O crime foi cometido pelo menos duas horas mais cedo.
Mas os médicos...
Os médicos declaram, depois de examinarem o corpo,
que a morte ocorrera entre dez e sete horas antes. Mon ami,
por qualquer razão imperiosa era necessário que o crime parecesse
ter sido cometido mais tarde do que na realidade fora.
já leu, com certeza, casos em que um relógio de pulso, ou de
outro tipo, registou, ao partir-se, a hora exacta de um crime,
não é verdade? Para que a hora não dependesse apenas do
depoimento de Mrs. Renauld, alguém adiantou os ponteiros,
daquele relógio de pulso para as duas horas e depois atirou-o
violentamente ao chão. Mas, como tamtas vezes acontece, o

feitiço virou-se contra o feiticeiro. O vidro do relógio, partiu-se,
mas o mecanismo resistiu e continuou a trabalhar. Foi uma
manobra muito desastrosa da parte deles, pois chamou imediatamente
a minha atenção para dois pontos: Primeiro, que
Madame Renauld mentia; segundo, que devia haver qualquer
razão vital para o adiantamento da hora.

Mas que razão poderia ter havido?

Aí é que bate o ponto! É aí que reside todo o mistério.
Por enquanto, ainda ’não sei explicá-lo. Apenas me ocorre uma
ideia que porventura terá qualquer relação com o caso.

105

Qual?

O último comboio parte de Merlinville dezassete minutos
depois da meia-noite.

Acompanhei lentamente o seu raciocínio:

Assim, tendo-se o crime verificado aparentemente duas
horas mais tarde, alguém que partisse de comboio teria um
álibi inatacável!

Perfeito, Hastings! Acertou!

Nesse caso, temos de investigar na estação! Certamente
não passaram despercebidos dois desconhecidos que partiram
nesse comboio! Temos de lá ir imediatamente!

Acha que sim, Hastings?

Claro! Vamos já.

Poirot conteve o meu ardor com uma palmadinha no braço.

Vá, *mon ami, se* quiser... mas se for não faça indagações
acerca de dois desconhecidos.

Olhei-o, admirado, e ele perguntou, impaciente:

Lá, lá, não acredita em toda essa história, pois não? Nos
dois mascarados e em todo o resto de *cette histoire-là?*

As suas palavras deixaram-me tão aparvalhado que nem

soube que dizer. Mas ele continuou, serenamente:
 Ouviu-me dizer ao Giraud que todos os pormenores deste crime me eram. familiares, não ouviu? Eh *bien,* isso pressupõe uma de duas coisas: ou o cérebro que planeou o primeiro crime também plameou este, ou então a narrativa lida de uma *cause célebre* permaneceu na memória do nosso assassino e inspirou-o, quanto aos pormenores. Poderei pronunciar-me definitivamente a esse respeito depois... mas não concluiu a frase.
 Mas... e a carta de Mr. Renauld? Alude claramente a um segredo e a Santiago.
 Claro que havia um segredo na vida de M. Renaul, quanto a isso não podem restar dúvidas. Por outro lado, acho que a palavra Santiago se destina a despistar: é constantemente atra-vessada no caminho para nos desorientar. É possível que a tenham utilizado do mesmo modo com M. Renaudd, para o

impedir de concentrar as suas suspeitas em algo mais próximo. Pode ter a certeza, Hastings, de que o perigo que o ameaçava não se encontrava em Santiago e sim perto dele, em França.
Falara tão gravemente e com tamanha convicção que não pude deixar de me convencer também. No entanto, ainda tentei uma derradeira objecção:
 E o fósforo e a ponta de cigarro encontrados perto do cadáver?
 Foram lá colocados! Foram lá colocados deliberadamente, para que o Giraud ou alguém da sua tribo os encontrasse! Ah, o Giraud *é* esperto, conhece uns truques! Mas um bom cão de caça não lhe fica atrás nisso. Mostrou-se tão satisfeito consigo próprio! Rastejou durante horas, mas depois pôde dizer: «Vejam o que encontrei!» E perguntou-me: «Que vê aqui?» Não pude deixar de lhe responder, com profunda e absoluta verdade:

«Nada.» E Giraud, o grande Giraud, riu-se e pensou para consigo:
«Oh, como o velhote é imbecil!» Mas veremos!

O meu espírito voltou aos factos principais:

Então toda essa história dos homens mascarados...?

É falsa.

Que aconteceu, realmente?

Poirot encolheu os ombros, ao responder:

Há uma pessoa que nos poderia dizer: Madame Renauld.”
Mas ela não falará. Nem ameaças nem súplicas a demoverão.
É uma mulher extraordinária, Hastings. Compreendi, mal lhe
pus os olhos em cima, que me encontrava perante uma mulher
de carácter fora do vulgar. Ao princípio, como lhe disse,
senti-me inclinado a suspeitar de que estava implicada no
crime, mas depois mudei de opinião.

Porquê?

Por causa da dor espontânea e sincera que manifestou
ao ver o cadáver do marido. Juraria que a angústia do seu grito
foi autêntica.

Sim, uma pessoa não se pode enganar com essas coisas.

Peço desculpa, meu amigo, mas podemo-nos sempre

enganar com essas coisas. Imagine uma grande actriz, por
exemplo. A maneira como representa a dor não o impressiona
e avassala pelo seu realismo? Não, por mais fortes que fossem
a minha impressão e a minha convicção, precisei de outra
prova antes de me dar por satisfeito. O grande criminoso pode
ser também um grande actor. Neste caso, baseio a minha
certeza não na minha própria impressão, mas sim no facto
inegável de Mrs. Renauld ter desmaiado. Foi um desmaio
autêntico. Levantei-lhe as pálpebras e auscultei-lhe o pulso.
Não havia farsa, era autêntico. Por isso adquiri a certeza de

que a sua angústia também era autêntica e não fingida. Aliás, há um pequeno pormenor que não deixa de ter interesse: era desnecessário Mrs. Renauld manifestar um sofrimento incontrolável. Tivera um paroxismo ao saber da morte do marido e não precisava de simular outro tão violento ao ver-Lhe o cadáver. Não, Mrs. Renauld não foi *a* assassina) do marido. Mas porque mentiu? Mentiu acerca do relógio de pulso, mentiu acerca dos mascarados... e mentiu acerca de uma terceira coisa. Diga-me cá, Hastings, qual é a sua explicação para a porta aberta?

Bem, suponho que foi um esquecimento respondi, embaraçado. Esqueceram-se de a fechar.

Poirot abanou a cabeça e suspirou.

Essa é a explicação do Giraud, mas não me satisfaz. Atrás daquela porta aberta há um significado que me escapa, por enquanto.

Tenho uma ideia! exclamei, de súbito.

A la bonne heure ! Ouçamo-la.

Estamos de acordo em que a história de Mrs. Renauld é uma invenção. Nesse caso, não será possível que M. Renauld tenha saído de casa para comparecer a um encontro (talvez com o assassino) e deixado a porta aberta, para quando voltasse? Mas não voltou e na manhã seguinte foi encontrado morto, apunhalado pelas costas.

Admirável teoria, Hastings, mas infelizmente, e caracte-

tisticamente, esqueceu-se de dois factos. Em primeiro lugar quem amordaçou e amarrou Madame Renauld? E por que demónio voltariam eles a casa para fazer isso? Em segundo lugar, nenhum homem sairia de casa, para um encontro, vestindo apenas a roupa debaixo e um sobretudo. Há circunstâncias

em que um homem pode vestir pijama e um sobretudo,
mas roupa de baixo e sobretudo... nunca!

Tem razão admiti, desolado.

Temos de procurar noutro lado a solução do mistério
da porta aberta. De uma coisa estou relativamente convencido:
não saíram pela porta e, sim, pela janela.

Mas não havia pegadas no canteiro, debaixo da janela.

Não havia... *e devia haver.* Escute, Hastings. O jardineiro
Auguste, como você próprio o ouviu dizer, plantou ambos os
canteiros na tarde anterior. Num deles não faltavam impressões
deixadas pelas suas botifarras cardadas, mas no outro não
havia impressões *nenhumas. Está* a compreender? Alguém
passou por lá, alguém que, para apagar as suas pegadas, alisou
a superfície do canteiro com um ancinho.

Onde arranjariam o ancinho?

A esse respeito não haveria dificuldade nenhuma.

Mas porque pensa que saíram por aí? Certamente é mais'
provável que tenham entrado pela janela e saído pela porta.

Isso é possível, claro. No entanto, tenho a forte impressão
de que saíram pela janela.

Acho que está enganado.

Talvez, *mon ami.*

Meditei no novo campo de conjectura que as deduções de
Poirot me haviam facultado. Recordei a surpresa e a confusão
que me tinham causado as suas alusões enigmáticas ao can-
teiro e ao relógio de pulso. Na altura, as suas observações
tinham-me parecido absolutamente vazias de significado, mas
agora, pela primeira vez, não podia deixar de considerar
extraordinariamente a maneira como, partindo de alguns pequenos
incidentes, ele deslindara a maior parte do mistério que

envolvia aquele caso. Mentalmente, prestei uma homenagem
tardia ao meu amigo. Como se lesse os meus pensamentos
acenou com a cabeça, com um ar muito sensato, e observou:
Método, compreende? Método! Organize os seus factos,
organize as suas ideias, e se um factozinho não se ajustar no
conjunto, estude-o atentamente, em vez de o rejeitar. Embora
o seu significado lhe escape, tenha a certeza de que *é* significativo.
Entretanto murmurei, pensativo, embora saibamos
muito mais do que sabíamos, não estamos mais perto da solução
do mistério de quem matou M. Renauld.
Pois não concordou Poirot, sorridente. < Na realidade,
estamos até muito mais longe.
O facto parecia causar-lhe uma satisfação tão peculiar que
o fitei, estupefacto. Ele porém retribuiu o meu olhar e voltou
a sorrir.
É melhor assim, acredite. Antes, havia para todos os
efeitos uma teoria clara quanto a como e em cujas mãos ele
encontrara a morte. Agora tudo isso se dissipou. Estamos às
escuras. Confundem-nos e preocupam-nos cem pormenores
contraditórios. É bom que seja ’assim. É excelente. Da confusão
nasce a ordem. Mas quando, para começar, encontrar ordem,
quando um crime lhe parecer simples e sem complicações, *eh
bien, méfiez* vous! Foi tudo (como é que vocês dizem?), foi
tudo cozinhado! O grande criminoso é simples, mas muito
poucos criminosos são grandes. Ao tentarem apagar as pistas
denunciam-se invariavelmente. Ah, *mon ami,* como gostaria
de encontrar um dia um grande criminoso, verdadeiramente
grande, um criminoso que cometesse o seu crime e depois não
fizesse nada! Eu próprio, Hercule Poirot, seria talvez incapaz
de apanhar um criminoso assim.
Mas eu não prestara atenção às suas palavras, pois subita-

mente explodira em mim uma luz.

 Poirot! Mrs. Renauld! Agora compreendo. Ela deve estar
a encobrir alguém!

110

Pela seriedade com a qual Poirot ouviu ’as minhas palavras,
deduzi que a ideia já lhe devia ter ocorrido.

 Sim concordou, pensativamente. Deve estar a encobrir
 ou a proteger alguém. Das duas, uma.

Pareceu-me existir pouca diferença entre os dois verbos,
mas desenvolvi o meu tema com boa dose de entusiasmo.
Poirot manteve uma atitude reservada, limitamdo-se a repetir:

 Sim, é possível, é possível. Mas por enquanto não sei.
Há algo muito profundo subjacente a tudo isto. Você verá.
Algo muito profundo...

Depois, ao entrarmos no hotel, recomendou-me silêncio com
um gesto.

CAPÍTULO XIII .,

A Rapariga dos Olhos Ansiosos

Almoçámos com excelente apetite. Compreendi muito bem
que Poirot não desejasse discutir ali a tragédia, pois facilmente
nos poderiam ouvir. Mas, como costuma acontecer quando um
tópico nos enche a mente com excepção de tudo o mais, não ’
nos ocorreu nenhum outro assunto de interesse. Comemos em
silêncio, durante algum tempo, e por fim Poirot observou,
maliciosamente:

Eh bien, vamos às suas imprudências! Vai contar-mas
agora?

Senti-me corar, mas consegui adoptar um tom de absoluta
despreocupação, ao perguntar:

Refere-se a esta manhã?

Não estava, porém, à altura de terçar armas com Poirot.

Em poucos minutos arrancou-me a história toda, enquanto os
seus olhos cintilavam de prazer.
 Tiensl Uma história 'muito romântica. E como se chama
essa encantadora jovem?
111
Tive de confessar que não sabia.
 Mais romântico ainda! O primeiro *rencontre* no comboio
de Paris e o segundo aqui. Não se costuma dizer que as viagens
terminam em encontros de namorados?
 Não seja idiota, Poiirot.
 Ontem era Mademoiselle Daiubreuál, hoje é Mademoiselle...
 Cinderela! Não há dúvida, Hastings, tem coração de
turco! Devia constituir um harém.
 É muito fácil divertir-se à minha custa. Mademoiselle
Daoiibreuil é uma rapariga muito bonita e eu adimiro-a imensamente.
 Não me importo de o admitir. A outra não é nada...
creio até que não a voltarei a ver. Foi divertido conversar com
ela duramte uma viagem de comboio, mas não é o tipo de
rapariga pela qual me venha a prender.
 Porquê?
Bem... talvez pareça pedante, mas não é uma senhora,
em nenhuma acepção da palavra.
Poirot acenou com a cabeça, pensativamente, e foi em tom
menos trocista que perguntou:
 Acredita, então, em nascimento e educação?
 Posso ser bota-de-elástico, mas no que não acredito é no
casamento entre pessoas de classes diferentes. Não dá resultado.
 Concordo consigo, mon ami. Noventa e nove vezes em
cada cem é como você diz. Mas há sempre a excepção, a tal
uma vez em cada cem! Mas isso está fora de questão, já que
não tenciona voltar a ver a jovem.

As suas últimas palavras eram quase uma pergunta e não
me escapou a agudeza do olhar que me lançou. Vi diante dos
olhos, escrita a grandes letras de fogo, a frase *Hotel du Phare*
e ouvi de novo a voz dela a dizer: «Vá visitar-me.» E ouvi
também a minha resposta pronta e entusiástica: «Irei!»
E depois? Tencionara ir, na altura, mas desde então tivera
tempo de reflectir. Não gostava da rapariga. Pensara bem, a
samgue-frio, e chegara à conclusão definitiva de que, pelo contrário,
antipatizava intensamente com ela. Passara um mau

bocado, vexatório e humilhante, por lhe ter satisfeito a curiosidade
mórbida e não tinha o mínimo desejo de a voltar a ver.
Por isso foi despreocupadamente que respondi a Poirot:
Ela convidou-me a visitá-la, mas eu não irei, claro.
«Claro» porquê?
Bem... porque não quero.
Compreendo. Observou-me com atenção, durante alguns
minutos, e acrescentou: Sim, compreendo muito bem.
É sensato, sem dúvida. Mantenha-se fiel ao que disse.
Esse parece ser o seu conselho invariável resmunguei,
picado.
Ah, meu amigo, tenha confiança no papá Poirot! Um
dia, se mo permitir, arranjar-lhe-ei um casamento da maior conveniência.
Obrigado agradeci, a rir , mas a perspectiva deixa-me
frio.
Poirot suspirou e abanou a cabeça.
Lês Anglais! Nenhum método... absolutamente nenhum.
Deixam tudo entregue ao acaso! Franziu a testa e modificou
a posição do saleiro. Disse que Mademoiselle Cinderela estava
no *Hotel d'Angleterre,* não disse?
Não. *Hotel du Phare.*

Tem razão, esquecera-me.
Senti-me momentaneamente desconfiado, ao lembrar-me de
que não mencionara o nome de nenhum hotel. Mas olhei para
Poirot e tranquilizei-me. Ele cortava o pão em quadradinhos
muito certos, totalmente absorto nessa tarefa. Devia ter imaginado
que eu lhe dissera onde a rapariga estava instalada...
Bebemos o café na varanda, virados para o mar. Poirot
fumou um dos seus minúsculos cigarros e depois tirou o relógio
da algibeira.
O comboio para Paris parte às duas e vinte e cinco
observou. É melhor ir andando.
Paris? perguntei, surpreendido.
Foi isso que eu disse, mon *ami.*

Vai a Paris? Mas porquê?
Respondeu-me com a maior seriedade:
Vou procurar o assassino de M. Renauld.
Pensa que ele está em Paris?
Tenho a certeza de que não está. No entanto, é lá que
devo procurá-lo. Não compreende, mas descanse que lhe explicarei
tudo a seu tempo. Acredite, esta viagem a Paris é necessária.
Não me demorarei, segundo todas *as* probabilidades
estarei de volta amanhã. Não proponho que me acompanhe;
fique aqui e não perca o Giraud de vista. Tente também cair
nas boas graças de M. Renauld f*ils. E* finalmente, se o desejar,
tente indispô-lo com Mademoiselle Marthe... embora eu tema
que não seja bem sucedido nisso.
Confesso que não me agradou muito a última observação.
Isso recordou-me uma coisa: tencionava perguntar-lhe
como soube o que se passava entre os dois.

Conheço a natureza humana, *mon ami.* Coloque-se
perto um do outro um rapaz como o jovem Renauld e uma
bonita rapariga como Mademoiselle Marthe, e o resultado é
quase inevitável. E, depois, a discussão... Só poderia ter sido
por causa de dinheiro ou de uma mulher. Perante a descrição
que Léonie fez da cólera do moço, optei pela segunda hipótese.
Por isso fiz a minha conjectura... e acertei.
Foi por isso que me aconselhou a não me prender à
jovem? Já suspeitava de que ela amava Jack Renauld?
Pelo menos, vi *que ela tinha olhos ansiosos* respondeu-me,
a sorrir. É sempre assim que penso em Mademoiselle
Daubreuil: *a rapariga dos olhos ansiosos.*
Falava com uma voz tão grave que me impressionou desagradavelmente.
Que quer dizer com isso, Poirot?
Creio, meu amigo, que o saberemos em breve. Mas agora
tenho de partir.
Tem montes de tempo.

Talvez... talvez. Mas gosto de chegar à estação adiantado.
Não desejo apressar-me, correr, excitar-me.
De qualquer modo, acompanho-o até lá declarei, levantando-me.
Não acompanha nada. Proibo-o.
Falou tão peremptoriamente que o fitei, surpreendido. Acenou
com a cabeça, muito grave, e acrescentou:
Falo a sério, *mon ami. Au revoir!* Permite que o abrace?
Claro que não, não é esse o costume inglês. *Une poignée de
main, alors.*
Senti-me um bocado desorientado, quando Poirot me deixou.
Fui até à praia e observei os banhistas, mas sem me sentir com
coragem para os imitar. Imaginava que talvez Cinderela estivesse
a divertir-se entre eles, com algum fato maravilhoso, mas

não vi sinais dela. Caminhei à toa pela areia, na direcção do
extremo da cidade. Pensei que, no fim de contas, seria decente
da minha parte ir ver como a pequena estava. E talvez até
acabasse por simplificar as coisas, pois o assunto ficaria arrumado.
Não teria necessidade de me preocupar mais com ela.

Ao passo que, se não fosse, ela seria capaz de me ir procurar
à *Villa Geneviève,* o que seria aborrecido em todos os sentidos.

Decididamente, seria melhor fazer-lhe uma __ breve visita, no
decorrer da qual deixaria bem entendido que não podia fazer
mais nada por ela, na minha capacidade de cicerone.

Saí, portanto, da praia e caminhei para-o interior. Não
tardei a encontrar o *Hotel du Phare,* um edifício muito despretensioso.
Era aborrecidíssimo ignorar o nome da rapariga e,
para poupar a minha dignidade, resolvi entrar e dar uma vista
de olhos. Provavelmente encontrá-la-ia na sala. Merlinville era
uma terra pequena, saía-se do hotel para ir à praia e da praia
para regressar ao hotel. Entrei. Estavam diversas pessoas sentadas
na pequena sala, mas não se encontrava entre elas aquela
que eu procurava. Procurei noutros compartimentos contíguos,
mas nem sinal dela. Esperei algum tempo e, por fim, a impa-

ciência levou a melhor: chamei o porteiro de parte e meti-lhe
cinco francos na mão.

Desejo falar com uma senhora que está aqui hospedada.
É uma jovem inglesa, baixa e morena. Não estou bem certo do
seu nome...

O homem abanou a cabeça e pareceu-me reprimir um
sorriso.

Não está cá hospedada nenhuma senhora com essa dês-
crição.

Talvez seja americana, insinuei; aqueles tipos eram tão

estúpidos!...

Mas o homem continuou a abanar a cabeça.

Não, monsieur. Só cá temos seis ou sete senhoras inglesas
e americanas, ao todo, e são muito mais velhas do que a
senhora que procura. Não será aqui que a encontrará, monsieur.
. Foi tão positivo que comecei a ter as minhas dúvidas.

Mas a senhora disse-me que estava aqui hospedada...

Monsieur deve ter-se enganado... ou o mais certo é o
engano ser da senhora, pois já aqui esteve outro cavalheiro
a perguntar por ela.

Que disse? quase gritei, surpreendido.

É verdade, monsieur. Um cavalheiro que a descreveu
exactamente como o senhor.

Como era ele?

Era um cavalheiro baixinho, bem vestido, muito elegante,
muito impecável, de bigode muito teso, cabeça de um formato
peculiar e olhos verdes.

Poirot! Por isso me proibira de o acompanhar à estação.
A impertinência do indivíduo! Havia de lhe recomendar que
não se metesse nos meus assuntos. Julgaria que eu precisava
de uma ama, para olhar por mim?

Agradeci ao porteiro e saí, um pouco decepcionado e muito
irritado com o meu intrometido amigo. Lamentei que, de mo-
mento, estivesse fora do meu alcance, pois gostaria muito de lhe
dizer o que pensava da sua indesejada intromissão. Não lhe

dissera claramente que não tinha a mínima intenção de visitar
a rapariga? Os amigos eram, às vezes, excessivamente zelosos!
Mas aonde estava a rapariga, afinal? Esqueci a irritação e
tentei decifrar esse enigma. Claro que, inadvertidamente, se
enganara ao dar-me o nome do hotel. Mas, de súbito, acudiu-me

outro pensamento: Teria, sido de facto inadvertidamente? Ou
ocultara-me deliberadamente o seu nome e, também deliberada
mente, indicara-me a morada errada?
Quanto mais pensava no assunto tanto mais me convencia
de que a última hipótese era a verdadeira. Por qualquer razão,
ela não desejava que o nosso conhecimento se desenvolvesse
e transformasse em amizade. Enfim, tudo aquilo era profundamente
desagradável. A remoer tais pensamentos, fui até à *Villa
Geneviève,* muito mal humorado. Em vez de me dirigir para a
moradia, meti pelo caminho que levava ao banco junto da
barraca e sentei-me aí, amuado.
O som de vozes próximas arrancou-me às minhas melancólicas
cogitações. Compreendi num ápice que as vozes não
vinham do jardim onde me encontrava e, sim, do jardim vizinho,
da *Villa Marguerite,* e que além disso se aproximavam
rapidamente. Ouvi uma voz feminina, que reconheci acto contínuo
como a da bela Marthe:
Chérí dizia , é realmente verdade? "Acabaram todas
as nossas preocupações?
Sabes bem que sim, Marthe respondeu-lhe Jack Renauld.
Agora nada nos pode separar, querida. O último
obstáculo à nossa união desapareceu, nada te pode afastar de
mim.
-Nada? repetiu baixinho a rapariga. Oh, Jack,
Jack tenho medo'
Compreendi que, involuntariamente, estava a escutar uma
conversa e decidi ir-me embora. Ao levantar-me, vi-os através
de uma abertura da sebe. Estavam juntos, virados para mim,
ele a enlaçá-la com um braço e a fitá-la nos olhos. Formavam
um esplêndido par, o rapaz moreno e bem constituído e a

jovem e loura deusa. Vendo-os assim, dir-se-ia terem sido feitos
um para o outro e sentirem-se felizes apesar da terrível tragédia
que se abatera como uma sombra sobre as suas juvenis vidas.
Mas o rosto da rapariga estava perturbado e Jack Renauld
pareceu aperceber-se disso, pois apertou-a mais a si e perguntou:
Tens medo de quê, amor? Que há a recear... agora?
Vi então a expressão dos olhos dela, a expressão de que
Poirot falara, quando murmurou, tão baixinho que quase tive
de adivinhar as palavras:
Tenho medo... por ti.
Não ouvi a resposta do jovem Renauld, pois a minha atenção
foi atraída para um ponto que me pareceu estranho, na
sebe, um pouco mais abaixo. Parecia haver ali um arbusto
acastanhado, o que era pelo menos insólito naquele começo
de Verão. Resolvi ir investigar, mas, ao aproximar-me, o arbusto
castanho recuou precipitadamente e enfrentou-me com um
dedo nos lábios... Era Giraud.
Recomendando-me cautela, seguiu à minha frente na direcção
do barracão, até estarmos fora do alcance auditivo
do par.
Exactamente o mesmo que você: a escutar.
Mas eu não estava a escutar de propósito!
Pois eu estava! replicou Giraud.
Como de costume, admirei o indivíduo, apesar de antipatizar
com ele. Mediurme de alto a baixo, com uma espécie de
desagrado desdenhoso.
>Não ajudou nada, com a sua interferência. Dentro de
momentos poderia ter ouvido alguma coisa útil. Que é feito do
seu velho fóssil?
M. Poirot foi a Paris respondi friamente. E deixe-me
dizer-lhe, M. Giraud, que ele é tudo menos um velho fóssil.

Solucionou muitos casos que tinham deixado a Polícia inglesa absolutamente desconcertada...

Ora, a Polícia inglesa! Giraud deu um estalo com os

118

dedos, depreciativamente. Deve estar ao nível dos nossos juizes de instrução. Foi então a Paris, hem? Fez muito bem. Quanto mais tempo lá se demorar, melhor. Mas que julga ele ir encontrar em Paris?

Pareceu-me ler na pergunta uma certa inquietação e fechei-me na concha:

Não estou autorizado a dizê-lo.

Mediu-me de novo, perscrutadoramente, e observou, grosseiro:

Ele deve ter tido suficiente bom senso para não *lhe* dizer. Boas tardes, tenho que fazer.

Girou nos calcanhares e deixou-me sem cerimónia. As coisas pareciam ter chegado a ponto morto, na *Villa Geneviève.* Era evidente que Giraud não desejava a minha companhia, e, pelo que vira, apostaria que Jack Renauld também a dispensava.

Regressei à cidade, tomei um bom banho de mar e fui para o hotel. Deitei-me cedo, a perguntar a mim mesmo se o dia seguinte traria algo de interesse.

Não estava porém nada preparado para o que trouxe.

Tomava o pequeno-almoço na sala de jantar quando o criado, que estivera a falar com alguém no exterior, voltou à sala, muito agitado. Hesitou um momento, às voltas com o guardanapo, e por fim decidiu-se:

Desculpe, *monsieur,* mas está relacionado com o caso da *Villa Geneviève,* não está?

Estou respondi prontamente. Porquê?

Então o senhor não ouviu a notícia?

Que notícia?

Houve outro assassínio a noite passada!
O *quê?!*
Deixei o pequeno-almoço, agarrei no chapéu e corri o mais depressa que pude. Outro assassínio... e Poirot ausente! Que fatalidade! Mas quem seria o assassinado?
Transpus o portão a correr e encontrei um grupo de criadas
119
no caminho de carros, a falar e a gesticular. Dirigi-me a Franfçoise:
Que aconteceu?
Oh, *monsieur, monsieur!* Outra morte! É horrível! Rogaram uma praga à casa. Sim, sim, uma praga! Deviam mandar chamar o Sr. Cura, com água benta... Não dormirei mais nenhuma noite debaixo daquele tecto! É capaz de ser a minha vez a seguir, quem sabe?
Benzeu-se muito depressa.
Mas quem foi morto?
-Sei lá! Um homem, um desconhecido. Encontraram-no ali, na barraca, a menos de cem metros do local onde encontraram o pobre *monsieur!* Mas isso não é tudo: foi apunhalado, apunhalado no coração com *o mesmo punhal!*

CAPÍTULO XIV

O *Segundo Cadáver*

Sem esperar para ouvir mais, virei-me e corri pelo caminho que levava à barraca. Os dois homens que lá se encontravam de guarda afastaram-se para me deixar passar e eu entrei, numa grande agitação.
A luz era fraca. A construção era uma tosca barraca de madeira para guardar vasos velhos e ferramentas. Transpus o limiar impetuosamente, mas detive-me logo, fascinado com o espectáculo que se me deparou.
Giraud estava de gatas, com uma lanterna de bolso na mão,

a examinar todos os centímetros de solo. Levantou a cabeça, de
testa franzida, ao ouvir-me entrar, e depois o seu rosto descontraiu-se
numa expressão de bem humorado desdém.
Ah, *c’est 1’anglais!* Entre, entre. Vejamos o que me diz
desta história.
Espicaçado pelo tom da sua voz, baixei a cabeça e entrei.
120
Ele está ali informou Giraud, apontando a luz da
lanterna para um canto da barraca.
O homem estava estendido de costas. Era de estatura mediana,
moreno e aparentava uns cinquenta anos. Vestia fato
azul-escuro de bom corte e provavelmente feito por um bom
alfaiate, mas que já não era novo. Tinha o rosto terrivelmente
convulsionado e do lado esquerdo, mesmo sobre o coração,
emergia-lhe o cabo preto e reluzente de um punhal que reconheci:
o mesmo que vira dentro de um frasco de vidro, na
manhã anterior!
O médico deve chegar de um momento para o outro
informou Giraud *;* embora praticamente não precisemos dele.
Vê-se bem do que o tipo morreu: foi apunhalado no coração
e a morte deve ter sido instantânea ou quase.
Quando o mataram? A noite passada?
Giraud abanou a cabeça.
Não creio. Não sou perito em medicina legal, mas o
homem deve estar morto há mais de doze horas. Quando disse
que viu o punhal pela última vez?
Cerca das dez horas da manhã de ontem.
Nesse caso, sinto-me inclinado a situar a morte pouco
depois dessa hora.
Mas passou constantemente gente por esta barraca...
Giraud riu-se, de modo desagradável.

Você está a progredir às mil maravilhas! Quem lhe disse’
que foi morto nesta barraca?
Bem... senti-me corar. Pensei... pensei que fosse.
Oh, que rico detective! Olhe para ele, *mon petit...* Um
homem apunhalado no coração cai assim, todo direitinho, com
os pés unidos e os braços estendidos ao longo do corpo? Não
cai, claro. Ou então um homem deita-se no chão, muito bem
arrumadinho, e permite que o apunhalem no coração sem levantar
sequer a mão para se defender? Seria absurdo, não seria?
Mas repare nisto... e nisto... Fez incidir a luz no chão e eu
vi marcas curiosas e irregulares na terra solta. Foi arrastado
121
para cá depois de morto. Meio arrastado, meio transportado
por duas pessoas. Não se vêem os seus rastos no terreno duro
do exterior e aqui tiveram o cuidado de os apagar... mas um
dos dois era uma mulher, meu jovem amigo.
Uma mulher?
-Sim.
Como sabe, se os rastos foram apagados, como disse?
Porque, apesar de muito vagas, as marcas dos sapatos da
mulher são inequívocas. E também por causa *disto...*
Inclinou-se para a frente, tirou qualquer coisa do cabo do
punhal e mostrou-ma: era um comprido cabelo preto de mulher,
semelhante ao que Poirot tirara da poltrona, no escritório.
Sorriu com certa ironia e enrolou-o de novo no cabo do
punhal.
Deixaremos as coisas o mais possível como as encontrámos,
pois os juizes de instrução gostam assim. *Eh bien,*
nota mais alguma coisa?
Fui obrigado *a* abanar a cabeça.
Repare nas mãos dele.

Obedeci. As unhas estavam partidas e sujas e a pele era
áspera, mas isso não me esclareceu tanto quanto desejaria.
Olhei para Giraud, intrigado.
Não são as mãos de um cavalheiro explicou-me.
No entanto, o seu vestuário é de homem abastado. Curioso, não
acha?
 Muito curioso concordei.
 E nenhuma das peças de vestuário tem qualquer marca.
Que nos diz isso? Que ele pretendia passar por alguém que não
era, que se trata de um disfarce. Porquê? Receava alguma
coisa? Tentava escapar a esse qualquer coisa disfarçando-se?
Por enquanto ignoramo-lo, mas há uma coisa que já sabemos:
estava tão ansioso por ocultar a sua identidade quanto nós
estamos por descobri-la.
Olhou de novo para o corpo e acrescentou:
122
 Como da outra vez, não há impressões digitais no cabo
do punhal. O assassino voltou a usar luvas.
 Pensa então que o assassino foi o mesmo, em ambos os
casos? indaguei, interessado.
Mas Giraud resolveu tornar se impenetrável e redarguiu:
 O que eu penso não interessa. Veremos. Marchaud!
O *sergent de ville* apareceu à porta:
 Monsieur?
 Madame Renauld? Mandei-a chamar há um quarto de
hora.
Vem agora aí, *monsieur,* e o filho acompanha-a.
 Óptimo. Mas só quero um de cada vez.
Marchaud fez a continência e saiu, para voltar pouco depois
com Mrs. Renauld.
Madame Renauld anunciou.

Giraud foi ao seu encontro e inclinou ligeiramente a cabeça.
Por aqui, *madame.* Atravessou a barraca e depois
desviou-se subitamente para o lado. Aqui está o homem.
Conhece-o?
Enquanto falava, os seus olhos fixavam-se no rosto da
mulher como duas verrumas, procurando ler-lhe os pensa-
mentos e atentos a qualquer mudança na sua atitude.
Mas Mrs. Renauld manteve-se perfeitamente calma de-
masiado calma, quanto a mim. Olhou para o cadáver quase
sem interesse e -sem qualquer indício de agitação ou re-
conhecimento.
Não respondeu , nunca o vi na minha vida. É um
completo estranho para mim.
Tem a certeza?
Absoluta.
Não reconhece nele um dos seus atacantes, por exemplo?
Não. Pareceu hesitar, como se acabasse de lhe acudir
uma ideia, mas acrescentou:Não, acho que não. Claro que
usavam ambos barba postiça, no dizer do juiz de instru-
ção, mas mesmo assim... não.>E, como quem chega defi-
123
nitivamente a uma conclusão: Tenho a certeza de que nenhum
deles era este homem.
Muito bem, *madame.* Não desejo mais nada.
Mrs. Renauld saiu de cabeça erguida, com o sol a brilhar-lhe
as madeixas prateadas do cabelo, e Jack Renauld entrou.
Também não identificou o homem e a sua atitude pareceu
absolutamente natural.
Giraud limitou-se a resmungar qualquer coisa entre dentes.
Não pude fazer ideia se estava satisfeito ou não. Chamou de
novo Marchaud e perguntou-lhe:

Já tem aí a outra?
Já, sim, *monsieur.*
Traga-a.
A «outra» era Madame Daubreuil, que entrou com um ar
muito indignado e a protestar veementemente:
Protesto, *monsieur!* Isto é uma afronta! Que tenho eu a
ver com tudo isto?
Madame respondeu-lhe Giraud, brutalmente, estou
a investigar não um assassínio, mas dois! Pelo que sei, a
senhora podia ter cometido ambos.
Como se atreve? Como ousa insultar-me com uma acusação
tão brutal? É uma infâmia!
É uma infâmia, hem? E isto? Baixou-se, voltou a> tirar
o cabelo do cabo do punhal e mostrou-lho. Está a ver isto,
madame? Aproximou-se dela. Permite que veja se condiz?
A mulher deu um grito e recusou, lívida.
'É falso, juro! Não sei nada do crime... de nenhum dos
crimes. Se alguém disser que sei, mente! Ah, *mon Dieu,* que
hei-de fazer?
Acalme-se, *madame* disse o detective, friamente.
Ainda ninguém a acusou. No entanto, será melhor para si responder
às minhas perguntas sem mais protestos.
Estou às suas ordens, monsieur.
Olhe para o morto. Alguma vez o viu, sem ser agora?
Madame Daubreuil aproximou se, com um pouco mais de

comno rosto, e olhou para a vítima com certo interesse e
curiosidade. Depois abanou a cabeça.
Não o conheço. -»
Falou tão naturalmente que seria impossível duvidar dela.
Giraud mandou-a embora com uma inclinação de cabeça.

Deixa-a ir-se embora?perguntei-lhe, em voz baixa.
Acha isso sensato? O cabelo preto é com certeza da cabeça
dela.
Não preciso que me ensinem o ofício replicou-me o
detective, secamente. Está vigiada, não tenho desejo nenhum
de a prender, por enquanto.
Depois franziu a testa e voltou a olhar para o morto.
Acha que tem tipo de espanhol? perguntou-me, inesperadamente.
Observei o rosto com atenção e por fim respondi:
Não. Considerá-lo-ia francês sem hesitar.
Também eu concordou Giraud e soltou uma espécie
de grunhido de descontentamento.
Ficou um momento parado e depois, com um gesto imperioso,
mandou-me afastar e, de novo de gatas, recomeçou a
passar em revista o chão da barraca. Era maravilhoso, não lhe
escapava nada. Revistou tudo centímetro a centímetro, virou
vasos e examinou sacos. Atirou-se gulosamente a uma trouxa,
junto da porta, mas verificou que se tratava apenas de um
casaco e de umas calças esfarrapados e atirou-os de novo para
o chão, com um dos seus grunhidos. Manifestou interesse por
dois pares de luvas velhas, mas acabou também por abanar
a cabeça e largá-las. Em seguida voltou aos vasos, que virou
metodicamente, um por um. Por fim levantou-se e abanou a
cabeça, pensativamente. Parecia confuso e perplexo. Creio que
se esquecera da minha presença.
Nesse momento houve um certo rebuliço no exterior e o
nosso velho amigo, o juiz de instrução, acompanhado pelo escrivão
e por M. Bex e seguido pelo médico, entrou na barraca
todo açodado.

Isto é extraordinário, M. Giraud! Outro crime! Ah, ainda

não chegámos ao fundo deste caso! Há em tudo isto um profundo
 mistério! Quem é a vítima, desta vez?
 Isso é o que ninguém nos sabe dizer, Sr. Juiz. Não foi
identificada.
 Onde está o corpo? perguntou o médico.
Giraud desviou-se um pouco e apontou:
 Ali ao canto. Foi apunhalado no coração, como vê, e
com o punhal roubado ontem de manhã. Suponho que o
assassínio seguiu de perto o roubo, mas é ao doutor que compete
 decidir isso. Pode mexer no punhal à vontade; não tem
impressões digitais.
O médico ajoelhou junto do morto e Giraud voltou-se para
o juiz de instrução:
 Um problemazinho complicado, não é? Mas eu resolvê-lo-ei.
’com que então ninguém o sabe identificar...murmurou
 M. Hautet. Poderá tratar-se de um dos assassinos? Talvez
se tenham desentendido...
Mas Giraud abanou a cabeça:
 O tipo é francês. Jurá-lo-ia...
Nesse momento foram interrompidos pelo médico, que se
sentara nos calcanhares e os olhava, perplexo:
 Disse que ele foi morto ontem de manhã, não disse?
 Fiz as minhas contas baseado na hora do roubo do
punhal explicou Giraud. Mas, claro, ele pode ter sido
morto mais tarde.
Mais tarde? Qual carapuça! Este homem está morto há
quarenta e oito horas, pelo menos . e provavelmente há mais
tempo, até.
Entreolhámo-nos, estupefactos.

T’

CAPÍTULO XV .

Uma Fotografia

As palavras do médico tinham sido tão surpreendentes que ficámos todos momentaneamente sem fala. Ali estava um homem apunhalado com uma arma que sabíamos ter sido roubada havia apenas vinte e quatro horas e, apesar disso, o Dr. Durand afirmava positivamente que ele estava morto havia pelo menos quarenta e oito horas! Tudo aquilo era fantástico ao máximo.

Ainda não nos refizéramos por completo da surpresa causada pelas palavras do médico quando me entregaram um telegrama que tinham vindo trazer do hotel. Abri-o e verifiquei que era de Poirot a anunciar-me o seu regresso no comboio que chegava a Merlinville às 12.28 h.

Olhei para o relógio e vi que tinha tempo à justa para ir esperá-lo à estação. Achava da máxima importância informá-lo imediatamente do novo e surpreendente acontecimento.

Pensei para comigo que Poirot não devia ter tido dificuldade em encontrar o que fora procurar a Paris. Provava-o a rapidez do seu regresso. Tinham-lhe bastado algumas horas. Perguntei' a mim mesmo como aceitaria ele as notícias que lhe ia dar.

O comboio estava alguns minutos atrasado e eu comecei a andar de um lado para *o* outro, no cais, até" me ocorrer que poderia aproveitar o tempo mais utilmente, perguntando quem partira de Merlinville no último comboio, na noite da tragédia.

Fui ter com o chefe dos bagageiros, um homem de ar inteligente, e não me foi difícil persuadi-lo a falar do assunto.

Era uma vergonha para a Polícia, afirmou acaloradamente, consentir que tais patifes, tais assassinos, andassem à solta, impunes. Aventei a possibilidade de terem partido no comboio da meia-noite, mas ele recusou decididamente semelhante ideia:

tinha a certeza de que teria reparado em dois desconhecidos,

se assim tivesse sido. Nesse comboio tinham partido apenas
umas vinte pessoas e, portanto, não lhe teriam escapado.
Não sei o que me meteu a ideia na cabeça talvez a profunda
ansiedade subjacente ao tom de voz de Marthe Daubreuil
, mas dei comigo a perguntar, de súbito:
O jovem M. Renauld não partiu nesse comboio, pois não?
Ah, não, *monsieur!* Chegar e partir de novo apenas com
meia hora de intervalo não teria sido nada divertido!
Fitei o homem, boquiaberto, quase a deixar escapar o significado
das suas palavras. Mas depois percebi.
Quer dizer que M. Jack Renauld chegou a Merlinville
nessa noite?inquiri, com o coração a bater mais depressa.
com certeza, *monsieur.* Chegou no último comboio vindo
da direcção oposta, o das onze e quarenta.
A cabeça andou-me à roda. Era esse, então, o motivo da
profunda ansiedade de Marthe! Jack Renauld estivera em Merlinville
na noite do crime! Mas porque não o dissera ele? Porque
nos fizera crer que ficara em Cherbourg? Recordei-me do seu
rosto franco e juvenil e custou-me a crer que pudesse estar de
qualquer modo relacionado com o crime. No entanto, como
explicar aquele silêncio da sua parte, acerca de um assunto
tão vital? Uma coisa era certa: Marthe soubera-o desde o princípio.
Daí a sua ansiedade e as perguntas angustiadas que fizera
a Poirot, para saber se suspeitavam de alguém.
As minhas cogitações foram interrompidas pela chegada
do comboio e, momentos depois, cumprimentava Poirot.
O homenzinho estava radiante. Sorriu, gritou e, esquecendo
a minha britânica relutância, abraçou-me calorosamente, em
pleno cais.

Mon cher ami, fui bem sucedido, maravilhosamente bem sucedido!

Sim? Encanta-me sabê-lo. Já tem conhecimento das últimas novidades daqui?

Como quer que tenha conhecimento de alguma coisa, se mal acabo de chegar? Mas o caso andou? O valoroso Giraud

fez alguma prisão? Ou prisões, talvez, hem? Ah, mas hei-de deixá-lo com cara de parvo! Aonde me leva, meu amigo? Não vamos ao hotel? Preciso de cuidar do meu bigode, que está deploravelmente flácido devido ao calor da viagem. Além disso devo ter poeira no casaco... e preciso de compor a gravata.

Meu caro Poirot, deixe lá isso agora. Temos de seguir imediatamente para a moradia: *houve outro assassínio!*

Tenho sofrido decepções frequentes, ao imaginar que vou dar uma novidade importante ao meu amigo. Ou já as conhece, ou considera-as irrelevantes, quanto ao problema principal e, no último caso, geralmente os acontecimentos acabam por lhe dar razão. Desta vez, porém, não me pude queixar do resultado. Nunca tinha visto um homem tão pasmado. O queixo pendeu-lhe, abandonou-o todo o garbo e fitou-me de boca aberta.

Que disse? Outro assassínio? Ah, então estou completamente enganado! Falhei! Giraud poderá troçar de mim à vontade, terá toda a razão para isso!

Não esperava, hem?

Eu? Seria a última coisa que poderia esperar. Arrasa a minha teoria, destrói tudo, é... ah, não! Parou, às palmadas no peito. É impossível, *não posso* estar enganado! Os factos, . encarados metodicamente e pela devida ordem, só-admitem uma explicação. Tenho de ter razão! *Tenho* razão!

Mas, então...

Interrompeu-me:

Espere, meu amigo. Tenho de ter razão, o que significa que este novo assassínio é impossível, a não ser... a não ser... oh, espere, espere, imploro-lhe! Não diga nada...

Ficou calado, um momento ou dois e a seguir, reassumindo os modos normais, declarou em voz calma e convicta:

A vítima é um homem de meia-idade, o seu corpo foi encontrado na barraca fechada à chave, perto do cenário do crime, e a morte ocorrera havia pelo menos quarenta e oito horas. É muito provável que tenha sido apunhalado de modo

similar ao de M. Renauld, embora não necessariamente pelas costas.

Foi a minha vez de ficar boquiaberto e fiquei. Desde que conhecia Poirot nunca o vira fazer uma proeza tão espantosa. E, quase inevitavelmente, atravessou-me o espírito uma dúvida.

Poirot, esteve a mangar comigo! Você já tinha ouvido contar tudo acerca deste crime!

Virou o olhar inquieto para mim, com uma expressão de censura, e perguntou:

Acharme capaz de semelhante coisa? Garanto-lhe que não tinha ouvido absolutamente nada. Não viu o choque que a notícia me causou?

Mas como diabo pode saber tudo isso?

Acertei, então? Oh, nem podia ser de outro modo! As celulazinhas cinzentas, meu amigo, as celulazinhas cinzentas! Foram elas que me disseram. Só assim, e de nenhum outro modo, poderia ter havido outra morte. Agora conte-me tudo. Se formos ali, pela esquerda, poderemos atalhar através do campo de golfe, o que nos levará às traseiras da *Villa Geneviève* muito mais depressa.

Enquanto caminhávamos pelo caminho por ele sugerido, contei-lhe tudo quanto sabia. Poirot escutou-me atentamente.

Disse que o punhal estava na ferida, não disse? Isso é curioso. Tem a certeza de que é o mesmo?

Absoluta, e é isso que torna tudo tão impossível.

Nada é impossível. Os punhais podem ser dois.
Arqueei as sobrancelhas, incrédulo.
Isso é, por certo, muitíssimo improvável, não acha? Seria
uma coincidência extraordinária.
Como de costume, fala sem reflectir, Hastings. Nalguns
casos duas armas idênticas *seriam* muitíssimo improváveis, mas
neste, não. A arma em questão era uma recordação, mandada
fazer por Jack Renauld. Pensando bem, é até muitíssimo improvável
que ele tenha mandado fazer só uma. Provavelmente
tinha outro para seu uso próprio.

Mas ninguém mencionou tal coisa! protestei.
Meu amigo, quando se investiga um caso não se tomam
em consideração apenas as coisas que são mencionadas redarguiu-me,
em tom levemente professoral. Não há motivo
nenhum para mencionar muitas coisas que podem ser importantes.
Do mesmo modo, há muitas vezes excelentes razões para
não as mencionar. Pode escolher o que mais lhe agradar.
Fiquei calado, impressionado apesar de tudo. Poucos minutos
depois chegámos à barraca, onde encontrámos todos os nossos
amigos. Após uma troca de cumprimentos corteses, Poirot
meteu mãos à obra.
Como já observara Giraud a trabalhar, senti-me profundamente
interessado no que se ia passar. Poirot lançou apenas
um olhar vago ao cenário. A única coisa que examinou foram
as calças e o casaco esfarrapados, junto da porta, o que inspirou
a Giraud um sorriso desdenhoso. Como se o adivinhasse, Poirot
deixou cair a trapagem.
Roupa velha do jardineiro? indagou.
Exactamente respondeu Giraud.
O meu amigo ajoelhou junto do corpo. Os seus dedos moveram-se

rápida e metodicamente. Examinou a textura do vestuário e certificou-se de que não tinha quaisquer marcas. Dedicou especial atenção às botas e também às unhas partidas e sujas. Enquanto as examinava, perguntou a Giraud:

Viu isto?

Vi, sim respondeu o outro, cujo rosto se conservava impenetrável.

De súbito, Poirot pareceu tornar-se rígido.

Dr. Durand!

O médico aproximou-se.

Há espuma nos lábios. Tinha reparado?

Não, devo admitir que não.

Mas está a vê-la, não está?

Oh, certamente!

Poirot fez nova pergunta a Giraud:

Você tinha reparado, com certeza?

O outro não respondeu e Poirot continuou a trabalhar.

O punhal fora retirado da ferida e encontrava-se num frasco de vidro, ao lado do corpo. Poirot examinou-o e a seguir observou cuidadosamente a ferida. Quando levantou a cabeça havia nos seus olhos o brilho verde tão meu conhecido.

Estranha ferida esta! Não sangrou. Não há qualquer mancha nas roupas, apenas a lâmina da arma está ligeiramente suja. Que lhe parece, M. *le docteur?*

Só lhe posso dizer que é muito anormal.

Não tem nada de anormal, é até muito simples. O homem foi apunhalado *depois de* morto. E, silenciando o clamor de vozes com um gesto da mão, virou-se para o detective francês e acrescentou: M. Giraud concorda comigo, não é verdade?

Fosse qual fosse a verdadeira convicção do francês, aceitou

a situação sem que um músculo lhe bulisse. Calmamente, quase
sarcasticamente, respondeu:
Claro que concordo.
Voltou a ouvir-se o murmúrio de surpresa e interesse.
Mas que ideia! exclamou M. Hautet. Apunhalar um
homem depois de morto! Uma barbaridade! Inaudito! Algum
ódio cego, talvez...
Não, Sr. Juiz discordou Poirot. Quanto a mim, foi
feito a sangue-frio, para dar determinada impressão.
Que impressão?
Aquela que quase deu replicou o meu amigo, com a
gravidade de um oráculo.
M. Bex, que estivera a pensar, perguntou:
Mas como foi, então, o homem morto?
Não foi morto: morreu. Ou estou muito enganado,
Sr. Juiz, ou morreu de um ataque epiléptico!
A afirmação de Poirot voltou a provocar grande agitação.
O Dr. Durand ajoelhou-se de novo e procedeu a um exame
minucioso. Por fim levantou-se.
Então, M. *lê docteur?*

M. Poirot, sinto-me inclinado a concordar com a sua
afirmação. Ao princípio fui induzido em erro. O facto incontroverso
de que o homem tinha sido apunhalado desviou a
minha atenção de quaisquer outros indícios.
Poirot transformou-se no herói do momento. O juiz de
instrução desfez-se em elogios, a que o meu amigo reagiu
cortesmente. Por fim despediu-se, pretextando que nem ele nem
eu almoçáramos e que desejava reparar os estragos da viagem.
Quando nos preparávamos para sair da barraca, Giraud abordou-nos:
Mais uma coisa, M. Poirot disse, na sua voz suave e

sarcástica. Encontrámos este cabelo enrolado ao cabo do
punhal. Um cabelo de mulher.
 Ah! exclamou Poirot. Um cabelo de mulher? Pergunto
 a mim mesmo de que mulher...
 Também eu redarguiu Giraud e, com uma inclinação
de cabeça, virou-nos as costas.
 Mostrou-se insistente, o bom do Giraud comentou
Poirot, pensativo, enquanto nos dirigíamos para o hotel. Em
que sentido pretenderá induzir-me em erro? Um cabelo de
mulher... hum!...
Almoçámos com apetite, embora o meu amigo me tenha, _
parecido um pouco distraído e desatento. Depois fomos para a
sala dos nossos aposentos e eu pedi-lhe que me contasse alguma
coisa da sua misteriosa viagem a Paris.
 De boa vontade, meu amigo. Fui a Paris procurar isto.
Tirou da algibeira um recortezinho desbotado de jornal que
reproduzia uma fotografia de mulher. Estendeu-mo e eu soltei
uma exclamação.
 Reconhece-a, meu amigo?
Acenei afirmativamente. Embora fosse evidente que a
fotografia tinha muitos anos, e apesar do estilo de penteado
diferente, a semelhança era inequívoca.
 Madame Daubreuil! exclamei.
Poirot abanou a cabeça, a sorrir.

 Não está exactamente correcto, meu amigo. Ela não
tinha esse nome, nesse tempo. Essa fotografia é de uma famosa
Madame Beroldy!
Madame Beroldy! Lembrei-me de tudo, num ápice. Um julgamento
 de assassínio que despertara grande interesse, mundialmente.

CAPÍTULO XVI

O Processo *Beroldy*

Cerca de vinte anos antes do início da presente história, Monsieur Arnald Beroldy, natural de Lião, chegou a Paris na companhia da sua bonita mulher e da filha, então bebé.

Monsieur Beroldy era o sócio menos importante de uma firma de negociantes de vinho, um homem robusto, de meia-idade, amante das boas coisas da vida, dedicado à sua encantadora esposa e sem nada que o tornasse notável, fosse em que sentido fosse. A firma a> que Monsieur Beroldy pertencia era modesta e, embora singrasse bem, não lhe proporcionava grandes rendimentos. Os Beroldys tinham um pequeno apartamento e viviam muito modestamente, ao princípio.

Mas, embora Monsieur Beroldy fosse um homem apagado, o pincel do romance não fora avaro no que respeitava à sua mulher. Jovem e bonita, e ainda por cima dotada de um singular encanto de maneiras, Madame Beroldy causou imediatamente sensação no bairro, principalmente quando se começou a dizer à boca pequena que um interessante mistério envolvia o seu nascimento. Constava que era filha ilegítima de um grão-duque russo. Outros afirmavam que o pai era um arquiduque austríaco e que ela nascera de uma união legal, ainda que morganática. Todas as histórias, porém, coincidiam num ponto: Jeanne Beroldy era o fulcro de um interessante mistério. Interro-

gada por curiosos, Madame Beroldy não desmentia os boatos. Pelo contrário, dava claramente a entender que, embora os seus lábios estivessem selados, todas aquelas histórias tinham, realmente, fundamento em factos. As amigas íntimas com quem desabafava mais falavam de intrigas políticas, de «papéis», de perigos obscuros que a ameaçavam. Também se falava muito de jóias da coroa que seriam vendidas secretamente,

servindo ela de intermediária.

Entre os amigos e conhecidos dos Beroldys contava-se um jovem advogado, Georges Conneau. Não tardou a tornar-se evidente que a fascinante Jeanne lhe escravizara por completo o coração. Madame Beroldy encorajava discretamente o jovem, mas tinha sempre o cuidado de afirmar a sua completa dedicação ao marido de meia-idade. No entanto, muitos despeitados não hesitaram em afirmar que o jovem Conneau era seu amante e não o único!

Cerca de três meses depois de os Beroldys terem chegado a Paris, surgiu em cena outra personagem: Mr. Hiraim P. Trapp, natural dos Estados Unidos e riquíssimo. Apresentado à encantadora e misteriosa’ Madame Beroldy, foi vítima imediata do seu fascínio. A sua admiração por ela era evidente, embora severamente respeitosa.

Mais ou menos nessa altura, Madame Beroldy tornou-se mais explícita nas suas confidências. Confessou a vários amigos que estava muito preocupada por causa do marido. Explicou que ele se tinha deixado arrastar para vários planos de natureza política e aludiu também a certos documentos importantes que lhe tinham sido confiados, para guardar, e que se relacionavam com um «segredo» de extrema importância para a Europa. Tinham-lhos confiado para despistar uma outra facção neles interessada, mas Madame Beroldy sentia-se inquieta, pois reconhecera em Paris diversos membros importantes do círculo revolucionário.

A «bomba» rebentou no dia 28 de Novembro. A mulher que ia diariamente arrumar a casa e cozinhar para os Beroldys

ficou surpreendida ao encontrar a porta do apartamento escancarada. Ouviu gemidos abafados vindos do quarto e correu para

lá. Deparou-se-lhe um espectáculo horrível. Madame Beroldy estava caída no chão, amarrada de pés e mãos e soltando débeis gemidos, pois conseguira livrar-se da mordaça que lhe tapara a boca. Monsieur Beroldy encontrava-se na cama, num charco de sangue, com uma faca cravada no coração.

Madame Beroldy contou uma história perfeitamente clara. Acordara de repente e vira dois homens mascarados debruçados para ela» Eles tinham-lhe abafado os gritos e depois haviam-na atado e amordaçado, pedindo em seguida a Monsieur Beroldy o famoso «segredo».

Mas o intrépido negociante de vinhos recusara-se terminantemente a satisfazer o seu pedido. Irritado com a recusa, um dos homens cravara-lhe, acto contínuo, a faca no coração. com as chaves do morto tinham aberto o cofre do canto do quarto e levado consigo uma quantidade de papéis. Ambos os homens usavam grandes barbas e máscaras, mas Madame Beroldy declarou positivamente que eram russos.

O crime causou enorme sensação e tornou-se conhecido como «O Mistério Russo». O tempo foi passando sem que os misteriosos barbudos fossem encontrados. Então, precisamente quando o interesse do público começava a enfraquecer, aconteceu uma coisa surpreendente: Madame Beroldy foi presa e acusada de ter assassinado o marido.

O julgamento suscitou também enorme interesse. A juventude e a beleza da acusada, assim como a sua misteriosa história, bastaram para o transformar numa *cause célebre. As* pessoas manifestavam grande interesse e as suas posições extremavam-se: a favor ou contra a acusada. O entusiasmo dos primeiros, porém, sofreu severos golpes: provou-se que o passado romântico de Madame Beroldy, o seu sangue real e as misteriosas

intrigas que tecera não passavam de fantasias da imaginação. Provou-se também, sem sombra de dúvida, que os pais de

Jeanne Beroldy eram um casal muitíssimo respeitável e prosaico, negociantes de fruta, que viviam nos arredores de Lião.

O grão-duque russo, as intrigas da corte e os enredos políticos, enfim, todas as histórias, tinham uma única origem: a própria dama! Do seu cérebro tinham emanado os engenhosos mitos e provou-se que ela obtivera uma importância considerável de várias pessoas crédulas graças à sua ficção das «jóias da coroa» as quais se verificou serem meras imitações. Implacavelmente, toda a história da sua vida foi posta a nu. O móbil do crime era, segundo se descobriu, Mr. Hiram P. Trapp. Mr. Trapp fez o possível para não complicar as coisas, mas contra-interrogado insistente e habilmente teve de admitir que amava a senhora em questão e que, se ela fosse livre, lhe teria pedido que casasse com ele. O facto de as relações entre eles serem aparentemente platónicas agravou o caso da acusada. Impedida de se tornar sua amante pela natureza simples e honrada do homem, Jeainne Beroldy concebera o monstruoso projecto de se libertar do marido apagado e de meia-idade e tornar-se mulher do rico americano.

Madame Beroldy enfrentou sempre os seus acusadores com absoluto sangue-frio e autodomínio. A sua história nunca variou. Continuou a afirmar teimosamente que era de nasci? mento real e que substituíra a filha dos vendedores de fruta quando era muito pequena. Apesar de tais afirmações serem absurdas e não assentarem em quaisquer provas concretas, um grande número de pessoas acreditou implicitamente nelas, considerou-as verdadeiras.

Mas a acusação foi implacável. Denunciou os «russos»

mascarados como um mito e afirmou que o crime tinha sido cometido por Madame Beroldy e pelo seu amante Georges Conneau. Foi passado um mandato para a detenção do último, mas ele tivera o bom senso de desaparecer. Ficou demonstrado que as cordas que amarravam Madame Beroldy eram tão frouxas que ela se poderia ter soltado sem dificuldade.

Até que, quando o fim do julgamento se aproximava, o

acusador público recebeu uma carta enviada de Paris por Georges Conneau. Sem revelar o seu paradeiro, fazia uma confissão completa do crime. Declarava que fora de facto ele que desferira o golpe fatal, por instigação de Madame Beroldy.

O crime tinha sido planeado por ambos. Acreditando que o marido a maltratava e enlouquecido pela sua própria paixão por ela, paixão que julgara retribuída, planeara o crime e dera o golpe fatal que libertaria a mulher que amava de uma escravidão odiosa. Agora, porém, tomava pela primeira vez conhecimento da existência de Mr. Hiram P. Trapp e compreendia que a mulher amada o atraiçoara! Não fora por amor dele que desejara libertar-se e, sim, para casar com o americano rico.« Utilizara-o como simples instrumento e ele, cego de ciúme, retaliava denunciando-a, afirmando que agira em tudo por instigação dela.

Foi então que Madame Beroldy demonstrou ser a extraordinária mulher que na realidade era. Sem hesitar, abandonou a defesa anteriormente adoptada e admitiu que os «russos» eram, de facto, pura invenção da sua parte. O verdadeiro assassino era Georges Conneau. Enlouquecido pela paixão, cometera o crime e jurara-lhe que, se não se calasse, exerceria nela uma terrível vingança. Aterrorizada por tais ameaças, resolvera obedecer-lhe, tanto mais que receava que, se dissesse a verdade,

a acusassem de conivência. Mas recusara-se firmemente a continuar a ter quaisquer relações com o assassino do marido e fora por isso, para se vingar dessa sua atitude, que ele escrevera a carta, acusando-a. Jurava solenemente que não tivera nada a ver com o planeamento do crime, que acordara na memorável noite e encontrara Georges Conneau debruçado para ela, com a faca suja de sangue na mão.

Foi por um triz. A história de Madame Beroldy merecia pouca credibilidade, mas aquela mulher, cujos contos de fadas de intrigas reais tinham sido tão facilmente aceitos, possuía a arte suprema de se fazer acreditar. O discurso que fez ao júri foi uma obra-prima. com as lágrimas a correr pela cara abaixo,

falou da filha, da sua honra de mulher e do seu desejo de conservar a reputação limpa, por amor da criança. Admitiu que, em virtude de Georges Conneau ter sido seu amante, talvez pudesse ser considerada moralmente responsável pelo crime, mas jurava perante Deus que não tivera outra responsabilidade além dessa. Sabia que cometera grave falta pelo facto de não denunciar Camneau às autoridades, mas declarou em voz trémula de emoção tratar-se de uma coisa que nenhuma mulher poderia ter feito. Amava-o! Poderia permitir que fosse a sua mão a mandá-lo para a guilhotina? Tinha muitas culpas, mas estava inocente do terrível crime que lhe imputavam.

Fosse como fosse, a sua eloquência e a sua personalidade salvaram-na. Numa cena de emoção sem paralelo, Madame Beroldy foi absolvida.

Quanto a Georges Conneau, a Polícia nunca conseguiu localizá-lo, apesar de todos os esforços que fez nesse sentido. De Madame Beroldy nada mais se soubera. Deixara Paris com a filha, para iniciar nova vida.

CAPÍTULO XVII

Fazemos Novas Investigações

Contei todos os pormenores do processo Beroldy. Claro que
não me acudiram à memória como os expus, embora me lembrasse
do caso com relativa exactidão. Despertara muito interesse,
na época, e tinha sido relatado com minúcia pelos jornais
ingleses, de modo que não precisei de um grande esforço de
memória para reconstituir as partes mais importantes.
Momentaneamente, e dada a minha excitação, pareceu-me
que permitiria esclarecer todo o assunto. Admito que sou
impulsivo e Poirot deplora o meu hábito de tirar conclusões
precipitadas, mas pareceume que, neste caso, tinha certa dês-

culpa. A maneira extraordinária como a descoberta justificava
o ponto de vista de Poirot, entusiasmou-me.

Felicito-o, Poirot. Agora compreendo tudo.

Se isso é verdade, sou *eu* que o felicito, *mon ami,* pois
geralmente você não é famoso quando se trata de compreender,
eh?

Senti-me um bocadinho ofendido.

Não precisa de mo lembrar. Você foi tão diabolicamente
misterioso desde o princípio, com as suas insinuações e as suas
parcas explicações, que qualquer teria dificuldade em compreender
aonde queria chegar.

Poirot acendeu um dos seus cigarrinhos com a meticulosidade
habitual. Depois levantou a cabeça e perguntou-me:

Mas já que, mon ami, agora compreende tudo, gostaria
que me dissesse exactamente o que compreende.

Ora, que foi Madame Daubreuil-Beroldy que assassinou
M. Renauld! A similaridade dos dois casos prova-o sem lugar
para dúvidas.

Considera então que Madame Beroldy não devia ter sido absolvida? Que, de facto, foi culpada de conivência no assassínio do marido?

Mas claro! exclamei, de olhos muito abertos. E você não pensa assim?

Poirot foi até ao outro extremo da sala, endireitou distraidamente uma cadeira e depois respondeu, pensativo:

Sim, é essa a minha opinião. Mas não há nenhum claro nem meio claro a tal respeito. Tecnicamente falando, Madaime Beroldy está inocente.

Desse crime, talvez, mas não deste.

Poirot voltou a sentar-se e fitou-me, mais pensativo do que nunca.

É então sua opinião firme, Hastings, que Madame Daubreuil assassinou M. Renauld?

É.

Porquê?

Fez-me a pergunta com tal brusquidão que fiquei como que aparvalhado.

Porquê? tartamudeei. Porquê? Ora, porque... E não saiu mais nada.

Poirot olhou-me, a acenar a cabeça.

Está a ver? Chegou imediatamente a um beco sem saída. Porque haveria Madame Daubreuil de assassinar M. Renauld? Não descobrimos sombra de motivo. Ela não beneficia com a sua morte; considerada quer como amante, quer como chantagista, só tem a perder com ela. Não pode haver um assassínio sem motivo. O primeiro crime foi diferente, havia um amante rico à espera de ocupar o lugar do marido.

O dinheiro não é o único motivo para assassinar protestei.

Pois não concordou Poirot, placidamente. Há outros
dois. O *crime passionnel é* um deles. E o terceiro e raro é o
assassínio por uma ideia, o que implica qualquer forma de
desarranjo mental da parte do assassino. A mania homicida e
o fanatismo religioso pertencem a essa classe. Podemos excluí-lo,
neste caso.
E o *crime passionnell* Também pode excluí-lo? Se Madame
Daubreuil era amante de Renauld, se descobriu que o
afecto dele estava a arrefecer ou se qualquer coisa lhe despertou
ciúmes, não poderia tê-lo matado, num momento de
cólera?
Poirot abanou a cabeça.
Se (repare que digo *se)* Madame Daiubreuil era amante
de Renauld, ele não tinha tido tempo de se cansar dela. E, de
qualquer modo, você está a interpretar mal o carácter da
mulher. Ela é capaz de simular grande tensão emocional, é uma
actriz magnífica, mas encarada desapaixonadamente a sua vida
desmente a impressão que causa. Se virmos bem a questão, ela
foi sempre calma e calculista nos seus motivos e acções. Não
foi para ligar a vida à do jovem amante que colaborou no
assassínio do marido; o americano rico, para o qual provável-

mente se estava nas tintas, era o seu objectivo. É mulher que,
se cometesse um crime, teria sempre como móbil o lucro. Ora
aqui não lucraria nada. Além disso, como explica você a abertura
da cova? Isso foi trabalho de homem.
Talvez ela tivesse um cúmplice alvitrei, pouco disposto
a abandonar a minha convicção.
Vejamos outra objecção da minha parte: falou da similaridade
entre os dois crimes. Em que reside essa similaridade?
Fitei-o, estupefacto.

Mas, Poirot, foi você que aludiu a isso! A história dos
mascarados, o segredo, os papéis!...

Rogo-lhe que não se mostre tão indignado pediu-me, a
sorrir um pouco. Não nego nada do que disse. A similaridade
das duas histórias liga inevitavelmente os dois casos. Mas
agora pense num pormenor muito curioso: não é Madame Daubreuil
que nos conta essa história (se fosse seria uma beleza,
iria tudo de vento em popa) e, sim, Madame Renauld. Estará
ela, então, conluiada com a outra?

Não posso acreditar nisso afirmei, devagar. Se isso
fosse verdade ela seria a actriz mais consumada que o mundo
jamais conheceu.

Ora, ora! impacientou-se Poirot. Lá vem você outra
vez com o sentimento em vez de com a lógica! Se para ser
criminosa é necessário ser uma actriz consumada, então deixe-se
de cerimónias e presuma que ela o é. Mas é de facto necessário?
Não acredito que Madame Renauld esteja conluiada com Madame
Daubreuil por diversas razões, algumas das quais já lhe
enumerei. As outras saltam aos olhos. Portanto, eliminada essa
possibilidade, aproximamo-nos muito da verdade, que é, como
sempre, deveras curiosa e interessante.

Que sabe você, Poirot?

Mon ami, tem de fazer as suas próprias deduções. Tem
acesso aos factos! Concentre o trabalho das suas células cinzentas.
Raciocine, não como Giraud, mas sim como Hercule
Poirot!

Mas *tem a certeza?*

Meu amigo, tenho sido um imbecil, em muitos sentidos,
mas finalmente vejo claro.

Sabe tudo?

Descobri o que M. Renauld me mandou chamar para descobrir.

E conhece o assassino?

Conheço um assassino.

Que quer dizer?

Estamos a desconversar um pouco. Não há um crime, mas sim dois. O primeiro, solucionei-o; quanto ao segundo... *eh bien,* confesso que não tenho a certeza.

Mas, Poirot, não disse que o homem encontrado na barraca morreu de morte natural?

Ora, ora! Poirot soltou a sua exclamação de impaciência preferida. Continua a não compreender. Pode-se ter um crime e não ter um assassino, mas para dois crimes é essencial ter dois cadáveres.

A sua observação pareceu-me tão peculiarmente carecida de lucidez que o fitei com certa ansiedade. Mas o aspecto dele era perfeitamente normal. De súbito, levantou-se e foi até à janela. -> ”

Aí vem ele observou.

M. Jack Renauld. Mandei-lhe um bilhete, a pedir-lhe que viesse cá.

Isso mudou o curso dos meus pensamentos e eu perguntei a Poirot se sabia que Jack Renauld estivera em Merlinville na noite do crime. Esperava apanhar o meu astuto amiguinho desprevenido, mas verifiquei que, como de costume, continuava omnisciente. Também investigara na estação.

E, sem dúvida, não fomos originais na ideia, Hastings. O excelente Giraud também deve ter feito as suas perguntinhas.

Não pensa... Oh, não, seria demasiado horrível!

Poirot olhou-me interrogadoramente, mas eu não disse mais

nada. Acabava de pensar que embora houvesse sete mulheres directa ou indirectamente relacionadas com o caso (Mrs. Renauld, Madame Daubreuil e a filha, a misteriosa visitante e as três criadas, tirando o velho Auguste, que praticamente não contava, só havia um homem: Jack Renauld. *E a cova devia ter sido aberta por um homem.*

Não tive tempo de aprofundar a terrível ideia que acabava de me acudir ao espírito, porque Jack Renauld entrou na sala.

Poirot cumprimentou-o despreocupadamente.

Queira sentar-se, monsieur. Lamento muitíssimo incomodá-lo, mas talvez compreenda que a atmosfera em sua casa não é muito agradável para mim. M. Giraud e eu não temos os mesmos pontos de vista, a sua cortesia para comigo tem deixado muito a desejar e, compreensivelmente, não desejo que quaisquer pequenas descobertas feitas por mim o beneficiem a ele, seja em que sentido for.

Tem *razão,* M. Poirot. Esse Giraud é um bruto, um malcriadão, e eu ficaria encantado se visse alguém levar-lhe a palma.

Nesse caso, posso pedir-lhe um pequeno favor?

com certeza.

Peço-lhe que vá à estação e se meta no comboio para a estação seguinte, Abbalac. Pergunte na arrecadação se dois desconhecidos não deixaram lá uma mala na noite do crime.

É uma estação pequena e se tal aconteceu certamente se lembrarão.

Faz-me esse favor?

Oh, sem dúvida! respondeu o rapaz, mistificado mas disposto a ser útil.

Eu e o meu amigo temos que fazer noutro lado, como compreenderá. Há um comboio daqui a um quarto de hora e eu peço-lhe que siga directamente para a estação, sem passar

por casa, pois não desejo que Giraud desconfie do encargo
que lhe confiei.
 Muito bem, seguirei directamente para a estação.
144
Levantou-se para sair, mas o meu amigo deteve-o:
 Um momenco, M. Renauld, há um pormenorzinho que
me intriga: porque não disse a M. Hautet, esta manhã, que
esteve em Meriinville na noite do crime?
O rosto de Jack Renauld tornou-se escarlate, mas o rapaz
tentou dominar-se, com esforço.
 Está enganado. Estive em Cherbourg, como disse ao juiz
de instrução, esta manhã.
Poirot fitou-o de olhos semicerrados como um gato, até
deixar ver apenas uma cintilação verde.
 Singular erro o meu, nesse caso, pois é compartilhado
pelo pessoal da estação. Dizem que o senhor chegou no comboio
 das onze e quarenta.
Jack Renauld hesitou momentaneamente, mas depois decidiu-se:
 E que importa que tenha estado cá? Suponho que não
tenciona acusar-me de ter participado no assassínio do meu
pai? perguntou altivamente, de cabeça inclinada para trás.
 Gostaria de uma explicação do motivo que o trouxe cá.
 É simples: vim ver a minha noiva, Mademoiselle Marthe
Daubreuil. Ia iniciar uma longa viagem e não sabia quando
voltaria. Quis falar-lhe antes de partir, para lhe afirmar a
rninha inalterável dedicação.
 E falou-lhe? perguntou Poirot, cujos olhos não se
afastavam do rosto do rapaz.
Seguiu-se uma pausa, antes de Renauld responder:
 Falei.
E depois?

Verifiquei que perdera o último comboio. Fui a pé até
St. Beauvais, onde bati à porta de uma garagem e arranjei um
carro para me levar a Cherbourg.

St. Beaiuvais? Mas isso fica a quinze quilómetros de
distância! Longa caminhada, M. Renauld.

Apetecia-me... apetecia-me andar.

Poirot inclinou a cabeça, a indicar que aceitava a expli-

cação, e Jack Renauld pegou no chapéu e na bengala e partiu.

Poirot levantou-se, acto contínuo.

Depressa, Hastings, vamos atrás dele!

Seguimos a nossa presa de uma distância discreta, através
das ruas de Merlinville. Mas quamdo Poirot o viu virar no
sentido da estação, parou.

Pronto, não há novidade, ele mordeu a isca. Irá a
Abbalac e perguntará pela mítica mala deixada pelos míticos
desconhecidos. Sim, mon *ami,* foi tudo uma invençãozinha
minha.

Queria afastá-lo! exclamei.

O seu poder dedutivo é surpreendente, Hastings! Agora,
se quiser fazer o favor de me acompanhar, vamos à *Villâ
Geneviève.*

CAPÍTULO XVIII

Giraud Entra em Acção

A propósito, Poirot, preciso de esclarecer uma coisa
consigo declarei, enquanto seguíamos pela estrada escaldante.

Estou convencido de que a sua intenção foi boa, mas
francamente não tinha nada que ir bisbilhotar ao *Hotel du
Phare* sem me dizer.

Como soube que lá fui?

Para minha grande irritação, senti o sangue subir-me às faces.

Fui até lá, de passagem (respondi, com o máximo de dignidade que consegui reunir.

Receava a troça de Poirot, mas, para alívio meu e também para minha surpresa , ele limitou-se a abanar a cabeça com uma gravidade fora do vulgar.

Se ofendi as suas susceptibilidades em qualquer sentido, peço-lhe perdão. Em breve compreenderá melhor o meu proce-

146

dimento. Creia no entanto que me tenho esforçado por concentrar todas as energias na investigação deste caso.

Oh, não tem importância! afirmei, apaziguado pelo pedido de desculpa. Sei que faz essas coisas porque leva a peito os meus interesses, mas eu sei cuidar de mim.

Poirot deu a impressão de ir dizer qualquer coisa, mas desistiu.

Chegados à moradia, o detective seguiu na direcção da barraca onde o segundo corpo fora encontrado, mas em vez de entrar parou junto do banco que já mencionei antes e que ficava a poucos metros da construção. Depois de olhar um bocado para o banco, dirigiu-se cautelosamente até à sebe que servia de fronteira entre a *Villa Geneviève* e a *Villa Marguerite.* Depois voltou para trás, a acenar com a cabeça, dirigiu-se de novo para a sebe e afastou os arbustos com as mãos.

’com sorte disse-me, por cima do ombro, talvez Mademoiselle Marthe esteja no jardim. Desejo falar com ela preferia não ter de ir bater formalmente à porta da *Villa Marguerite.* Ah, corre tudo bem, ela está ali! Pst, *mademoiselle.* Pst, un *moment,* s’il *vous plait.*

Reuni-me a ele no momento em que Marthe Daubreuil, com

um ar um pouco assustado, corria ao seu encontro.
 Permite-me uma palavrinha, *mademoiselle?*
 com certeza, M. Poirot. Apesar da aquiescência, os
olhos da rapariga pareciam inquietos e receosos.-
 Lembra-se de correr atrás de mim, na estrada, no dia
em que fui a sua casa com o juiz de instrução? Nessa altura
perguntou-me se havia algum suspeito.
 E o senhor respondeu-me que havia dois chilenos respondeu
 um pouco ofegante, enquanto a mão esquerda lhe
subia para o peito.
 Importa-se de me fazer outra vez a mesma pergunta,
mademoiselle?
 Que quer dizer?

 Isto: se repetir a pergunta dar-lhe-ei uma resposta diferente.
 Suspeita-se de alguém, mas não de um chileno.
 De quem? A pergunta saiu abafada dos lábios entreabertos.
 De M. Jack Renauld.
 O quê? gritou a rapariga. Jack? Impossível! Quem
se atreve a suspeitar dele?
 Giraud.
 Giraud! O rosto de Marthe estava da cor da cinza.
 Tenho medo desse homem. É cruel. Ele... ele...
Não concluiu a frase, mas o seu rosto adquiriu uma expressão
 de coragem e determinação. Nesse momento compreendi
que era uma lutadora. Poirot também a observava atentamente.
 Sabe, sem dúvida, que Jack Renauld esteve *cá* na noite
do crime?
 Sei respondeu maquinalmente a jovem. Ele disse-me.
 Foi insensato tentar ocultar esse facto ..
Pois foi, pois foi concordou Marthe, cheia de impaciência.

Mas não podemos perder tempo com lamentações,
temos de descobrir uma maneira de o salvar. Claro que ele
está inocente, mas isso não lhe servirá de nada com um
homem como Giraud, que tem de pensar na sua reputação.
Precisa de prender alguém e esse alguém será o Jack.

Os factos incriminá-lo-ão observou Poirot. Tem
consciência disso?

Olhou-o de frente e repetiu as palavras que lhe ouvira na
sala da mãe:

Não sou uma criança, *monsieur,* sei ser corajosa e encarar
os factos de frente. Ele está inocente e temos de o salvar.

Falou com uma espécie de energia desesperada e depois
calou-se e franziu a testa como se meditasse.

Mademoiselle, não estará a ocultar nada que nos devesse
dizer? perguntou o meu amigo, sem a desfitar.

Ela acenou afirmativamente, perplexa.

Sim, há qualquer coisa... mas parece tão absurdo que
não sei se acreditará.

De qualquer maneira, diga-nnos. .

É o seguinte: M. Giraud mandou-me chamar, para me
perguntar se sabia identificar o homem que está ali inclinou
a cabeça na direcção da barraca. Não soube. Pelo menos na
altura, não soube. Mas depois tenho estado a pensar...

E então?

Parece muito estranho, mas quase juraria... Eu explico.
Na manhã do dia em que M. Renauld foi assassinado eu estava
aqui a passear no jardim quando ouvi vozes de homem, a
discutir. Afastei os arbustos e espreitei. Um dos homens era /
M. Renauld e o outro era um vagabundo, uma criatura de
aspecto horrível, coberta de andrajos imundos. Este último

pedinchava e ameaçava alternadamente. Deduzi que estava a pedir dinheiro, mas nesse momento a *maman* chamouhme, de casa e tive de ir. Foi só isso que se passou, mas tenho quase a certeza de que o vagabundo e o morto da barraca são uma e a mesma pessoa.

Poirot soltou uma exclamação abafada e perguntou-lhe:

Mas porque não disse logo isso, na altura, *mademoiselle?*

Porque ao princípio me pareceu apenas que o rosto me"-era vagamente familiar. O homem estava vestido "de modo diferente e, aparentemente, a sua posição na vida era superior à do vagabundo. Mas diga-me uma coisa, M. Poirot, não será possível que o indivíduo tenha atacado e matado M. Renauld, tirando-lhe depois a roupa e o dinheiro?

É uma ideia, *mademoiselle* admitiu Poirot, em voz lenta. Deixa muita coisa por explicar, mas é sem dúvida uma ideia. Pensarei nisso.

Uma voz chamou, de casa.

É a *maman* murmurou Marthe. Tenho de ir e

Esgueirou-se através das árvores.

Venha disse Poirot e, dando-me o braço, seguiu na direcção da *Villa Geneviève.*

149

Que pensa realmente? perguntei, com curiosidade. A história que a rapariga contou é verdadeira ou tê-la-á inventado para desviar as suspeitas do namorado?

É uma história curiosa, mas creio que absolutamente verdadeira. Sem dar por isso, Mademoiselle Marthe disse-nos a verdade a outro respeito... e ao fazê-lo deixou Jack Renauld por mentiroso. Reparou na hesitação dele quando lhe perguntei se falara com Marthe Daubreuil na noite do crime? Só após uma pausa é que respondeu: «Falei.» Desconfiei de que

mentia e achei necessário ver Mademoiselle Marthe antes que
ele pudesse avisá-la. Uma frasezinha simples deu-me a informação
que desejava. Quando lhe perguntei se sabia que Jack
Renauld estivera cá na noite do crime, ela respondeu: «Ele
disse-me.» Portanto, Hastings, que esteve Jack Renauld a fazer
aqui na trágica noite, e se não esteve com Marthe, com quem
esteve então?

Não acredita, com certeza, que um rapaz como aquele
fosse capaz de matar o próprio pai? perguntei, apavorado.

Mon ami, continua a ser de um sentimentalismo incrível!
Tenho conhecido mães que assassinaram os filhinhos pequenos
para receberem o seguro! Depois disso é possível acreditar em
tudo.

E o móbil?

Dinheiro, claro. Lembre-se de que Jack Renauld supunha
que herdaria metade da fortuna do pai, por morte deste.

Mas o vagabundo... Onde entra o vagabundo em tudo
isso?

Poirot encolheu os ombros.

Giraud diria que foi um cúmplice, um bandido que
ajudou o jovem Renauld a cometer o crime e que depois foi
ronvenientemente afastado do caminho.

E o cabelo enrolado ao cabo do punhal? O cabelo de
mulher?

Ah, isso é a nata da brincadeirazinha de Giraud!
exclamou Poirot, a sorrir. Ele está convencido de que não

se trata de um cabelo de mulher. Lembre-se de que alguns
jovens de hoje usam o cabelo penteado para trás, a partir da
testa, e acamado com muita brilhantina ou fixador, para não
se despentear. Por isso, alguns dos cabelos têm bom tamanho.

Não respondeu Poirot, com um sorriso curioso. Eu
sei que é um cabelo de mulher... mais, sei de que mulher é!
Madame Daubreuil afirmei positivamente.
Talvez murmurou o meu amigo e fitou-me, irónico.
Mas eu resolvi não me aborrecer e perguntei-lhe, ao entrarmos
no vestíbulo da *Villa Geneviève:*
Que vamos fazer agora?
Desejo passar uma busca às coisas de M. Jack Renauld.
Foi por isso que o afastei do caminho durante umas horas.
Mas o Giraud não terá já efectuado essa busca?
Sem dúvida. Ele constrói um caso destes como um castor
constrói uma represa, com fatigante zelo. Mas não deve ter
procurado aquilo que eu procuro... e é muito provável que não
tenha compreendido a sua importância, mesmo que tenha tido
as coisas que me interessam debaixo do nariz. Comecemos.
Calma e metodicamente, Poirot abriu uma gaveta de cada
vez, examinou o conteúdo e repô-lo exactamente como o encontrara.
Era um trabalho muito enfadonho e desinteressante.'
Poirot remexeu em colarinhos, pijamas e peúgas. Uma espécie
de ruído ronronante, no exterior, atraiu-me à janela. Fiquei
galvanizado, acto contínuo.
Poirot! Acaba de chegar um automóvel. Vêm nele Giraud,
Jack Renaiuld e dois gendarmes.
Sacre tonnerrel Esse animal do Giraud não podia ter
esperado? Não terei tempo para arrumar as coisas da última
gaveta com o devido método. Despachemo-nos!
Sem cerimónias, despejou a gaveta no chão. O conteúdo
constava principalmente de lenços e gravatas. De súbito, com
uma exclamação de triunfo, Poirot deitou a mão a um rectângulo
de cartão, sem dúvida uma fotografia. Guardou-a na
algibeira, meteu tudo na gaveta a trouxe-mouxe, agarrou-me

no braço e arrastourme para fora do quarto e pela escada
abaixo. Giraud estava no vestíbulo, a olhar para o seu preso.
 Boas tardes, M. Giraud cumprimentou Poirot. Que
aconteceu?
O detective inclinou a cabeça na direcção do rapaz e respondeu:
 Ia tentar pirar-se, mas eu fui mais esperto do que ele.
Está sob prisão por suspeita de ter assassinado o pai, M. Paul
Renauld.
Poirot virou-se e olhou para o rapaz, que estava encostado
à porta, de braços caídos e lívido.
 Que diz a isso, *jeune homme!*
Jack Renauld fitou-o como se não o visse e redarguiu:
 Nada.

CAPÍTULO XIX

Uso as Minhas *Células Cinzentas*

Fiquei aparvalhado. Até ao último momento fora incapaz
de acreditar que Jack Renauld fosse culpado. Esperara uma
vibrante proclamação de inocência, em resposta à pergunta
de Poirot. Mas, ao vê-lo flácido e pálido, encostado à porta, e
ao ouvir dos seus lábios aquela palavra incriminadora, deixei
de duvidar.
Poirot, porém, virou-se para o detective francês e perguntou-lhe:
 Em que se fundamenta para o prender?
 Espera que lho diga?
 Espero, quanto mais não seja por uma questão de cortesia.
Giraud olhou-me, hesitante. Debatia«se entre o desejo de
recusar grosseiramente e *o* prazer de triunfar sobre o rival.
 Pensa que cometi um erro, não? indagou, sarcástico.

 Não me surpreenderia replicou Poirot, com uma notazinha
 de maiícia na voz.

Giraud corou profundamente.
Eh *bien,* venha cá e julgará por si mesmo! escancarou
a porta da sala e entrámos, deixando Jack Renauld à guarda
dos dois gendarmes.
Agora, M. Poirot começou Giraud, pondo o chapéu
em cima da mesa e falando com extremo sarcasmo , vou '
brindá-lo com uma liçãozinha acerca do que é o trabalho de detective.
Mostrar-lhe-ei como nós, modernos, trabalhamos.
Bien'. exclamou Poirot, preparando-se para o ouvir.
Eu mostrar-lhe-ei como a Velha Guarda sabe ouvir. Re-
costou-se na cadeira, fechou os olhos e voltou a abri-los um
momento, para observar: Não receie que eu adormeça. Ouvi-lo-
--ei com a maior atenção.
Claro que percebi logo que aquela história dos chilenos
era treta começou Giraud. Foram dois homens, foram,
mas não eram desconhecidos misteriosos nenhuns! Tudo isso
foi para deitar poeira nos olhos.
Até agora vai tudo muito bem, meu caro Giraud murmurou
o meu amigo. Especialmente se tivermos em conta»,
aquele inteligente truque deles com o fósforo .-e a -ponta do
cigarro.
Giraud fulminou-o com o olhar, mas prosseguiu:
Tinha de haver um homem no caso, para abrir a sepultura.
Nenhum homem beneficia verdadeiramente com o crime,
mas havia um que julgava beneficiar. Tomei conhecimento da
discussão de Jack Renauld com o pai e das ameaças que fez.
O móbil ficou, assim, estabelecido. Vamos agora aos meios.
Jack Renauld esteve em Merlinville nessa noite. Ocultou esse
facto, o que transformou a suspeita, em certeza. Depois encontrámos
uma segunda vítima... *apunhalada com a mesma arma.*
Sabemos quando o punhal foi roubado, aqui o capitão Hastings

permitiu fixar a hora. Jack Renauld, chegado de Cherbourg, foi
153
a única pessoa que poderia tê-lo tirado. Investiguei todas as
outras pessoas da casa e não podia ter sido nenhuma delas.
Está enganado interrompeu Poirot. Há outra pessoa
que podia ter tirado o punhal.
Refere-se a M. Stonor? Esse chegou pela frente da casa,
num automóvel que o trouxe directamente de Calais. Ah, creia,
investiguei todas as possibilidades! M. Jack Renauld chegou de
comboio e decorreu uma hora entre a sua chegada e o momento
em que entrou em casa. com certeza viu o capitão Hastings e
a companheira saírem do barracão, entrou lá por sua vez,
apoderou-se do punhal, apunhalou o cúmplice na barraca...
Cúmplice que já estava morto!
Giraud encolheu os ombros.
Talvez ele não tenha reparado nisso. Pode ter julgado
que o tipo estava a dormir. com certeza tinham marcado um
encontro. De qualquer modo, ele sabia que este aparente
segundo assassínio complicaria muito o caso. E complicou.
Mas não enganou M. Giraud murmurou o meu amigo.
Está a troçar de mim, mas vou dar-lhe uma última e
irrefutável prova. A história de Mrs. Renauld era falsa, uma
invenção do princípio ao fim. Acreditamos que Madame Renauld
amava o marido... mas *mentiu para encobrir o seu
assassino.* Por quem é uma mulher capaz de mentir? Algumas
vezes por si própria, geralmente pelo homem que ama e *sempre*
pelos filhos. Esta é a última e irrefutável prova. Não é possível
ignorá-la.
Giraud calou-se, corado e triunfante, e Poirot fitou-o com
atenção.
Pronto, expus o meu caso declarou o detective. Que

tem a dizer, hem?

Apenas que se esqueceu de tomar uma coisa em consideração.

Qual?

Jack Renauld estava provavelmente ao corrente do planeamento do campo de golfe e sabia que o corpo seria des-

coberto quase imediatamente, quando começassem abrir o
bunker.
Giraud deu uma grande gargalhada.
O que acaba de dizer é idiota! Ele queria que o corpo
fosse encontrado, pois enquanto tal não acontecesse não haveria
a certeza da morte e ele não conseguiria entrar de posse
da herança!
Vi um relâmpago de luz verde *nos* olhos de Poirot, quando
se levantou.
Nesse caso, para que pretenderia enterrá-lo? perguntou
muito suavemente. Reflita, Giraud. Se era do interesse de
jack Renauld que o corpo fosse encontrado sem demora, *para
quê abrir uma sepultura?*
Giraud não respondeu; a pergunta apanharaa-o desprevenido.
Encolheu os ombros, como se quisesse dar a entender que o
pormenor não tinha importância nenhuma.
Poirot encaminhou-se para a porta e eu segui-o.
Há ainda outra coisa que não tomou em consideração
acrescentou, por cima do ombro.
O quê?
O bocado de cano de chumbo respondeu o meu amigo,
e saiu da sala.
Jack Renauld continuava no vestíbulo, pálido e com uma
expressão idiota, mas levantou vivamente a cabeça, quando
nos ouviu. No mesmo instante ouviram-se passos na escada.
Era Mrs. Renaiuld que descia. Ao ver o filho entre os dois
gendarmes, estacou, como que petrificada.
Jack... murmurou. Que é isto, Jack?
Prenderam-me, mãe.
O quê?!
Soltou um grito agudo e, antes que alguém tivesse tempo

de a amparar, cambaleou e caiu pesadamente. Corremos ambos
para ela e levantámo-la.
Fez um grande golpe na cabeça, ao bater nos degraus
informou Poirot. Creio que há também um ligeiro trauma-
155
tismo. Se o Giraud quiser um depoimento dela, vai ter de
esperar. Provavelmente ficará inconsciente pelo menos uma
semana.
Denise e Françoise tinham acorrido e, deixando a senhora
ao seu cuidado, saímos da moradia. Poirot começou a andar
de cabeça baixa e testa franzida. Durante algum tempo conservei-me
calado, mas por fim aventurei-me a fazer-lhe uma
pergunta:
Acredita então que, apesar de todas as aparências em
contrário, talvez Jack Renauld não seja culpado?
Poirot deixou passar um longo momento, antes de responder,
gravemente:
Não sei, Hastings. Existe uma possibilidade de que não
seja. Claro que o Giraud está enganado do princípio ao fim.
Se Jack Renauld é culpado, éo a despeito dos argumentos de
Giraud e não por causa deles. E a mais grave acusação contra
ele só eu a conheço.
Qual é? perguntei, impressionado.
Se se servisse das suas células cinzentas e visse todo o
raso claramente como eu o vejo, compreenderia, meu amigo.
Aquilo era o que eu chamava uma das respostas irritantes
de Poirot. Prosseguiu, sem esperar que eu falasse:
Vamos por aqui, até ao mar. Sentar-nos-emos naquela
elevaçãozinha, acolá, por cima da praia, e passaremos o caso
em revista. Ficará a saber tudo quanto eu sei, embora eu preferisse
que chegasse à verdade através dos seus próprios esforços

e não conduzido pela mão por mim.
Instalámu-nos no cabeço relvado, como Poirot sugerira,
virados para o mar. Os gritos dos banhistas chegavam até nós
vindos de longe, abafados. O mar estava de um azul muito
límpido e claro e a calma recordou-me o dia da chegada a
Merlinville: a minha boa disposição e a -sugestão de Poirot de
que eu era, como os Escoceses diziam, «fey». Parecia ter sido
há tanto tempo, embora tivessem decorrido apenas três dias!
 Pense, meu amigo disse-me Poirot, em tom encoraja-

dor. Organize as suas ideias. Seja metódico. Seja ordenado.
É esse o segredo do êxito.
Tentei obedecer-lhe e passar em revista todos os pormenores
do mistério. Embora com relutância, cheguei à conclusão de
que a única solução clara *e* possível era a de Giraud, que
Poirot desdenhava. Reflecti de novo. Se havia alguma luz,
apontava para Madame Daubreuil. Giraud ignorava a ligação
dela com o Processo Beroldy e Poirot declarara que o Processo
Beroldy era importantíssimo. Era aí que devia procurar. Estava
na pista certa. Estremeci, de súbito, quando umna ideia de ofuscante
 claridade me atravessou o espírito. Elaborei a minha
teoria, todo trémulo.
 Estou a ver que tem uma ideiazinha, mon ami! Excelente!
 Progredimos.
 Poirot, parece-me que temos sido singularmente negligentes.
 Digo *temos* sido, embora creia que andaria mais perto
da verdade se dissesse *tenho* sido. Mas você tem de receber o
castigo da sua teimosa reserva. Por isso repito que temos sido
singularmente negligentes. Esquecemo-nos de alguém.
 De quem? perguntou Poirot, com os olhos a brilhar.
De Georges Conmeau! >-.

CAPÍTULO XX

Uma Surpreendente Declaração'

Poirot abraçou-me calorosamente.

Enfim! Descobriu, e sozinho! É maravilhoso! Continue a raciocinar. Tem *razão,* decididamente fizemos mal esquecendo Georges Conneau.

Fiquei tão lisonjeado com a aprovação do homenzinho que tive dificuldade em continuar. Mas por fim consegui dominar-me e prossegui:

Georges Conneau desapareceu há vinte anos, mas nós não temos razão nenhuma para crer que tenha morrido.

Aucunement! concordou Poirot. Prossiga.

Portanto, presumiremos que está vivo.

Exactamente.

Ou que estava vivo, até há pouco tempo.

Cada vez melhor!

Presumiremos continuei, com entusiasmo crescente que teve azar, que conheceu maus dias e se tornou um criminoso, um bandido, um vagabundo... o que quiser. Veio a Merlinville por acaso e encontrou a mulher que nunca deixara de amar.

Eh, eh! O sentimentalismo! advertiu Poirot.

Quando se odeia também se ama citei, provavelmente mal. De qualquer modo, encontrou-a aqui, a viver sob um nome suposto. Mas agora tinha um novo amante, o inglês, Renauld. Georges Conneau, sentindo despertar nele a recordação de antigas traições, discuitiu coin Renauld. Ficou de atalaia à espera que ele fosse visitar a amante e apunhalou-o pelas costas. Depois, aterrorizado com o que fizera, começou a abrir uma sepultura. Acho provável que Madame Daubreuil tenha

saído, à procura do amante. Então houve uma cena terrível
entre ela e Gonneau. Ele arrastou-a para a barraca e aí, subitamente,
caiu com um ataque epiléptico. Suponha que nesse
momento apareceu Jack Renauld. Madame Daubreuil contou-lhe
tudo, fez-lhe ver as terríveis consequências que aquele
escândalo do passado poderia ter para a filha, se fosse ressuscitado.
O assassino do pai dele estava morto, porque não fariam
o possível para que o passado continuasse a ser desconhecido?
Jack Renauld concordou, foi a casa, falou com a mãe e convenceu-a
a aceitar o seu ponto de vista. Influenciada pela
história que Madame Daiubreuil contara ao filho, ela deixou-se
amordaçar e amarrar. Pronto, Poirot, que lhe parece? Inclinei-me
para trás, corado com o prazer que me causava a feliz
reconstituição dos acontecimentos.

158

O meu amigo olhou-me, pensativamente, e por fim observou:

Acho que devia escrever argumentos para o cinema,
mon ami.

Quer dizer...?

Quero dizer que a história que me contou daria um bom
filne, mas não tem qualquer semelhança com a vida real.

Admito que não aprofundei todos os pormenores, mas...

Não só não os aprofundou, como os ignorou magnificamente!
Que me diz da maneira como os dois homens estavam
vestidos? Pretenderá insinuar que, depois de apunhalar a sua
vítima, Conneau a despiu, vestiu a roupa de Renauld e repôs
o punhal na ferida?

Não me parece que isso tenha importância pmotestei,
amuado. Ele podia ter obtido, antes, roupas e dinheiro de
Madame Daubreuil, nediante ameaças.

Mediante ameaças, hem? Apresenta essa sugestão seriamente?

com certeza! Podia, por exemplo, tê-la ameaçado de que revelaria a sua identidade aos Renauld, o que provavelmente poria fim a todas as esperanças de casamento da filha

Está enganado, Hastings. Ele não podia exercer chantagem sobre ela, pois quem segurava o chicote era ela. Lembre-se de que Georges Conneau ainda é procurado por assassínio. Uma palavra dela e ia parar à guilhotina.

Fui obrigado a dar-lhe *razão,* por muito que me custasse.

A sua teoria é, sem dúvida, correcta em todos os pormenores? perguntei, em tom ácido.

A minha teoria é a verdade respondeu-me, calma-mente. E a verdade é forçosamente correcta. Na sua teoria cometeu um erro fundamental: permitiu que a imaginação o desencaminhasse, com encontros à meia-noite e cenas de amor apaixonadas. Quando investigamos um crime devemos assentar bem os pés na terra, basear-nos no que é comum, banal. Quer que lhe exemplifique os meus métodos?

Oh, por quem é, venha de lá a exemplificação!

Poirot sentou-se muito direito e começou, agitando de vez em quando o indicador em riste, para sublinhar as suas ideias:

Começarei como você pelo facto básico que é Georges Conneau. A história contada por Madame Beroldy no tribunal, acerca dos «russos», foi confessadamente uma invenção. Se estava inocente de conivência no crime, essa história foi engendrada por ela, e só por ela, como aliás afirmou. Mas se, por outro lado, não estava inocente, tanto pode ter sido inventada por ela como por Georges Conneau.

«Neste caso que estamos a investigar encontramos o mesmo tipo de história. Como já lhe fiz ver os factos, torna-si muito improvável que Madame Daiuibreuil a tenha inspirado. Por isso

encaramos a hipótese de a fábula ter tido a sua origem no cérebro de Georges Conneau. Muito bem. Portanto, Georges Conneau planeou o crime com Madame Renauld como sua cúmplice. Ela está na ribalta e atrás dela encontra-se uma figura nebulosa, cujo nome suposto nos é desconhecido.

«Recapitulemos agora, cuidadosamente, o caso Renauld, desde o princípio, estabelecendo cada pormenor significativo por ordem cronológica. Tem um livro de apontamenttos e um lápis? Óptimo. Qual é o primeiro ponto a anotar?»

A carta que você recebeu?

Isso foi a primeira coisa que soubemos, mas não é o princípio verdadeiro do caso. Eu diria que o primeiro ponto com alguma importância foi a modificação que se operou em M. Renauld pouco depois da sua chegada a Merlinville, modificação que é confirmada por várias testemunhas. Temos também de tomar em consideração a sua amizade com Madame Daubreuil e as avultadas quantias em dinheiro que lhe deu. Daí podemos passar directamente para o dia 23 de Maio.

Poirot fez uma pausa, pigarreou e fez-me sinal para escrever:

23 de Maio. M. Renauld discute com o filho por causa do desejo deste de casar com Marthe Daubreuil. O filho parte para Paris.

160

«24 de Maio. M. Renauld modifica o seu testamento, deixando o inteiro controlo da fortuna nas mãos da mulher.

«7 de Junho. Discussão com um vagabundo no jardim, testemunhada por Marthe Daubreuil.

«Carta escrita a M. Hercule Poirot, rogando auxílio.

«Telegrama enviado a Jack Renauld ordenando-lhe que embarque no *Anzora* para Buenos Aires.

«Motorista Masters mandado embora, de licença.

«Visita de uma senhora, nessa noite. Quando a acompanhou à porta, disse-lhe: "Sim, sim... mas agora, pelo amor de Deus, vá-se embora."»

Poirot fez nova pausa.

Pronto, Hastings, considere esses factos um por um, examine-os cuidadosamente por si mesmos e em relação com o todo, e diga-me se não vê o caso a uma nova luz.

Tentei conscienciosamente fazer o que me recomendava. Passados momentos, disse, duvidoso:

Quanto aos primeiros pontos, a questão parece ser se adoptamos a teoria da chantagem ou a de uma paixão pela mulher em causa.

Chantagem, decididamente. Ouviu o que Stowor disse quanto ao carácter e aos hábitos de Renauld. ,

Mrs. Renauld não confirmou a opinião do secretário argumentei.

Já vimos que não podemos confiar em sentido nenhum no depoimento de Madame Renauld. Nesse pormenor temos de acreditar no Stonor.

No entanto, se Renauld teve um romance com uma mulher chamada Bella, parece não haver nenhuma improbabilidade inerente de que tivesse outro com Madame Daubreuil.

Absolutamente nenhuma, Hastings, admito. Mas teve o tal romance?

A carta, Poirot. Esquece-se da carta.

Não esqueço tal. Mas porque pensa que a carta foi escrita a M. Renauld?

Bien, foi encontrada na algibeira dele e... e...

E mais nada! cortou Poirot. Não havia nenhum

nome que indicasse o destinatário da carta. Presumimos que o destinatário era o morto porque foi encontrada na algibeira do seu sobretudo. Ora, meu amigo, algo nesse sobretudo me pareceu estranho. Medi-o e observei que M. Renauld usava o sobretudo muito comprido. Essa observação devia-lhe ter dado que pensar.

Julguei que tinha feito a observação só para dizer qualquer coisa confessei.

Quelle ideei Mais tarde viu-me medir o sobretudo de M. Jack Renauld. *Eh bien,* M. Jack Renauld usa o sobretudo muito curto. Junte estes dois factos a um terceiro, ou seja, ao de M. Jack Renauld ter saído de casa cheio de pressa, a fim de partir para Paris, e diga-me a que conclusão chega!

Compreendo... murmurei, lentamente, à medida que apreendia o sentido das observações de Poirot. A carta foi escrita a Jack Renauld e não ao pai. Apressado e colérico, o rapaz pegou no sobretudo que não lhe pertencia.

Precisamente exclamou Poirot, a acenar com a cabeça. Depois voltaremos a este pormenor. Por agora, contentemo-nos com aceitar a ideia de que a carta não tem nada a ver com M. Renauld *paie* e passemos ao acontecimento cronológico seguinte.

«23 de Maio. M. Renauld discute com o filho por causa do desejo deste de casar com Marthe Daubreuil. O filho parte para Paris.» Não tenho muito que observar a este respeito e a modificação do testamento no dia seguinte parece-me clara: foi consequência directa da discussão.

Concordamos, mon *ami...* pelo menos quanto à causa. Mas que motivo exacto esteve subjacente a esse procedimento de M. Renauld?

Abri muito os olhos, surpreendido.

Cólera contra o filho, claro!
No entanto, ele escreveu-lhe cartas afectuosas para Paris.
162
Isso foi o que Jack Renauld disse, mas não pôde prová-lo apresentando as próprias cartas. ’
Bem, deixemos isso.
Chegamos ao dia da tragédia. Você colocou os acontecimentos da manhã por uma certa ordem. Tem alguma justificação para isso?
Averiguei que a carta para mim foi expedida ao mesmo tempo que o telegrama. Masters foi informado de que podia gozar uma licença pouco depois. Na minha opinião, a discussão com o vagabundo ocorreu antes desses acontecimentos.
Não me parece que possa determinar isso definitivamente... a não ser que volte a interrogar Mademoiselle Daubreuil.
Não é necessário. Tenho a certeza. E se você não consegue ver isso, então não consegue ver nada, Hastings!
Claro, sou um idiota! exclamei, por fim. Se o vagabundo era Georges Conneau, só depois do tempestuoso encontro com ele é que M. Renaiuld teve consciência do perigo que corria. Mandou embora o motorista, Masters, por suspeitar que estava a soldo do outro, telegrafou ao filho e escreveu-lhe a si, a chamá-lo.
Um leve sorriso entreabriu os lábios de Poirot. ’-
Não acha estranho que ele tenha empregado” na carta exactamente as mesmas expressões que Madame Renauld empregaria mais tarde na sua história? E se a menção de Santiago era para despistar, porque a utilizaria Renauld... e, mais, porque mandaria lá o filho?
É intrigante, admito, mas talvez encontremos qualquer explicação mais tarde. Agora chegamos à noite e à visita da

misteriosa dama. Confesso que este assunto me causa um bocado de confusão, a não ser que se tratasse de facto de Madame Daubreuil, como a Françoise não se tem cansado de afirmar.

Poirot abanou a cabeça.

Meu amigo, meu amigo, por onde anda o seu raciocínio?

Lembre-se do fragmento do cheque e de que o nome de Bella Duveen pareceu vagamente familiar a Stonor. Penso que podemos partir do princípio de que Bella Duveen é o nome completo da desconhecida correspondente de Jack e que foi ela que esteve na *Villa Geneviève* nessa noite. Não podemos ter a certeza se ela tencionava falar com o rapaz ou apelar para o pai dele, mas creio que podemos presumir que foi isso que aconteceu. Expôs os seus direitos a Jack, provavelmente mostrou cartas que ele lhe escrevera, e o pai do rapaz tentou calá-la passando-lhe um cheque, cheque que ela rasgou, indignada. Os termos da sua carta são os de uma mulher sincera-mente apaixonada e, nesse caso, é natural que se tenha sentido profundamente ofendida por lhe oferecerem dinheiro. Por fim ele conseguiu livrar-se dela e as palavras que disse à porta são significativas.

«Sim, sim, mas agora, pelo amor de Deus, vá-se embora.»

repeti. Parecem-me um pouco veementes, talvez.

Ele estava desesperadamente ansioso por que a rapariga se fosse embora. Porquê? Não apenas porque a entrevista era desagradável. O que o preocupava era o facto de o tempo ir passando e, por qualquer motivo, o tempo ser precioso, nessa altura.

Mas porquê? perguntei, perplexo.

Isso é o que perguntamos a nós mesmos: Porque havia o

tempo de ser precioso? Mais tarde, porém, temos o incidente do relógio de pulso, que demonstra mais uma vez que o tempo desempenha um papel muito importante no crime. Agora aproximamo-nos a passos largos do drama real. Eram dez e meia quando Bella Duveen partiu e graças ao relógio de pulso sabemos que o crime foi cometido, ou pelo menos encenado, antes da meia-noite. Passámos em revista todos os acontecimentos anteriores ao assassínio e só nos falta situar um. Na opinião do médico, o vagabundo, ao ser encontrado, já estava morto havia pelo menos quarenta e oito horas, com uma possível margem de mais vinte e quatro horas. Não dispondo da ajuda

de quaisquer outros factos além dos que já discutimos, tenho de situar a morte na manhã de 7 de Junho.

Mas como? Porquê? perguntei, estupefacto. Como pode sabê-lo?

Porque só assim a sequência dos acontecimentos pode ser logicamente explicada, *Mon ami,* conduzi-o passo a passo ao longo do caminho. Não vê o que é tão claramente evidente?

Meu caro Poirot, não vejo nada de claro nem de evidente. Cheguei a pensar que começava a ver alguma coisa, mas estou outra vez completamente baralhado.

O meu amigo olhou-me tristemente e abanou a cabeça.

Mon Dieu, como é triste! Uma boa inteligência e tão deploravelmente carecida de método! Há um excelente exercício para o desenvolvimento das celulazinhas cinzentas. Eu ensino-lhe...

Agora não, pelo amor de Deus! Palavra, você é a mais irritante das criaturas, Poirot! Tenha a bondade de continuar e de me dizer quem matou M. Renamld, por favor!

Disso é que ainda não tenho a certeza.

Mas disse que era claramente evidente!

Estamos a desconversar, meu amigo. Lembre-se de que investigamos *dois* crimes, para os quais, como lhe observei, temos os dois cadáveres necessários. Calma, *ne vous impatientez pás!* Eu explico tudo. Para começar, apliquemos a psicologia. Encontramos três pontos em que M. Renauld revela uma distinta mudança de opinião e acção três pontos psicológicos, portanto. O primeiro ocorre imediatamente depois da chegada a Merlinville, o segundo depois de discutir com o filho acerca de um certo assunto e o terceiro na manhã de 7 de Junho. Vejamos agora as três causas. Podemos atribuir a mudança n.º 1 ao facto de encontrar aqui Madame Daubreuil. A n.º 2 está indirectamente relacionada com ela, uma vez que diz respeito ao casamento do filho de M. Renauld com a filha dela. A causa n.º 3, porém, ignoramo-la. Temos, por isso, de fazer

163

deduções. Permita que lhe faça uma pergunta, *mon ami:* Quem julgamos que planeou este crime?

Georges Coaneau respondi, duvidoso, a olhar Poirot com atenção.

Exactamente. Giraud afirmou, como se se tratasse de um axioma, que uma mulher mente para se salvar a ela, ao homem a quem ama e aos filhos. Como estamos certos de que foi Georges Conneau que lhe impôs a mentira, e como Georges Conoeau não é Jack Renauld, segue-se que a terceira causa está fora de questão. E, continuando a atribuir o crime a Georges Conneau, acontece o mesmo à primeira. Resta-nos portanto a segunda, que nos é imposta: Madame Renauld mentiu pelo homem a quem amava por outras palavras, mentiu por amor de Georges Conneau. Concorda?

Concordo. Parece-me suficientemente lógico.

Bien! Madame Renauld ama Georges Conneaut. Quem é
então Georges Conneau?
O vagabundo.
Tem alguma coisa que lhe demonstre que Madame Renauld
amava o vagabundo?
Não, mas...
Muito bem, então. Não se agarre a teorias quando os
factos deixam de apoiá-las. Pergunte antes a si mesmo quem
amava Madaime Renauld.
Abanei a cabeça, perplexo.
Mais *oui,* sabe-o perfeitamente! Quem amava Madame
Renauld tão ternamente que ao ver o seu cadáver desmaiou?
Fitei-o, atordoado.
O marido? perguntei, e a voz saiiune estrangulada da
garganta.
Poirot acenou afirmativamente.
O marido... ou Georges Conneau, como prefira, chamar-lhe.
Mas isso é impossível!
É impossível porquê? Não concluímos há pouco qe
166
Madame Daubreuil estava em situação de exercer chantagem
sobre Georges Conneau?
Sim, mas...
E ela não exerceu efectivamente chantagem sobre M. Renauld?
Pode ser verdade, mas...
E não é um facto que não sabemos nada acerca da infância
e da juventude de M. Renauld? Não é verdade que ele surgiu
subitamente como canadiano francês há vinte e dois anos,
exactamente?
Tudo isso é verdade concordei, em tom mais firme ,
mas parece-me que você está a ignorar um facto importante.

Qual, meu amigo?

Bem, nós admitimos que Georges Conneaiu planeou o crime, ora isso conduz-nos à ridícula conclusão de que ele planeou o seu próprio assassínio!

Eh bien, mon ami, foi exactamente isso que ele fez! declarou Poirot, no tom mais plácido desta vida.

CAPÍTULO XXI

Hercule Toirot em Acção

Poirot iniciou a sua exposição em voz comedida:

Parece-lhe estranho, *mon ami,* que um homem planeie a sua própria morte? Estranho ao ponto de preferir repudiar a verdade, como fantástica, e agarrar-se a uma história que, na realidade, é dez vezes mais impossível? Sim, M. Renauld planeou a sua própria morte, mas há um pormenor que talvez lhe escape, Hastings: é que ele não tencionava morrer.

Abanei a cabeça, aparvalhado.

Não, acredite que é muito simples afirmou Poirot, bondosamente. Para o crime que M. Renauld pretendia não era necessário um assassino, como já lhe disse, mas era ne-

cessario um corpo. Recapitulemos, vendo os acontecimentos, desta vez, de uma perspectiva diferente.

«George Conneau fugiu à justiça e refugiou-se no Canadá. Aí, sob nome suposto, casa e, finalmente, acumula uma imensa fortuna na América do Sul. Mas sente a nostalgia do seu próprio país. Decorreram vinte anos e, além de o seu aspecto se ter modificado consideravelmente, é um homem tão eminente que não é provável que alguém se lembre de o relacionar com um indivíduo fugido à justiça muitos anos antes. Acha, por isso, que pode regressar com segurança. Fixa a sua sede em Ingla--terra, mas decide passar o Verão em França. E a má sorte, essa

obscura justiceira que molda o fim dos homens e não consente que escapem à consequência dos seus actos, leva-o a Merlinville. Numa França tão grande, é precisamente aí, nessa pequena terra, que se encontra a única pessoa capaz de o reconhecer. Trata-se evidentemente de uma mina de ouro para Madame Daiubreuil, e de uma mina de ouro de que ela se apressa a tirar proveito. Ele nada pode fazer, está absolutamente nas mãos dessa mulher. E ela sangra-o sem piedade.

«E então acontece o inevitável: Jack Renauld apaixona-se pela bonita rapariga que vê quase todos os dias e quer casar com ela. Isso enfurece o pai. Tem de evitar a todo o custo que o filho case com a filha daquela mulher perversa. Jack Renauld não sabe nada do passado do pai, mas Madame Renauld sabe tudo. É uma mulher de grande força de carácter e apaixonadamente dedicada ao marido. Estudam o assunto. Renauld só vê uma saída possível: a morte. Tem de dar a impressão de que morre, embora na realidade fuja apenas para outro país onde recomeçará de novo sob outro nome suposto e onde Mrs. Renauld, depois de ter representado o papel de viúva durante algum tempo, se lhe reunirá. Como é essencial que ela possa controlar o dinheiro, ele modifica o testamento. Não sei como pensaram resolver a questão do cadáver, primitivamente... talvez um esqueleto de estudante e um fogo ou qualquer coisa desse género. No entanto, muito antes de os seus planos estarem

amadurecidos, acontece uma coisa que parece ajudá-los. Um vagabundo grosseiro e violento introduz-se no jardim. Há discussão, M. Renauld tenta expulsá-lo e, de súbito, o vagabundo, que é epiléptico, cai com um ataque. E morre. M. Renauld chama a mulher. Juntos, arrastam o cadáver para a barraca como sabemos, a ocorrência deu-se a pouca distância e tomam

consciência da maravilhosa oportunidade que se lhes oferece.
O homem não tem qualquer semelhança com M. Renauld, mas
é de meia-idade e do tipo francês comum. Isso basta.
«Desconfio que se sentaram no banco próximo da barraca»
para não serem ouvidos em casa, e discutiram o assunto. Depressa
gizaram um plano. A identificação teria de depender
exclusivamente do testemunho de Madame Renauld. Jack
Renauld e o motorista que trabalhava para M. Renauld havia
dois anos) tinham de ser afastados. Era pouco provável que as
criadas francesas se aproximassem do corpo e, de qualquer
modo, Renauld tencionava tomar providências que enganassem
qualquer pessoa que não se prendesse com pormenores. Afastado
Masters, foi enviado um telegrama a Jack e Buenos Aires
escolhido para emprestar crédito à história que Renauld
escolhera. Tendo ouvido falar de mim como detective idoso
e obscuro, escreveu-me o seu pedido de socorro sabendo que,
quando eu chegasse, a apresentação da sua carta causaria efeito '
profundo no juiz de instrução como de facto causou.
«Vestiram ao cadáver do vagabundo um fato de M. Renauld
e deixaram os seus andrajos junto da porta da barraca, sem se
atreverem a levá-los para casa. E depois, para dar crédito à
história que Madame Renauld contaria, cravaram o punhal
feito do arame de avião no peito do morto. Nessa noite M. Renauld
começaria por amarrar e amordaçar a mulher e depois,
com uma pá, abriria uma cova no terreno onde sabia que iriam
abrir um bunker. Era essencial que o corpo fosse encontrado,
para que Madame Daubreuil não tivesse quaisquer suspeitas.
Por outro lado, se antes disso decorresse um certo espaço de
tempo, os perigos quanto à identificação diminuiriam grande-

mente. Em seguida M. Renaiuld envergaria *os* andrajos do vagabundo

e dirigi-se-ia para a estação, onde embarcaria, sem
dar nas vistas, no comboio da meia -noite e dezassete. Como se suporia que o crime ocorrera duas horas depois, não poderiam recair sobre ele quaisquer suspeitas.

«Compreende agora a irritação que lhe causou a inoportuna visita da tal Bella? Cada momento de atraso era fatal para os seus planos. Livrou-se dela o mais depressa que pôde e depois deitou mãos à obra. Deixou a porta principal entreaberta, para dar a impressão de que os assassinos tinham saído por aí. Amarrou e amordaçou Madame Renauld, tendo porém o cuidado de corrigir o seu erro de vinte e dois anos atrás, quando
a frouxidão das cordas originou que as suspeitas incidissem na sua cúmplice. Mas ensinou-lhe essencialmente a mesma história que inventara da primeira vez, o que demonstra a inconsciente recusa da originalidade pela mente. Como a noite estava fresca, enfiou um sobretudo por cima da roupa de baixo, resolvido
a deixá-lo depois na sepultura com o morto. Saiu pela janela, alisou cuidadosamente o canteiro... e forneceu assim a prova mais positiva contra ele próprio. Dirigiu-se para o terreno isolado do futuro campo de golfe, cavou e então...»

E então?

E então a justiça a que se furtara durante tanto tempo
alcançou-o respondeu Poirot, gravemente. Mão desconhecida apunhalou-o pelas costas... Compreende agora o que
quero dizer quando falo de *dois* crimes. O primeiro crime, aquele que M. Renauld, na sua arrogância, nos pediu que investigássemos (ah, mas ele aí cometeu um grande erro, julgou mal Hercule Poirot!), esse crime está solucionado. Atrás dele, porém, existe uma charada muito mais complexa e que será difícil de resolver, pois o criminoso, sensato, contentou-se com aproveitar os dispositivos preparados pelo próprio M. Renauld.

Tem sido um mistério muito intrigante, muito confuso. Um indivíduo jovem, como Giraud, que não atribui qualquer importância à psicologia, está praticamente condenado a falhar.
170
Você é maravilhoso, Poirot! exclamei, cheio de admiração. Absolutamente maravilhoso! Só você poderia ter chegado a semelhantes conclusões!
Creio que os meus elogios lhe agradaram. Pela primeira vez na sua vida, pareceu quase embaraçado.
Ah, então já não despreza o velho papá Poirot? Retira a sua lealdade ao cão de caça humano?
A maneira como classificava Giraud nunca deixava de me fazer sorrir.
Inteiramente! Você venceu-o estrondosamente.
Pobre Giraud, coitado! exclamou o meu amigo, tentando em vão mostrar-se modesto. Não se trata, com certeza, somente de estupidez. Também teve azar, uma ou duas vezes. Aquele cabelo preto enrolado ao cabo do punhal, por exemplo... Induzia em erro, pelo menos.
Para ser franco, Poirot confessei, devagar , ainda não percebo bem de quem era esse cabelo.
De Madame Renauld, evidentemente. Foi aí que entrou o azar. O cabelo dela, primitivamente preto, está agora quase por completo grisalho. Calhou enrolar-se ao cabo do punhal um cabelo preto como poderia ter-se enrolado um grisalho... e então, por muito que Giraud se esforçasse, não conseguiri’a, persuadir-se que era da cabeça de Jack Renauld! É” uma triste pecha que os factos tenham de ser sempre deformados para se encaixarem numa teoria! Giraud não encontrou rastos de duas pessoas, um homem e uma mulher, na barraca? Ora, como se ajusta esse facto com a reconstituição que fez do caso? Eu

digo-lhe: não se ajusta nada e, por isso, não voltaremos a ouvir falar de tal pormenor! Será isto uma maneira metódica de trabalhar? O grande Giraud! O grande Giraud não passa de um balão, inchado com a sua própria importância. Mas eu, Hercule Poirot, eu que ele despreza, serei o alfinetinho que picará o grande balão, *comme ça!* e fez um gesto expressivo.

Depois acalmou-se um pouco e prosseguiu:

Quando se recompuser, Madame Renauld falará, sem

dúvida. Nunca lhe passara pela cabeça a ideia de que o filho poderia ser acusado do assassínio. Como poderia ser, se o julgava no mar, em segurança, a bordo do *Anzora? Ah, voilà une femme,* Hastings! Que força, que autodomínio! Só cometeu um deslize ao dizer, quando o filho regressou inesperadamente: «Não importa... *agora.»* E ninguém reparou, ninguém compreendeu o significado daquelas palavras. Que terrível papel teve de representar, pobre mulher! Imagine o choque que deve ter sofrido quando foi identificar o cadáver, e, em vez do que esperava, encontrou o corpo sem vida do marido, que julgava já a quilómetros de distância! Não admira que desmaiasse. Mas depois disso, apesar da sua mágoa e do seu desespero, com que resolução continuou a desempenhar o seu papel, e que angústia isso lhe deve ter causado! Não podia dizer uma palavra que nos pusesse na pista dos verdadeiros assassinos. Por amor do filho, ninguém deve saber que Paul Renauld era Georges Conneau, o criminoso. Golpe derradeiro e mais amargo de todos: teve de admitir publicamente que Madame Daubreuil era amante do marido, pois qualquer suspeita de chantagem poderia ser fatal ao seu segredo. com que inteligência soube lidar com o juiz de instrução, quando ele lhe perguntou se

havia algum mistério no passado do marido! «Nada de tão
romântico, Sr. Juiz, tenho a certeza.» Foi perfeita! O tom indulgente,
a sombra de triste zombaria... M. Hautet sentiu-se imediatamente
pateta e melodramático. Sim, é uma grande mulher!
Amou um criminoso, mas amou-o como uma rainha!
Poirot calou-se, perdido em devaneios.
Só mais uma coisa, meu amigo: e o bocado de cano de
chumbo?
Não percebeu, Hastings? Destinava-se a desfigurar o rosto
da vítima, para o tornar irreconhecível. Foi isso que começou
por me lançar na pista certa. E aquele idiota do Giraud a
ignorá-lo em benefício de paus de fósforo! Não lhe disse que
uma pista de sessenta centímetros é tão boa como uma pista
de seis?

Bem, agora o Giraud mudará de tom e cantará pianínho
apressei-me a observar, para desviar a conversa das minhas
próprias deficiências.
Acha que sim? Se chegou à pessoa certa pelo método
errado, não permitirá que semelhante ninharia o preocupe.
Mas certamente... calei-me, ao perceber o novo caminho
das coisas.
Compreende, Hastings, agora temos de recomeçar. Quem
matou M. Renauld? Alguém que se encontrava perto da moradia
pouco antes da meia-noite desse dia, alguém que beneficiaria
com a sua morte. Esta descrição assenta como uma luva em
Jack Renauld. O crime nem precisava de ter sido premeditado.
E, depois, o punhal!...
Estremeci. Não pensara naquele pormenor.
Claro, o segundo punhal encontrado no vagabundo era o
de Mrs. Renauld. Isso significa que *havia* dois.

Sem dúvida. E como eram cópias exactas um do outro, salta aos olhos que Jack Renauld era o dono do primeiro. Mas isso não me preocuparia por aí além, Hastings. Por sinal, até tenho uma ideiazinha a esse respeito. Não, a pior acusação contra ele é, mais uma vez, de natureza psicológica: a hereditariedade, *mon ami,* a hereditariedade! Tal pai, tal filho.

No fim de contas, Jack Renauld é filho de Georges Conneau.

Falara em tom grave e profundo e, mal-grado meu, senti-me impressionado.

Qual é a tal ideiazinha de que falou?

Como resposta, Poirot consultou o cebolão do relógio e perguntou por sua vez:

A que horas parte de Calais o barco da tarde?

Cerca das cinco, creio.

Óptimo, temos tempo.

Vai a Inglaterra?

Vou, meu amigo.

Para quê?

Procurar uma possível... testemunha.

173

Quem?

Poirot respondeu-me, com um sorriso muito peculiar:

Miss Bella Duveen.

Mas como a poderá encontrar? Que sabe a respeito dela?

Não sei nada a respeito dela, mas posso conjecturar muitas coisas. Podemos partir do princípio de que o seu nome é Bella Duveen e, como esse nome pareceu vagamente familiar a M. Stonor, embora não em relação com a família Renauld, *é* provável que ela trabalhe no teatro. Jack Renauld era um jovem com muito dinheiro e vinte anos. É mais que certo que o teatro tenha sido a origem do seu primeiro amor. Além disso,

isso está de acordo com a ideia que M. Renauld teve de aplacar
a rapariga com um cheque. Creio que a encontrarei... especialmente
com a ajuda disto.

E mostrou-me a fotografia que o vira tirar da gaveta de
Jack Renauld e que tinha escrito, ao canto: com *amor, da*
Bella. Mas não foram essas palavras que me prenderam os olhos
fascinados. O retrato não era muito bom, mas mesmo assim não
me restaram quaisquer dúvidas. Senti-me gelar, como se uma
calamidade indizível se tivesse abatido sobre mim.

Era o rosto de Cinderela.

CAPÍTULO XXII

Descubro o Amor

Permaneci uns momentos como que petrificado, com a
fotografia na mão. Depois, chamando a mim toda a coragem,
para não parecer perturbado, devolvi a fotografia. Ao mesmo
tempo, lancei um olhar rápido a Poirot. Teria notado alguma
coisa? Mas, para meu alívio, ele não parecia estar a observar-me.
Certamente passara-lhe despercebido o que houvera de invulgar
na minha atitude.

Levantou-se, apressado.

Não temos tempo a perder, precisamos de partir sem
demora. Não haverá novidade, o mar estará calmo!

Na azáfama da partida não tive tempo para pensar, mas
no barco, liberto da observação de Poirot (como sempre, praticava
o «mui excelente método de Laverguier»), tentei serenar
e encarar os factos desapaixonadamente. Que sabia Poirot?
Saberia que a minha conhecida do comboio e Bella Duveen
eram uma e a mesma pessoa? Porque fora ele ao *Hotel du*
Phare? Tendo os meus interesses em consideração, como eu
julgara? Ou fora eu apenas que pensara isso, fatuamente, e a

sua visita tivera um objectivo mais profundo e sinistro? De qualquer modo, porque estava empenhado em encontrar a rapariga? Suspeitaria que ela vira Jack Renauld cometer o crime? Ou suspeitaria .. mas isso era impossível! A rapariga não tinha qualquer ressentimento contra o Renauld mais velho, nenhum motivo plausível para lhe desejar a morte! Que a fizera voltar ao cenário do crime? Recapitulei os factos cuidadosamente. Devia ter ficado em Calais, onde me despedira dela naquele dia. Não admirava que a não tivesse conseguido encontrar no barco! Se jantara em Calais e depois se metera no comboio para Merlinville, poderia ter chegado à *Villa* Geneviève mais ou menos à hora que Françoise indicara. Que fizera quando saíra , da moradia, pouco depois das dez horas da noite? Presumivelmente fora para um hotel ou regressara a Calais. E depois? O crime tinha sido cometido na noite de terça-feira Na manhã de quinta-feira ela estava de novo em Merlinville. Teria deixado, sequer, a França? Duvidava muito. Que a conservara lá? A esperança de ver Jack Renauld? Eu dissera-lhe (pois nessa altura estávamos convencidos disso) que ele estava no alto mar, a caminho de Buenos Aires. Provavelmente ela sabia que o *Anzora* não partira. Mas para o saber precisava de ter visto Jack. Era nisso que Poirot se baseava? Ao regressar para ver Marthe Daubreuil ter-se-ia Jack Renauld visto, pelo contrário, cara a cara com Belle Duveen, a rapariga que abandonara tão cruelmente?

Comecei a ver claro. Se as coisas se tinham passado de facto assim, talvez fornecessem a Jack o álibi de que precisava. No entanto, em tais circunstâncias o seu silêncio parecia difícil de explicar. Porque não falara claro e ousadamente? Recearia que o seu primeiro romance chegasse aos ouvidos de Marthe

Daubreuíl? Abanei a cabeça, pois não me podia convencer disso.
A coisa fora inofensiva, um tolo romance entre um rapaz e
uma rapariga, e além disso, pensei cinicamente, era pouco
provável que o filho de um milionário fosse corrido por uma
jovem francesa sem vintém, que ainda por cima o amava devotadamente,
sem um motivo mais grave.
Toda aquela história me parecia intrigante e desagradável.
Desagradava-me intensamente estar ligado a Poirot na procura
da rapariga, mas não via maneira nenhuma de o evitar sem lhe
revelar tudo, e isso, não sabia porquê, repugnava-me.
Poirot reapareceu em Dover, desembaraçado e sorridente, e
a nossa viagem para Londres decorreu sem incidentes. Passava
das nove da noite quando chegámos e eu pensei que fôssemos
direitos para casa e não fizéssemos nada até de manhã. Mas
Poirot tinha outros planos:
Não podemos perder tempo, mon ami.
Não compreendi muito bem o seu raciocínio, mas limitei-me
a perguntar-lhe como tencionava descobrir a rapariga.
Lembra-se de Joseph Aarons, o agente teatral? Não?
Ajudei-o num problemazinho com um lutador japonês. Um dia
conto-lhe, pois foi interessante. Ele saberá, sem dúvida, encaminhar-nos
no sentido de descobrirmos o que nos interessa.
Levámos algum tempo a procurar Mr. Aarons e só o conseguimos
depois da meia-noite. Cumprimentou Poirot calorosamente
e afirmou-se disposto a ajudar-nos em tudo quanto
estivesse ao seu alcance.
Pouco há que eu não saiba acerca da profissão declarou,
sorridente e bem disposto.
Eh bien, M. Aarons, desejo encontrar uma jovem *chamada*
Bella Duveen.

Bella Duveen... Conheço o nome, mas assim de repente
não consigo localizá-lo. Qual é a especialidade dela?
Ignoro... mas tenho aqui a sua fotografia.
M. Aarons estudou a fotografia durante uns momentos e, de
súbito, o seu rosto iluminou-se:
Já sei! exclamou, e deu uma palmada na coxa.
As Manas Dulcibella, com a breca!
As Manas Dulcibella?
Sim. São duas irmãs acrobatas, bailarinas e cançonetistas.
Têm um bom numerozinho. Creio que se encontram algures
na província, se é que não estão a descansar. Estiveram em
Paris nas últimas duas ou três semanas.
Pode averiguar exactamente onde se encontram?
Nada mais fácil! Vá para casa e enviar-lhe-ei a informação
de manhã.
Despedimo-nos, com essa promessa, e ele cumpriu-a à letra.
Cerca das onze da manhã do dia seguinte recebemos um bilhete
garatujado à mão: *As Manas Dulcibella estão no* Palace, *em
Coventry. Felicidades.*
Seguimos sem perda de tempo para o *Palace.* Poirot não fez
perguntas no teatro; contentou-se com reservar lugares para o
espectáculo de variedades daquela noite.
O espectáculo foi indizivelmente enfadonho ou talvez eu
o achasse assim devido à disposição em que me encontrava.
Famílias japonesas equilibraram-se precariamente; homens supostamente
modernos, de fato de cerimónia esverdeado e o
cabelo exoticamente comprido e reluzente, disseram umas patacoadas
e dançaram às mil maravilhas, robustas primas-donas
atingiram o máximo do registro humano e um artista cómico
tentou imitar Mr. George Robey e falhou redondamente.
Por fim chegou a vez das Manas Dulcibella e o meu coração

começou a bater dolorosamente. Lá estava ela... lá estavam
elas, as duas, uma de cabelo cor de estopa e a outra morena,
iguais no tamanho, com saias curtas tufadas e imensos laços
Buster Brown. Pareciam duas garotas maliciosíssimas. Come-

çaram a cantar. Tinham *voz* fresca e sem artifícios, um pouco
finas e tipo *music-hall,* mas agradável.
Era de facto um numerozinho interessante. Dançaram bem
e fizeram algumas pequenas e inteligentes proezas acrobáticas.
As letras das suas canções eram engraçadas e ficavam no
ouvido. Quando o pano desceu, não faltaram aplausos. Não
havia dúvida de que as Manas Dulcibella eram um êxito.
De súbito, achei que não podia continuar ali mais tempo.
Tinha de apanhar ar. Sugeri a Poirot que partíssemos.
Vá se quiser, *mon ami.* Estou a divertir-me e ficarei até
ao fim. Depois irei ter consigo.
A distância do teatro ao hotel era pequena. Subi para a
sala dos nossos aposentos, pedi um uísque com soda e sentei-me
a bebê-lo e a olhar pensativamente para a grade da lareira
apagada. Ouvi a porta abrir-se e virei a cabeça, julgando tratar-se
de Poirot. Levantei-me, de um pulo, pois quem se encontrava
à porta era Cinderela. Falou sincopadamente, a ofegar:
Vi-os na frente, a si e ao seu amigo. Quando você saiu,
eu estava cá fora à espera e segui-o. Porque está aqui, em
Coventry? Que esteve a fazer no teatro esta noite? O homem
que estava consigo é o... o detective?
Continuava parada à porta, com a capa que pusera por cima
do fato de cena a cair-lhe dos ombros. Vi a lividez das suas
faces, sob o *rouge,* e detectei o terror que vibrava na sua voz.
Nesse momento compreendi tudo, compreendi por que motivo

Poirot a procurava e o que ela receava-e compreendi finalmente
 o meu próprio coração.
 É respondi, baixinho.
Ele anda. . anda à minha procura? indagou, quase
num sussurro.
Depois, como eu não respondesse logo, deixou-se cair junto
da grande poltrona e desatou a chorar violenta e amargamente.
Ajoelhei a seu lado, envolvi-a nos braços e afastei-lhe o
cabelo da cara.
 Não chore, pequena, pelo amor de Deus não chore! Aqui
178
está em segurança, cuidarei de si. Não chore, querida, não
chore. Sei sei tudo.
 Oh, não sabe, não!
Acho que sei.E, passados momentos, quando os soluços
 dela se acalmaram, perguntei: Foi você que tirou o
punhal, não foi?
 Fui.
-Foi por isso que quis lhe mostrasse tudo? E que fingiu
desmaiar?
Acenou afirmativamente. Foi um pensamento estranho, num
momento daqueles, mas pensei que me agradava que o seu
motivo tivesse sido o que fora em vez da curiosidade mórbida
que na altura lhe imputara. com que coragem ela desempenhara
o seu papel naquele dia, apesar de intimamente torturada pelo
medo e pela angústia! Pobrezinha, suportava o fardo tremendo
da impetuosa acção de um momento! <
Porque tirou o punhal?
Respondeu-me com a simplicidade de uma criança:
 Receei que tivesse impressões digitais.
 Mas não se lembrava de que usara luvas?

Abanou a cabeça, como que intrigada, e depois perguntou,
lentamente:
 Vai entregar-me à .. à Polícia?
Meu Deus, não!
Os seus olhos procuraram os meus e fitaram-se neles, longa
e ansiosamente.
 Porque não? inquiriu por fim, numa vozinha que par
recia receosa de si própria.
O lugar e o momento pareceram-me estranhos para uma
declaração de amor, e Deus sabe que, em todas as minhas fantasias,
 nunca imaginara que o amor fosse ao meu encontro com
tal disfarce. Mas respondi, simples e naturalmente:
 Porque a amo, Cinderela.
Baixou a cabeça, como que envergonhada, e murmurou,
trémula:
179
 Não pode... não pode... se sabe não pode... A seguir,
como se chamasse a si toda a coragem, olhou-me bem de frente
e perguntou: Mas que sabe, afinal?
 Sei que foi visitar M. Renauld naquela noite, que ele
lhe ofereceu um cheque e você o rasgou, indignada. Depois
saiu de casa...
 Continue. Que aconteceu a seguir?
 Não sei se sabia que Jack Renauld chegaria naquela noite
ou se esperou apenas na esperança de o ver, mas sei que esperou
por ali. Talvez se sentisse infeliz e tivesse caminhado a toa...
De qualquer modo, pouco antes da meia-noite ainda se encontrava
 nas proximidades e viu um homem no campo de golfe ..
Fiz nova pausa. A verdade estoirara-me na cabeça como um
relâmpago, quando ela entrara na sala, mas agora via tudo
ainda mais convincentemente. Vi o estranho padrão do sobretudo

que o cadáver de M. Renauld envergava e lembrei-me
da extraordinária parecença que me levara momentaneamente
a crer que o morto ressuscitara, quando o filho dele irrompera
pela sala...
Continue repetiu a rapariga, em voz firme.
Creio que ele estava de costas para si... mas você reconheceu-o,
ou julgou reconhecê-lo. O andar e o porte eram-lhe
familiares, assim como o padrão do sobretudo... Disse-me no
comboio, no regresso de Paris, que tinha sangue italiano nas
veias e que isso uma vez quase a metera em trabalhos. Usou
uma ameaça, numa das cartas que escreveu a Jack Renauld...
Quando julgou vê-lo ali, a cólera e o ciúme cegaram-na e...
vibrou o golpe! Não acredito nem por um instante que tencionasse
matá-lo. Mas matou-o, Cinderela.
A rapariga, que cobrira o rosto com as mãos, exclamou, em
voz abafada:
Tem razão, tem razão, estou a ver tudo, como você diz!
Depois olhou-mequase brutalmente e perguntou:
E ama-me? Como pode amar-me sabendo o que fiz?
Não sei respondi, um pouco confuso. Creio que o

amor é assim... uma coisa que não podemos evitar. Tentei
evitá-lo... tentei evitá-lo desde o dia em que a conheci. Mas o
amor foi mais forte do que eu.
Quando menos o esperava, desatou de novo a chorar, atirou-se
ao chão a soluçar desesperadamente.
Oh, não posso! Não sei que fazer, não sei para que lado
me virar! Tenham pena de mim, haja alguém que tenha pena
de mim e me diga o que devo fazer!
Ajoelhei de novo a seu lado e tentei acalmá-la o melhor que
soube.

Não tenha medo de mim, Bella. Pelo amor de Deus, não tenha medo de mim. Amo-a, é verdade... mas não quero nada em troca. Consinta apenas que a ajude. Continue a amá-lo, se tem de ser assim, mas deixe-me ajudá-la, porque ele não a pode ajudar.

Foi como se as minhas palavras a tivessem transformado em pedra. Ergueu a cabeça e fitou-me.

Pensa isso? segredou. Pensa que eu amo Jack Renauld?

Depois, meio a rir, meio a chorar, lançou-me os braços ao pescoço e comprimiu o rosto terno e molhado de lágrimas contra o meu.

Não como o amo a si! murmurou. Nunca como o amo a si!

Os seus lábios roçaram-me pela cara e depois, procurando a minha boca, beijaram-me repetidamente, com uma doçura e um ardor incríveis. Nunca esquecerei o fogo, a maravilha daqueles beijos, nunca, enquanto viver!

Um som, à porta, fez-nos levantar a cabeça. Poirot estava parado no limiar, a olhar-nos.

Não hesitei. Alcancei-o com um salto e imobilizeirlhe os braços ao longo do corpo.

- Depressa! gritei à rapariga. Vá-se embora, saia sem demora! Eu detê-lo-ei.

181

Ela lançou-me um último olhar e saiu, passando rente a nós.

Continuei a imobilizar Poirot num abraço de ferro.

Mon ami, sabe fazer este género de coisas muito bem disse ele por fim, em tom brando. O homem forte imobiliza-me, prende-me como num torno, e eu sinto-me fraco como uma criança. Mas tudo isto é desconfortável e ligeiramente

ridículo. Sentemo-nos e acalmemo-nos.

Não a perseguirá?

Mon *Dieu,* não! Toma-me pelo Giraud? Liberte-me, meu amigo.

Sem desviar dele o olhar desconfiado, pois fazia-lhe a justiça de saber que não estava à sua altura em astúcia, larguei-o e ele deixou-se cair numa poltrona e apalpou cautelosamente os braços.

Tem a força de um touro quando está excitado, Hastings! *Eh bien,* acha que se comportou decentemente com o seu velho amigo? Mostrei-lhe a fotografia da rapariga e você reconheceu-a, mas não disse uma palavra!

Não era preciso, uma vez que você sabia que eu a reconhecera respondi, irritado.

com que então, Poirot soubera desde o princípio! Não o enganara nem por um instante.

Ora, ora! Mas você não sabia que eu sabia. E esta noite ajudou a rapariga a fugir, depois de termos tido tanto trabalho para a encontrar! *Eh, bien,* vai trabalhar comigo ou contra mim, Hastings?

Não respondi logo. Romper com o meu velho amigo causava-me grande dor. No entanto, não tinha outro remédio senão colocar-me definitivamente contra ele. Perdoar-me-ia jamais? Até ali mostrara-se muito calmo, mas eu sabia que possuía um autodomínio maravilhoso.

Poirot, sinto muito. Admito que me comportei mal consigo, neste assunto. Mas às vezes não temos por onde escolher. E de futuro terei de seguir o meu próprio caminho.

Poirot acenou várias vezes com a cabeça.

Compreendo. O brilho irónico apagara-se-lhe do olhar

e falava com uma sinceridade e uma bondade que me surpreendiam.
É o amor que chega, não é, meu amigo? É o amor
que chega não como o imaginava, todo pimpão e coberto de
linda plumagem, mas tristemente, com os pés a sangrar. Bem,
eu avisei-o .Quando compreendi que a rapariga devia ter
tirado o punhal, avisei-o. Talvez se lembre. Mas já era tarde
de mais. Diga-me uma coisa, que sabe você?
Olhei-o bem de frente e respondi:
Nada do que pudesse dizer-me constituiria surpresa para
mim, Poirot. Compreenda bem isso. Mas, no caso de tencionar
recomeçar a procurar Miss Duveen, gostaria que se compenetrasse
claramente de uma coisa: se pensa que está relacionada
com o crime ou que foi ela a dama misteriosa que visitou
M. Renauld naquela noite, está enganado. Vim com ela de
França, nesse dia, e separei-me dela na estação de Vitória,
nessa noite. Portanto, ser-lhe-ia absolutamente impossível estar
em Merlinville.
Ah! exclamou o meu amigo, a olhar-me pemsativa-
mente. Juraria isso em tribunal?
Sem dúvida que juraria.
Poirot levantou-se e fez uma vénia.
Mon ami, vive l'amourí É um sentimento rapaz d» operar
milagres. O que acaba de pensar é francamente engenhoso.
Vence até o próprio Hercule Poirot!

CAPÍTULO XXIII

Dificuldades à Vista

Depois de um momento de tensão como o que acabo de
descrever, a reacção é inevitável. Nessa noite deitei-me com
um sentimento de triunfo, mas quando acordei compreendi
que o perigo não estava de modo algum afastado. É verdade

que não encontrava nenhuma falha no álibi que tão súbita-
mente engendrara. Bastar-me-ia agarrar-me à minha história
e não via como seria possível condenar Bella. Ninguém poderia
desenterrar a existência de uma velha amizade entre nós,
amizade susceptível de levar à suspeita de perjúrio da minha
parte. Podia-se provar que, realmente, só vira a rapariga três
vezes. Não, continuava satisfeito com a minha ideia. Não
admitira o próprio Poirot que ela o vencia?
No entanto, no que a ele respeitava, sentia a necessidade
de caminhar com muito cuidado. Era muito fácil ao meu
amigo confessar-se momentaneamente embaraçado, vencido até,
mas eu respeitava demasiado as suas aptidões para acreditar»
que ele se contentasse com deixar as coisas nesse pé. Tinha
uma opinião muito humilde da minha inteligência, quando se
tratava de a comparar com a dele. Poirot não aceitaria a derrota
de braços cruzados. Tentaria fosse como fosse virar o feitiço
| contra o feiticeiro, e isso do modo e no momento em que eu
| menos o esperasse.
Encontrámo-nos ao pequeno-almoço como se nada tivesse
acontecido. O bom humor de Poirot parecia imperturbável, mas
eu julguei detectar na sua atitude uma ligeira reserva, inteiramente
nova. Depois de comermos anunciei a minha intenção
de ir dar uma volta. Os olhos dele brilharam maliciosamente.
Se é informação que pretende, escusa de se incomodar.
Posso dizer-lhe tudo quanto deseja saber. As Manas Dulcibella
cancelaram o contrato e partiram de Coventry para destino
desconhecido.
Isso é verdade, Poirot?
Pode acreditar em mim, Hastings. Procurei informar-me
logo de manhãzinha. No fim de contas, que outra coisa esperava
você?

Realmente, nenhuma outra coisa seria de esperar, nas circunstâncias.
Cinderela aproveitara-se do ligeiro avanço que eu
conseguira proporcionar-lhe e certamente não perderia nem um
momento, afastar-seia do alcance do perseguidor o mais de-
184
pressa possível. Fora isso mesmo que eu pretendera e planeara.
No entanto, sentia-me mergulhado num turbilhão de novas
dificuldades.
Não tinha absolutamente maneira nenhuma de comunicar
com a rapariga e era de importância vital que ela soubesse a
linha de defesa que escolhera e a que estava disposto a cingir-me.
Era possível, talvez, que ela arranjasse qualquer maneira
de comunicar comigo... mas não, não achava isso provável.
Sabia que existia o risco de qualquer mensagem sua ser interceptada
por Poirot, o que o lançaria de novo na sua pista,
A sua única saída era desaparecer por completo da circulação,
nos tempos mais próximos.
Mas, entretanto, que faria Poirot? Observei-o atentamente.
Arvorava o seu ar mais inocente e olhava, pensativo, para
longe. A sua calma e a sua indolência pareceram-me excessivas,
nada tranquilizadoras. Aprendera com ele próprio que quanto
menos perigoso parecia, tanto mais perigoso era. A sua quietude
alarmava-me. Notando, sem dúvida, a perturbação do
meu olhar, sorriu, benigno, e inquiriu:
Está intrigado, não está Hastings? Pergunta a» si mesmo
porque não me lanço na perseguição .
Bem .. mais ou menos.
Era o que você faria, se estivesse no meu lugar. compreendo
isso muito bem. Mas eu não sou dos que gostam de
correr de um lado para o outro, por um país fora, à procura
de uma agulha num palheiro, como vocês, ingleses, dizem.

Não.. Mademoiselle Bella Duveen que siga o seu caminho.
Estou certo de que conseguirei encontrá-la quando chegar a
altura. Entretanto, contento-me com esperar.
Olhei-o, desconfiado. Estaria a tentar enganar-me? Tinha a
irritante sensação de que ele continuava a dominar a situação.
O meu sentimento de superioridade, de triunfo, extinguia-se
gradualmente. Permitira que a rapariga; fugisse e engendrara
um plano brilhante para a salvar das consequências do seu
185
impetuoso acto, mas não tinha paz de espírito. A calma absoluta
de Poirot despertava em mim mil apreensões.
Suponho, Poirot, que não lhe devo perguntar quais são
os seus planos? Perdi esse direito.
De modo algum! Não há segredo nenhum em relação aos
meus planos. Regressamos a França sem demora.
Regressamos?
Precisamente: *regressamos!* Sabe muito bem que não se
pode dar ao luxo de perder o papá Poirot de vista. Não é
verdade, meu amigo? No entanto, se preferir, fique em Inglaterra...
Abanei a cabeça. Ele acertara em cheio no alvo: não me
podia dar ao luxo de o perder de vista. Embora não pudesse
esperar confidências, depois do que acontecera, poderia pelo
menos vigiar as suas acções. O único perigo para Bella residia
nele. Giraud e a Polícia francesa eram indiferentes à existência
da rapariga. Custasse o que custasse, portanto, tinha de permanecer
perto dele.
Poirot observou-me com atenção, enquanto tais ideias me
passavam pelo espírito, e acenou com a cabeça, satisfeito.
Tenho razão, não tenho? E como você seria muito capaz
de me seguir, com algum disfarce absurdo como uma barba
postiça que não enganaria ninguém, *bien entendu* , prefiro

que viajemos juntos. Aborrecer-me-ia muito se alguém se risse
de si.
Muito bem, pois. No entanto, é justo que o advirta...
Eu sei, eu sei tudo. É meu inimigo! Pois seja meu inimigo.
Isso não me preocupa nada.
Desde que se passe tudo com lealdade, não me importo.
Tem, em dose industrial, a paixão inglesa do ((fair play»!
Agora que acalmou os seus escrúpulos, partamos imediatamente.
Não há tempo a perder. A nossa estada em Inglaterra
foi breve, mas suficiente. Sei... o que queria saber.
O tom era despreocupado, mas eu pressenti uma ameaça
velada nas palavras.
186
Mesmo assim...comecei, mas não acabei.
Mesmo assim... sem dúvida está satisfeito com o seu
papel. Quanto a mim, preocupo-me com Jack Renauld.
, Jack Renauld! Aquele nome causou-me um estremecimento.
Esquecera por completo aquele aspecto da questão. Jack Re-
nauld, preso, com a sombra da guilhotina a pairar sobre a
cabeça! Vi o papel que representava a uma luz mais sinistra.
Podia salvar Bella... sim, mas salvando-o corria o risco de
mandar um inocente para a morte.
Afastei semelhante pensamento, horrorizado. Não podia
ser. Ele seria absolvido. Mas o medo gelado voltou. E se não
fosse? Sim, se não fosse? Poderia ficar com esse peso na consciência?
Horrível pensamento! Chegar-se-ia a isso? Uma decisão.
Bella ou Jack Renauld? Todo o meu coração me ordenava que
salvasse a minha amada, custasse-me isso o que custasse. Mas
se o preço tivesse de ser pago por outro, o problema modificava-se.
Que diria a própria rapariga? Lembrei-me de que dos meus
lábios não saíra uma única palavra acerca da prisão de Jack

Renauld. Ela ignorava ainda, portanto, que o seu ex-namorado estava preso, acusado de um crime hediondo que não cometera. Quando soubesse, como agiria? Permitiria que a sua vida fosse. _ salva a expensas da dele? Era importante que ela não fizesse nada precipitado. Jack Renauld poderia ser e talvez fosse absolvido sem qualquer intervenção da parte dela. Se assim acontecesse, óptimo. Mas se não fosse absolvido... Esse era o terrível, o insolúvel problema. Imaginei que ela não corria o risco de ser condenada à pena máxima. As circunstâncias do crime eram muito diferentes, no seu caso. Poderia alegar ciúme e as razões do abandono, e a juventude e a beleza também a ajudariam muito. O facto de, devido a um erro trágico, ter sido M. Renauld e não o filho a sofrer o castigo, não modificaria o móbil do crime de Bella. Mas de qualquer forma, e por muito indulgente que fosse a sentença, uma longa pena de prisão ninguém lhe tiraria.

187

Não, Bella tinha de ser protegida. E, ao mesmo tempo. Jack Renauld tinha de ser salvo. Não sabia muito bem como conseguia- isso, mas concentrava toda a minha fé em Poirot. Ele *sabia.* Acontecesse o que acontecesse, o meu aunigo arranjaria maneira de salvar um inocente. Mas teria de arranjar outro pretexto qualquer que não fosse o verdadeiro. Talvez fosse difícil, mas ele haveria de o conseguir. E com ela isenta de suspeitas e Jack Renauld absolvido, acabaria tudo bem.

Repeti isso a mim mesmo, muitas vezes, mas o medo gelado permaneceu no fundo do meu coração.

CAPÍTULO XXIV

Salve-o!

Partimos de Inglaterra no barco da noite e na manhã seguinte estávamos em Saint-Omer, para onde Jack Renauld fora

levado. Poirot visitou sem perda de tempo M. Hautet. Como não levantou quaisquer objecções a que o acompanhasse, fui com ele.

Depois de cumpridas várias formalidades e vários preliminares, conduziram-nos ao gabinete do juiz de instrução, que nos saudou cordialmente.

Tinham-me dito que regressara a Inglaterra, M. Poirot, mas apraz-me verificar que tal não sucedeu.

É verdade que fui a Inglaterra, Sr. Juiz, mas tratou-se apenas de uma< visita rápida. Um aspecto secundário, mas que me pareceu valer a pena investigar.

E valeu, hem?

Poirot encolheu os ombros e M. Hautet acenou com a cabeça, a suspirar.

Creio que temos de nos resignar. Aquele animal do Giraud tem umas maneiras abomináveis, mas é indubitável-

188

mente esperto! São poucas as possibilidades de tal inddivíduo cometer um erro.

Acha, Sr. Juiz? -

Foi a vez de o magistrado encolher os ombros.

Eh bien, falando francamente confidencialmente, *c’est entendu* , pode chegar a qualquer outra conclusão?

>com toda a franqueza, Sr. Juiz, parecem-me excessivos os pontos obscuros.

Como, por exemplo?

Mas Poirot não mordeu a isca, !

Ainda não os classifiquei. Fiz apenas uma observação geral... Gosto do rapaz e lamentaria se tivesse de o acreditar culpado de tão hediondo crime. A propósito, que tem ele próprio a dizer a tall respeito?

O magistrado franziu a testa.

Confesso que não o consigo compreender. Parece incapaz
de apresentar qualquer espécie de defesa. Tem sido muito difícil
levá-lo a responder a perguntas. Contenta-se com uma negação
geral e, tirando isso, refugia-se no mais obstinado dos silêncios.
Amanhã volto a interrogá-lo. Desejam assistir? »

Aceitámos o convite com *empressement.*

Um caso muito deprimente declarou o magistrado,
soltando um dos seus suspiros. Lamento profundamente Madame Renauld.

Como está ela?

Ainda inconsciente. De certo modo *é* uma sorte, pobre
mulher. Escusa de sofrer tanto. Os médicos dizem que não
corre perigo, mas que quando recuperar a consciência precisará
do maior sossego possível. Segundo me disseram, o seu estado
presente deve-se tanto ao abalo sofrido como à queda. Seria
horrível se o seu cérebro ficasse transtornado... mas eu não
me admiraria nada se isso sucedesse, não, não me admiraria
nada.

M. Hautet recostou-se na cadeira e abanou a cabeça, com

uma espécie de gozo melancólico resultante da sinistra perspectiva.
Por fim pareceu despertar da sua letargia, estremeceu e
disse:

Isso recorda-me uma coisa: tenho uma carta para si,
M. Poirot. Ora deixe ver, onde a meti?

Remexeu entre a papelada e acabou por encontrar a missiva,
que estendeu a Poirot.

Foi-me endereçada dentro de um sobrescrito, com o
pedido de que lha fizesse chegar às mãos explicou. Mas,
como o senhor não deixara nenhum endereço, não o pude fazer.

Poirot observou a carta curiosamente. Estava endereçada
numa caligrafia esguia e inclinada, sem dúvida de mulher. Em
vez de a abrir, o meu amigo levantou-se e meteu-a na algibeira.
Então até amanhã, M. Hautet. Muito obrigado pela sua
cortesia e amabilidade.
Não tem de quê, estairei sempre ao seu dispor. Os jovens
detectives da escola do Giraud são todos iguais, indivíduos
grosseiros e desdenhosos. Não compreendem que um juiz de
instrução com a minha... enfim, com a minha experiênciav não
pode deixar de ter um certo discernimento, um certo... faro.
Palavra, a cortesia da antiga escola está infinitamente mais de
acordo com o meu gosto. Portanto, meu caro amigo, disponha
de mim em tudo quanto desejar. Sabemos umas coisinhas, o
senhor e eu, hem?
E, a rir com todo o gosto, encantado consigo próprio e
connosco, despediu-se. Lamento ter de dizer que a primeira
observação que Poirot me fez, quando atravessámos o corredor,
foi:
Grandíssimo velho idiota aquele! De uma estupidez de
fazer dó!
Ao saírmos do edifício encontrámonnos cara a cara com
Giraud, mais janota do que nunca e contentíssimo consigo
próprio.

Ah, M. Poirot! exclamou, *irónico.* Regressou então
de Inglaterra?
Como vê.
Creio que o fim desta história não está muito longe,
agora.
Concordo consigo, M. Giraud.
Poirot falava baixo e num tom de desânimo que parecia

deliciar o outro.
Um criminoso de meia-tigela, um água chilra! Nem sequer é capaz de inventar uma maneira de se defender. É extraordinário!
Tão extraordinário que dá que pensar, não dá? insinuou Poirot, blandicioso.
Mas Giraud já nem sequer o ouvia. Agitou amigavelmente a bengala e despediu-se:
Bem, M. Poirot, bons dias. Agrada-me que esteja finalmente convencido da culpabilidade do jovem Renauld.
"Pardon, mas eu não estou absolutamente nada convencido! Jack Renauld está inocente.
Giraud fitou-o, um momento, e depois desatou à gargalhada. Bateu significativamente na cabeça e limitou-se a comentar: (
Toque!
Poirot empertigou-se, com uma luz perigosa a brilhar-lhe nos olhos.
M. Giraud, desde o princípio que a sua" atitude para comigo tem sido deliberadamente insultuosa! Precisa de uma lição! Estou disposto a apostar 500 francos em como descubro o assassino de M. Renauld antes do senhor. Combinado?
Giraud fitou-o de novo, como se não o entendesse, e repetiu:
Toque!
Vamos, está ou não combinado?
Não tenho desejo nenhum de ficar com o seu dinheiro.
Decida-se: sim ou não?
Muito bem, está combinado. Disse que a minha atitude

para consigo foi insultuosa, *Eh bien,* uma ou duas vezes a sua
atitude incomodou-me.
 Encanta-me que assim tenha sido. Bons dias, M. Giraud.
Venha, Hastings.
Acompanhei-o em silêncio, de coração pesado. Poirot revelara
 claramente as suas intenções. Cada vez duvidava mais da
minha possibilidade de salvar Bella das consequências do seu
acto. Aquele infeliz encontro com Giraud espicaçara Poirot e
enchera-o de brios.
De súbito, senti agarrarem-me num ombro, virei-me e deparou-se-me
 Gabriel Stonor. Parámos para o cumprimentar e ele
propôs-se acompanhar-nos ao hotel.
 Que faz aqui, M. Stonor? perguntou-lhe Poirot.
 Devemos amparar os nossos amigos, sobretudo quando
são injustamente acusados respondeu o outro, com secura.
 Então não acredita que Jack Renauld tenha cometido o
crime? perguntei-lhe, ansiosamente.
 Claro que não acredito. Conheço o moço. Admito que
uma ou duas coisas de toda esta embrulhada me deixaram
completamente aparvalhado, mas mesmo assim, e apesar da
maneira idiota como ele se está a portar, nunca acreditarei
que Jack Renauld seja um assassino.
O meu coração encheu-se de estima pelo secretário. As suas
palavras pareciam ter-me tirado um peso secreto do coração.
 Estou convencido de que muita gente pensa como o
senhor! afirmei. Na realidade, são absurdamente poucas
as provas contra ele. Estou convencido de que será absolvido...
sim, sem dúvida nenhuma será absolvido.
Mas Stonor esteve longe de reagir como eu esperava:
 Daria muito para pensar como você disse, gravemente,
e perguntou a Poirot: Qual é a sua opinião, monsieur?

Creio que as coisas estão muito negras para ele.
Considera-o culpado? inquiriu Stonor, vivamente.
Não. Mas penso que terá dificuldade em provar a sua inocência.

Está a comportar-se de um raio de uma maneira tão estranha! exclamou Stonor, irritado. Compreendo, claro, que neste caso há muito mais do que parece evidente. O Giraud não se apercebe disso porque é um estranho, é de fora, mas eu acho tudo quanto se passou estranhíssimo. Mas quanto a isso, creio que quanto menos se disser, melhor. Se Mrs. Renauld deseja ocultar alguma coisa, pego-lhe na deixa e obedeço à sua batuta. O espectáculo é dela, como se costuma dizer, e eu respeito tanto o seu critério que não me atrevo a intrometer-me.
No entanto, não consigo perceber esta atitude do Jack. Até dá a impressão de que *quer* que o considerem culpado.'
Mas isso é absurdo! exclamei. Para começar, o punhal... Calei-me, porém, pois não sabia até onde Poirot desejava que fosse, àquele respeito; prossegui, por isso, escolhendo cuidadosamente as palavras: Sabemos que o punhal não podia estar na posse de Jack Renauld na noite do crime. Mrs. Renauld também o sabe.
É verdade. Quando recuperar a consciência certamente dirá isso e muito mais. Bem, agora tenho de os deixar...
Um momento pediu Poirot, levantando a mão. Pode arranjar maneira de me informarem assim que Madame Renauld recuperar a consciência?
com certeza, será fácil.
Aquele pormenor acerca do punhal é bom, Poirot comentei, enquanto subíamos a escada. Não pude falar muito claramente na presença do Stonor...

E fez muito bem. Será conveniente guardarmos o que
sabemos para nós o mais tempo possível. Quanto ao punhal,
isso dificilmente ajudará Jack Renauld. Lembra-se de que me
ausentei uma hora esta manhã, antes de partirmos para Londres?
Lembro.
Bem, andei à procura da firma que Jack Renauld encarregou
de fazer as suas recordações. Não foi difícil encontrá-la.
Eh bien, Hastings, eles fizeram-lhe não dois corta-papéis, mais
sim *três.*

Então...
Então, depois de dar um à mãe e outro a Bella Duveen,
Ficou-lhe um terceiro que certamente reservou para seu uso.
Não, meu amigo, receio que a questão do punhal não nos ajude
a salvá-lo da guilhotina.
Não chegará a isso! protestei, picado.
Poirot abanou a cabeça, duvidosamente.
Você salvá-lo-á! afirmei, em tom positivo.
Mas ele fitou-me friamente e redarguiu:
Não tornou isso impossível, mon ami?
De qualquer outra maneira...
Ah, sapristi! É um milagre que me pede! Não, não diga
mais nada! Vejamos antes o que diz esta carta.
Tirou o sobrescrito da algibeira do peito.
O seu rosto crispou-se, enquanto lia, e depois estendeu-me
a folha de papel fino.
Há outras mulheres no mundo que sofrem, Hastings.
A caligrafia era pouco nítida e era evidente que o bilhete
fora escrito num estado de grande agitação. Dizia:
Caro M. Poirot:

Se receber este bilhete, rogo-lhe que venha em meu socorro.
Não tenho ninguém a quem recorrer e o Jack tem de ser salvo
custe o *que custar. Imploro-lhe de joelhos que nos ajude.*
Marthe Daubreuil
Devolvi o papel, impressionado.
 Vai ter com ela?
 Imediatamente. Alugaremos um automóvel.
Meia hora depois estávamos na *Villa Marguerite.* Marthe,
que se encontrava à porta, agarrou a mão de Poirot com
ambas as suas e levou-o para dentro.
 Ah, veio! Foi muita bondade sua. Tenho estado desespe-
194
rada, sem saber que fazer. Nem sequer me deixam ir vê-lo à
prisão. Sofro horrivelmente, estou quase louca. É verdade o
que dizem, que não nega o crime? Mas isso é uma loucura!
É impossível que o tenha cometido, jamais acreditarei em semelhante
 coisa!
 Nem eu, *mademoiselle* afirmou Poirot, bondosamente.
 Mas então porque não fala ele? Não compreendo!
 Talvez esteja a proteger alguém sugeriu o meu amigo,
sem desviar os olhos dela.
Marthe franziu a testa.
 A proteger alguém? Refere-se à mãe dele? Ah, suspeitei
dela desde o princípio! Quem herda toda aquela imensa fortuna?
 Ela. É fácil vestir-se de viúva e armar em hipócrita. Dizem
que quando ele foi preso ela caiu, *assim* fez um gesto dramático.
  Sem dúvida o secretário, M. Stonor, ajudou-a. São
unha com carne, os dois. É verdade que ela é mais velha do
que ele, mas que importa isso aos homens, se a mulher é rica?
Falara com um certo azedume.
 Stonor estava em Inglaterra lembrei.

Ele diz isso, mas alguém o sabe?
Mademoiselle interveio Poirot, calmamente» se vamos
trabalhar juntos, os dois, temos de pôr todos os pontos
nos «ii». Para começar, faço-lhe uma pergunta.
Faça, *monsieur.*
Está ao corrente do verdadeiro nome da sua mãe?
Marthe fitou-o e depois ocultou a cara nos braços e desatou
a chorar.
Pronto, pronto murmurou Poirot, dando-lhe palmadinhas
no ombro. Acalme-se, *ma petite,* vejo que está ao
corrente. Segunda pergunta: Sabe quem era M. Renauld?
M. Renauld? levantou a cabeça e fitou-o, surpreendida.
Vejo que não sabe. Então escute-me com atenção.
Passo a passo, recapitulou o caso, de modo muito semelhante
ao que empregara comigo, no dia da nossa partida para

Inglaterra. Marthe escutou-o, fascinada, e quando ele acabou
respirou profundamente.
Oh, o senhor é maravilhoso, magnífico! É o maior detective
do mundo!
com um movimento rápido, levantou-se da cadeira e ajoelhou-se
diante dele, com um abandono inteiramente francês.
Salve-o, monsieur! suplicou. Amo-o tanto! Oh, salve-o,
salve-o!

CAPÍTULO XXV

Desenlace Inesperado ”

Na manhã seguinte assistimos ao interrogatório de Jack
Renauld. Apesar do pouco tempo que passara, surpreendeu-me
tristemente a modificação que se operara no jovem detido.
Tinha as faces emagrecidas e olheiras profundas e negras e
parecia perturbado e desfigurado, como se não conseguisse

dormir há várias noites. Não traiu qualquer emoção ao ver-nos
O preso e o seu advogado, Dr. Grosier, foram instalados em
cadeiras. Um colosso de sabre resplandecente estava de guarda
à porta. O paciente escrivão sentou-se à secretária e o interrogatório
começou:

Renauld, nega que esteve em Merlinville na noite do
crime? perguntou o magistrado.

Jack não respondeu logo. Depois disse, com uma hesitação
que causava dó:

Eu... eu já disse que estive em Cherbourg.

O advogado franziu a testa e suspirou. Compreendi logo
que Jack Renauld estava obstinadamente decidido a conduzir
o caso como lhe apetecia, para desespero do seu representante
legal.

Mandem entrar as testemunhas da estação! ordenou
o juiz, irritado.

Passados momentos a porta abriu-se e entrou um homem
no qual reconheci o bagageiro da estação de Merlinville.

Esteve de serviço na noite de 7 de Junho?

Estive, sim, monsieur.

Assistiu à chegada do comboio das onze e quarenta?

Assisti, sim, *monsieur.*

Olhe para o detido. Reconhece nele um dos passageiros
que se apearam desse comboio?

Sim, Sr. Juiz.

Não há nenhuma possibilidade de estar enganado?

Não, monsieur. Conheço bem M. Jack Renauld.

Não se terá enganado quanto à data?

Não, monsieur. Foi logo na manhã seguinte, oito de
Junho, que tivemos conhecimento do assassínio.

Foi chamado outro funcionário dos caminhos de ferro, que
confirmou o depoimento do primeiro. O magistrado olhou
para Jack Renauld e disse-lhe:
 Estes homens identificaram-no positivamente. Que tem
a dizer?
 Nada.
M. Hautet trocou um olhar com o escrivão, enquanto o
aparo áspero do segundo registava a resposta.
 Renauld, reconhece isto?
O magistrado tirou qualquer coisa de cima da mesa e estendeuf-a
 ao preso. Estremeci ao reconhecer o punhal feito de
arame de avião.
 Pardon interveio o Dr. Grosier. Peço licença para
falar com o meu cliente antes de ele responder a essa pergunta.
Mas Jack Renauld não tinha a mínima consideração pelos
sentimentos do pobre Grosier, pois fez-lhe sinal para que se
calasse e respondeu tranquilamente:
 Claro que reconheço. Trata-se de uma prenda que dei à
minha mãe, como recordação.
 Há, que saiba, algum duplicado deste punhal?

Mais uma vez o Sr. Grosier quis falar, e mais uma vez
Jack Renauld não o deixou:
-Que eu saiba, não. Fui eu próprio que o desenhei.
Até o magistrado ficou boquiaberto com a temeridade da
resposta. Dir-se-ia, de facto, que Jack Renauld tinha pressa de
correr para o seu destino. Compreendi, evidentemente, a sua
necessidade vital de ocultar, para proteger Bella, a existência
de um duplicado do punhal. Enquanto se supusesse que existia
apenas uma arma, era pouco provável que se suscitassem suspeitas
 em relação à rapariga que tivera o segundo corta-papéis

em seu poder. Jack protegia corajosamente a mulher que em tempos amara, mas a que preço para si mesmo! Comecei a avaliar a magnitude da tarefa que de ânimo tão leve impusera a Poirot. Não seria fácil conseguir a absolvição de Jack Renauld, a não ser com a verdade.

M. Hautet falou de novo, com uma inflexão assaz mordente:

Madame Renauld disse-nos que este punhal estava no seu toucador na noite do crime, mas Madame Renauld é mãe! Talvez o surpreenda, Renauld, mas considero muitíssimo provável que ela se tenha enganado e que, talvez por inadvertência, você tenha levado o corta-papéis consigo para Paris. Vai con>-tradizer-me, sem dúvida...

Vi as mãos algemadas do jovem fecharem-se com força. Tinha a testa perlada de suor quando, com um esforço supremo, interrompeu M. Hautet, em voz rouca:

Não o contradigo. É possível.

Ficámos todos estupefactos. O Dr. Grosier levantou-se e protestou:

O meu cliente tem estado sob uma tensão nervosa muito grande. Desejo que fique registado na acta do interrogatório que não o considero responsável pelo que diz.

O magistrado fez-lhe sinal para que se acalmasse, embora ele também estivesse furioso. Por momentos pareceu que a dúvida se apoderava do seu próprio espírito. Jack Renauld

bccedera-se no seu papel. Hautet inclinou-se para a frente e fitou o rapaz, perscrutadoramente.

Tem plena consciência, Renauld, de que, baseado nas respostas que me tem dado, não terei outro remédio senão remetê-lo a julgamento?

O rosto pálido de Jack corou, mas o rapaz sustentou firmemente

o olhar do juiz.
Juro que não matei o meu pai, M. Hautet.
Mas o breve momento de dúvida do magistrado dissipara-se,,
Hautet deu uma gargalhada breve e desagradável.
Sem dúvida, sem dúvida! Os nossos presos estão sempre
inocentes! Tem estado a condenar-se pela sua própria boca.
Não apresenta nenhuma defesa, nenhum álibi, limita-se a repetir
uma afirmação que não iludiria uma criança: que não é
culpado. Mas você matou o seu pai, Renauld, cometeu um
crime cruel e cobarde por causa do dinheiro que julgava receber
por morte dele. A sua mãe foi encobridora do crime.
Estou certo de que, em virtude de ela ter actuado como mãe,
o tribunal terá para com ela uma indulgência que lhe negará
a si. E com razão! O seu crime foi hediondo, um crime que
deve repugnar a deuses e homens! M. Hautet estava encantado
da vida, trabalhava e arredondava as frases, deixava-se,
impregnar deliciosamente pela solenidade do momento e pelo
seu papel de representante da justiça. Matou e terá de pagar
as consequências do seu crime. Estou a falar-lhe não como
homem, mas como Justiça, como a eterna Justiça que...
M. Hautet foi interrompido, com grande contrariedade sua.
A porta abriu-se e um funcionário informou, atrapalhado:
Sr. Juiz, Sr. Juiz... está aqui uma senhora que diz... que
diz...
Que diz o quê? gritou o furibundo magistrado. Isto
é muitíssimo irregular. Proíboo, proíbo-o em absoluto!
Mas uma figura esbelta afastou o tartaimudeante funcionário
para o lado e entrou na sala. Vestia de preto e usava um véu
comprido a ocultar-lhe a cara.
199
O meu coração deu um salto tão grande que ficou todo

dorido. Ela viera! Todos os meus esforços tinham sido vãos! No entanto, não podia deixar de admirar a coragem que a levara a dar aquele passo, tão firmemente.

Levantou o véu e soltei uma exclamação que me deixou boquiaberto. É que, apesar da enorme semelhança, aquela rapariga não era a Cinderela! Por outro lado, agora que a via sem a cabeleira loura que usara no palco, reconhecia-a como a rapariga da fotografia encontrada no quarto de Jack Renauld.

É o juiz de instrução, M. Hautet? perguntou.

Sou, mas proíbo...

Chamo-me Bella Duveen e desejo entregar-me pelo assassíníо de M. Renauld.

CAPÍTULO XXVI

Recebo uma Carta

Meu Amigo:

Saberá tudo quando receber esta carta. Nada que eu possa dizer demoverá a Bella, que se foi entregar. Estou cansada de lutar.

Saberá que o enganei, que paguei a sua confiança com mentiras. Talvez lhe pareça indefensável, mas, antes de sair da sua vida para sempre, gostaria de lhe explicar como tudo aconteceu. Se soubesse que me perdoava, a vida tornar-se-me-ia um pouco mais fácil. A única coisa que posso dizer, em minha defesa, é que nada do que fiz foi por mim.

Começarei pelo dia em que o conheci no comboio, quando vinha de Paris. Nessa altura estava inquieta acerca de Bella. Ela estava desesperada por causa de Jack Renauld. Queria-lhe tanto que seria capaz de se deitar no chão para ele lhe passar por cima, e quando Jack começou a mudar e a escrever menos

ficou fora *de si. Meteu-se-lhe na cabeça que ele gostava de*

outra rapariga e, claro, como viria a descobrir-se mais tarde tinha toda a razão. Decidira ir à moradia deles em Merlinville e tentar falar com o Jack. Como sabia que eu não concordava com isso, tentou cortar-me as voltas. Mas eu descobri que não se encontrava no comboio, em Calais, e resolvi que não seguiria para Inglaterra sem ela. Tinha a inquietante sensação de que aconteceria algo horrível se não me fosse possível evitá-lo. Esperei o comboio seguinte, vindo de Paris. Ela vinha nele e estava decidida a ir imediatamente a Merlinville. Argumentei com ela, tentei fazer-lhe ver as coisas, mas não valeu de nada. Estava com os nervos esfrangalhados e firmemente decidida a levar a sua avante. Bem, lavei as mãos do assunto. com a breca, fizera tudo quanto me fora possível! Como estava a fazer-se tarde, fui para um hotel e a Bella partiu para Merlinville. Mas eu continuava incapaz de afastar a sensação daquilo a que os livros chamam «tragédia iminente».

O *dia seguinte chegou, mas de Bella nem sinais. Combinara encontrar-se comigo no hotel, mas não apareceu, passou todo o dia, e nada. Fui ficando cada vez mais inquieta. Até que li o jornal da tarde, com a notícia.*

Foi *horrível! Claro que não podia ter a certeza, mas tinha um medo terrível. Imaginei que a Bella falara com o Renauld pai, lhe dissera tudo a seu respeito e de Jack e que ele a insultara, ou qualquer coisa do género. Temos ambas um mau génio dos demónios!*

Depois li toda aquela história dos homens mascarados e comecei a sentir-me menos preocupada. No entanto, continuava a inquietar-me o facto de Bella não ter comparecido ao encontro que marcara comigo.

Na manhã seguinte sentia-me tão desesperada que não resisti a meter-me a caminho, para tentar ver o que fosse possível.

A primeira pessoa que encontrei foi você. Sabe como tudo isso
se passou. Quando o vi morto, tão parecido com o Jack e com
o elegante sobretudo dele, compreendi! E lá estava o corta-papéis
201
idêntico maldita coisa! ao que Jack dera à Bella! Pensei
que apostaria dez contra um em como tinha as impressões
digitais dela. Não lhe sei descrever o horror desesperado que
senti nesse momento. Só conseguia pensar uma coisa claramente:
tinha de me apoderar do punhal e de partir imediatamente
com ele, antes que dessem pelo seu desaparecimento.
Fingi desmaiar e enquanto você foi buscar água tirei-o do
frasco e escondi-o no vestido.
Disse-lhe que estava no Hotel du Phare, mas, claro, fui
direitinha para Calais e daí para Inglaterra, no primeiro barco.
Quando estávamos no meio do canal atirei o maldito punhal
ao mar. Parece-me que só então consegui voltar a respirar.
A Bella estava na nossa casa em Londres, com uma cara
pavorosa. Disse-lhe o que fizera e que se podia considerar em
segurança, por enquanto, e ela fitou-me e desatou a rir, a rir...
Oh, era horrível ouvi-la! Pareceu-me que o melhor que tínhamos
a fazer era trabalhar. Ela enlouqueceria se tivesse tempo de
pensar muito no que fizera. Por sorte arranjámos imediatamente
um contrato.
E depois vi-o e ao seu amigo a observar-nos, naquela noite.
Perdi a cabeça. Você deveria ter suspeitado, pois de contrário
não nos teria seguido o rasto. Decidida a saber o pior, segui-o.
Estava desesperada. E então, antes que tivesse tempo de dizer
fosse o que fosse, descobri que era de mim que você suspeitava
e não de Bella! Ou, pelo menos, que julgava ser eu a Bella, visto
que fora eu que roubara o punhal.
Gostaria, meu querido, que pudesse avaliar o que pensei

nesse momento, pois talvez me perdoasse. Estava tão assustada, tão confusa e desesperada! A única coisa em que conseguia pensar claramente era que você tentaria salvar-me. Não sabia se estaria disposto a salvá-la a ela e achei *provável que não estivesse, pois não era a mesma coisa! E eu não podia correr esse risco! A Bella é minha gémea, tinha de fazer tudo quanto pudesse por ela. Por isso continuei a mentir. Mas sentia-me miserável, sentia-me e ainda me sinto. E é tudo* é tudo *e é*

202

muito, como por certo pensará. Devia ter confiado em si. Se tivesse confiado...

Assim que os jornais publicaram a notícia de que Jack Renauld fora *preso, acabou-se tudo. A Bella nem sequer quis esperar para ver como as coisas corriam.*

Estou muito cansada, não posso escrever mais.

Começara a assinar com o nome de «Cinderela», mas riscara e escrevera antes *Dulcie Duveen.*

Era uma carta mal escrita e confusa, mas ainda hoje a guardo.

Poirot estava comigo quando a li. Deixei cair as folhas de papel e fitei-o. . ’

Soube sempre que era... a outra?

Soube, meu amigo.

Porque não me disse?

Para começar, porque quase me parecia incrível que você pudesse cometer semelhante erro. Tinha visto as fotografias... As irmãs são muito parecidas, sem dúvida, mas de modo nenhum indistinguíveis.

E o cabelo louro?

Tratava-se de uma cabeleira, usada por causa do contraste engraçado que produzia no palco. Ou acha possível que,

no caso de gémeas verdadeiras, uma seja loura e outra morena?
 Porque não mo disse naquela noite, no hotel, em
Coventry?
 Você mostrou-se muito senhor dos seus métodos, *mon
ami,* muito peremptório respondeu Poirot, secamente. Não
me deu a mínima oportunidade.
 Mas depois?
 Ah, depois! Bem, antes de mais nada, sentia-me magoado
com a sua falta de confiança em mim. Além disso, queria ver
se os seus... sentimentos aguentariam a prova do tempo. Por
outras palavras, queria ver se se tratava realmente de amor ou

de um entusiasmo passageiro. Não devia tê-lo deixado laborar
tanto tempo no seu erro.
Acenei afirmativamente, mas o tom em que me falava era
tão afectuoso que não fui capaz de me sentir ressentido com
ele. Olhei para as folhas da carta e, de súbito, apanhei-as e
estendi-lhas.
 Leia. Gostaria que lesse.
Leu, em silêncio, e depois olhou para mim e perguntou:
- Que o preocupa, Hastings?
Aquela atitude parecia inteiramente nova em Poirot, que
dir-se-ia ter abandonado por completo os seus ares trocistas.
Assim poderia dizer-lhe o que queria sem excessiva dificuldade
 Ela não diz... ela não diz... enfim, se gosta de mim
ou não!
Poirot olhou para as folhas de papel e afirmou:
 Acho que está enganado, Hastings.
 Onde diz? perguntei, inclinando-me ansiosamente para
a frente.
 Diz-lho em todas as linhas da carta, *mon ami* redarguiu

o detective, a sorrir.
Mas onde poderei encontrá-la? A carta não tem endereço
nenhum. Traz um selo francês, mais nada.
Não se enerve! Deixe o caso com o papá Poirot. Desencantá-la-ei
para si assim que dispuser de cinco minutinhos.

CAPÍTULO XXVII

A *História de Jack Renauld*

Parabéns, M. Jack! disse Poirot, apertando corajosa-
mente a mão do rapaz.
O jovem Renauld procurara-nos assim que o tinham libertado,
antes mesmo de partir para Merlinville, a fim de se juntar
a Marthe e à mãe. Stonor acompanhava-o e a sua alegria e boa

disposição contrastavam fortemente com o ar triste e pálido
do jovem. Era evidente que este estava à beira de um colapso.
Embora liberto do perigo imediato que pairara sobre ele, as
circunstâncias da sua libertação eram tão dolorosas que não
lhe permitiam sentir alívio total. Sorriu melancolicamente a
Poirot e disse, em voz baixa:
Suportei tudo para a proteger, e afinal não valeu a pena!
Não poderia esperar que a rapariga aceitasse o preço da
sua vida observou Stonor, irritado. Ela não poderia deixar
de entregar-se assim que viu que você ia direitinno para a
guilhotina.
Eh. ma foi, e é que ia mesmo! exclamou Poirot.
A continuar daquela maneira, ficaria com a morte, de
raiva, do Dr. Grosier a pesar-lhe na consciência.
Creio que ele foi um idiota bem-intencionado, mas preocupou-me
horrivelmente confessou Jack. Como compreendem,
não lhe podia fazer confidências... Mas, meu Deus, que
acontecerá a Bella?

No seu lugar, não me inquietaria desnecessariamente aconselhou Poirot. Os tribunais franceses são muito indulgentes quando se trata de juventude, beleza e *crime passionnel.* Um advogado competente arranjará montes de circunstâncias atenuantes. Não será nada agradável para si, -claro...

Isso é o que menos me importa. Sabe, M. Poirot, em certo sentido *sinto-me* culpado do assassínio do meu pai. Se não fosse eu e a minha ligação com a rapariga, ele a esta hora estaria vivo e são. E depois, o meu maldito descuido, quando levei o sobretudo dele... Não consigo deixar de me sentir responsável pela sua morte. Perseguir-me-á para sempre!

Não, não... murmurei, apaziguador.

Claro que é horrível para mim pensar que a Bella matou o meu pai prosseguiu Jack , mas eu tratara-a vergonhosamente. Quando conheci Marthe e compreendi que até aí andara enganado, devia ter escrito a Bella e explicado tudo, honestamente. Mas tinha tanto medo de uma discussão e de que o

assunto chegasse aos ouvidos de Marthe, tinha tanto medo de que esta pensasse que houvera algo mais do que na realidade houvera que... enfim, fui um cobarde e fiquei à espera de que a coisa morresse por si própria. Limitei-me a deixar-me levar na onda, sem me aperceber de que levava a pobre pequena ao desespero. Se ela me tivesse apunhalado, como supôs, não me teria dado mais do que o castigo merecido. E a coragem tremenda com que se apresentou agora... Eu aguentaria até ao fim, acreditem.

Calou-se, durante uns momentos, e depois prosseguiu, mas mudando de assunto:

O que continuo a não perceber é o motivo por que o velhote andava em trajos menores e com o meu sobretudo,

fora de casa, àquela hora da noite. Suponho que acabava de
se livrar dos tipos estrangeiros e que a minha mãe não se enganou
ao julgar que eram duas horas quando eles apareceram.
Ou... ou foi tudo preparado? Quero dizer, a minha mãe não
pensou... não podia ter pensado... que tinha sido *eu?*
Poirot apressou-se a tranquilizá-lo:
Não, não, M. Jack, não tenha receios a esse respeito.
Quanto ao resto, explicar-lho-ei um destes dias. Creia que é
muito curioso. Mas importa-se de nos contar exactamente o
que aconteceu nessa noite terrível?
Há pouco que contar. Vim de Cherbourg, como lhe disse,
a fim de ver a Marthe antes de partir para o outro extremo do
mundo. O comboio chegou atrasado e eu resolvi atalhar através
do campo de golfe. Daí penetraria facilmente no terreno da
Villa Marguerite. Estava quase a chegar quando...
Calou-se e engoliu em seco.
Quando?
Ouvi um grito horrível. Não foi um grito alto, foi antes
uma espécie de exclamação estrangulada, que me assustou.
Fiquei um momento paralisado, como que pregado ao chão, e
depois contornei um arbusto... Estava luar. Vi a cova e um
vulto caído de bruços, com o cabo de um punhal a sair das

costas. E depois... depois... levantei a cabeça e *vi-a.* Olhava
para mim como se visse um fantasma (deve ter sido mesmo
isso que pensou a meu respeito, ao princípio), com o rosto
despido de toda a expressão pelo horror. A seguir deu um
grito, virou-se e fugiu.
Parou, a tentar dominar a emoção.
E depois? insistiu Poirot.
Francamente, não sei. Fiquei um momento parado, num

atordoamento, antes de compreender que o melhor era safar-me dali para fora o mais depressa possível. Não me passou pela cabeça que suspeitassem de mim, mas tive medo de que me obrigassem a depor contra ela. Fui a pé até St. Beauvais, como lhe disse, e aí arranjei um carro para Cherbourg.

Bateram à porta e um mandarete entrou e entregou um telegrama a Stonor, que o abriu.

Mrs. Renauld recuperou a consciência anunciou.

Ah: exclamou Poirot, levantando-se de um pulo.

Vamos todos para Merlinville, imediatamente!

Partimos à pressa. Stonor, a instâncias de Jack, aquiesceu em ficar e fazer tudo quanto pudesse por Bella Duveen. Poirot, Jack Renauld e eu partimos no carro do rapaz.

A viagem levou pouco mais de quarenta minutos. Ao aproximarmo-nos da porta da *Villa Marguerite,* Jack Renauld olhou interrogadoramente para Poirot:

E se fossem à frente, para darem à minha mãe a notícia da minha libertação...

Enquanto você a dá pessoalmente a Mademoiselle Marthe,? interrompeu-o Poirot, a rir. Pois sim. Aliás, ia precisamente propor-lhe isso.

Jack Renauld não esperou por mais nada. Parou o carro, saiu e correu pelo carreiro de acesso à porta principal acima.

Quanto a nós, seguimos no automóvel até à *Ville Geneviève.*

Poirot, lembra-se da nossa chegada aqui, no primeiro dia? Esperava-nos a notícia da morte de M. Renauld...

Ah, sin, lembro! Também não foi assim há tanto tempo...

207

Mas quantas coisas aconteceram desde então! Especialmente a si, *mon* ami!

Poirot, que fez no sentido de encontrar Bei... quero

dizer, Dulcie?

Acalme-se, Hastings. Tratarei de tudo.

Está a demorar muito tempo resmunguei.

Poirot mudou de assunto e sentenciou, enquanto tocava à campainha:

Então foi o princípio e agora é o fim. E, bem vistas todas as coisas, o fim parece-me muito pouco satisfatório.

Sem dúvida concordei, a suspirar.

Você está a ver a questão do ponto de vista sentimental. Hastings, mas não era a isso que me referia. Esperemos que Mademoiselle Bella seja tratada com indulgência... e, no fim de contas, Jack Renauld não pode casar com as duas... Eu estava a falar do ponto de vista profissional. Não se tratou de um crime bem organizado e metódico, como um detective gosta. A *mise en scene* planeada por Georges Conneau, sim, essa foi perfeita, mas o desenlace... ah, não! Um homem morto por acidente em consequência de um ataque de cólera de uma rapariga.. Francamente, que ordem e que método há nisso?

E, no meio de um ataque de riso da minha parte, provocado pelas peculiaridades de Poirot, Françoise abriu a porta.

Poirot disse-lhe que tinha de falar imediatamente com Mrs. Renauld e a velha criada conduziu-o ao andar de cima.

Eu fiquei na sala. Poirot reapareceu passado algum tempo.

Vous voilà, Hastings! *Sacré tonnerre,* temos temporal à vista!

Que quer dizer?

Nunca imaginaria que as mulheres fossem tão inesperadas!

Olhe, vêm aí Jack Renauld e Marthe Daubreuil avisei, a olhar pela janela.

Poirot saiu da sala a correr e foi ter com o jovem casal aos degraus exteriores.

Não entrem disse a Jack. É melhor não entrarem.
A sua mãe está muito transtornada.
Bem sei, bem sei murmurou Jack. Vou imediatamente
ter com ela.
Já lhe disse que não vá. É melhor.
Mas a Marthe e eu...
De qualquer modo, não leve Mademoiselle Marthe consigo.
Suba, se insiste, mas creia que faria bem se ouvisse os
meus conselhos.
Atrás de nós, na escada, soou uma voz que nos fez estremecer
a todos:
Agradeço-lhe os seus bons ofícios, M. Poirot, mas eu
própria exprimirei os meus desejos.
Olhámos, boquiabertos. Apoiada em Léonie, Mrs. Renauld
descia a escada, com a cabeça ainda ligada. A francesinha chorava
e rogava à ama que voltasse para a cama.
A senhora mata-se, assim! Está a fazer o contrário do
que o doutor recomendou!
Mas Mrs. Renauld continuou a descer.
Mãe! gritou Jack, e deu um passo em frente.
Mas ela conteve-o, com um gesto:
Já não sou tua mãe e tu não és meu filho! A partir deste
dia, renego-te!
Mãe! repetiu o moço, estupefacto.
Ela pareceu hesitar momentaneamente, compadecer-se da
angústia que transparecia da voz do rapaz. Poirot esboçou um
gesto de apaziguamento, mas, acto contínuo, ela recuperou o
domínio de si mesma:
Estás manchado pelo sangue do teu pai, és moralmente
responsável pela sua morte. Desobedeceste-lhe e desafiaste-o por

causa dessa rapariga e a maneira cruel como trataste outra
originou a sua morte. Sai da minha casa. Amanhã tomarei as
providências necessárias para que nunca toques num centavo
que seja do seu dinheiro. Singra no mundo como fores capaz,

com a ajuda da rapariga que é a filha da pior inimiga do
teu pai!
E lentamente, penosamente, virou-se e subiu a escada.
Ficámos todos aparvalhados, totalmente apanhados de surpresa
pela cena a que acabávamos de assistir. Jack Renauld,
debilitado por tudo quanto já sofrera, cambaleou e quase caiu.
Poirot e eu corremos a ampará-lo.
Ele está muito abatido murmurou o detective a Marthe.
 Para onde podemos levá-lo?
Para casa, para a *Ville Marguerite.* Trataremos dele, a
minha mãe e eu. Meu pobre Jack!
Levámos o rapaz para a moradia, onde ele se deixou cair
numa cadeira, num estado de semi-atordoamento. Poirot tocou-lhe
na testa e nas mãos.
Tem febre. A longa tensão, agravada agora por este
abalo, começa a produzir os seus efeitos. Metam-no na cama,
enquanto Hastings e eu chamamos um médico.
Assim fizemos e, depois de examinar o rapaz, o doutor
declarou tratar-se simplesmente de um caso de tensão nervosa.
com absoluto descanso e sossego, o jovem poderia estar quase
bom no dia seguinte. No entanto, se acontecesse nais alguma
coisa que o excitasse, corria o perigo de uma febre cerebral.
Seria aconselhável ficar alguém toda a noite com ele.
Por fim, depois de termos feito tudo quanto podíamos,
deixámo-lo ao cuidado de Marthe e da mãe e seguimos para a

cidade. Já passava da nossa hora habitual de jantar e estávamos
ambos esfaimados. Entrámos no primeiro restaurante
que encontrámos e acalmámos a fome com uma excelente
omeleta e um não menos excelente *entrecôte.*
Vejamos agora onde passaremos a noite disse Poirot,
depois de encerrada a refeição com o café. Experimentamos
o nosso velho conhecido *Hotel dês Bains?*
Foi para lá mesmo que nos dirigimos, sem hesitar. Sim,
messieurs podiam acomodar-se em dois bons quartos com vista
210
para o mar. Foi então que Poirot fez uma pergunta que me
surpreendeu:
Miss Robinson, uma senhora inglesa,já chegou?
Já, sim, *monsieur.* Está na saleta. ,,
Ah!
Poirot perguntei, indo atrás dele pelo corredor fora,
quem diabo é Miss Robinson?
Poirot respondeu-me, todo sorridente:
Arranjei-lhe um casamento, Hastings!
Mas...
Nem mas, nem meio mas! replicou Poirot, e empurrou-me
amigavelmente para dentro da saleta. Julga que desejo
gritar aos quatro ventos o apelido de Duveen, em Merlinville?
Era de facto Cinderela, que se levantou para nos cumprimentar.
Apertei-lhe ambas as mãos e os meus olhos disseram
o resto.
Poirot pigarreou:
Mês enfants, de 'momento não temos tempo para sentimentalismo.
Temos que fazer. *Mademoiselle,* conseguiu fazer o
que lhe pedi?
Em resposta, Cinderela tirou da malinha um-objecto embrulhado

em papel e estendeu-o silenciosamente a Poirot. Este abriu-o e eu quase dei um pulo: era o punhal que eu supunha ter sido atirado ao mar. É estranha a relutância das mulheres em destruírem os objectos e documentos mais comprometedores!

Três *bien, mês enfants!* Estou satisfeito consigo, *mademoiselle.* Agora vá descansar, pois o Hastings e eu temos que fazer. Vê-lo-á amanhã.

Aonde vão? perguntou a rapariga.

Amanhã saberá.

Seja aonde for que vão, irei também.

Mas, *mademoiselle...*

Já lhe disse, também vou.

Poirot compreendeu que seria inútil discutir.
Pois venha, *mademoiselle.* Mas não será divertido... e até
é provável que não aconteça nada.
A rapariga não respondeu.
Partimos vinte minutos depois. Escurecera por completo e
a noite estava abafada e opressiva. Poirot seguiu na direcção
da *Viíle Geneviève,* mas quando chegou à *Ville Marguerite*
parou.
Desejaria certificar-me de que corre tudo bem com Jack
Renauld. Venha comigo, Hastings. Acho melhor *mademoiselle*
esperar aqui; Madame Daubreuil seria capaz de dizer alguma
coisa que a ofendesse.
Abrimos a cancela e subimos o carreiro. Quando contornámos
o lado da casa, chamei a atenção de Poirot para uma
janela do andar de cima: na persiana estava vivamente recortado
o perfil de Marthe Daubreuil.
Ah, deve ser naquele quarto que encontraremos Jack
Renauld! exclamou o meu amigo.
Madame Daubreuil abriu-nos a porta. Disse-nos que Jack
Renauld estava praticamente na mesma, mas que talvez preferíssemos
ver com os nossos próprios olhos. Levou-mos ao
quarto do andar de cima. Marthe Daubreuil bordava, junto de
uma mesa sobre a qual estava um candeeiro. Levou o indicador
aos lábios, quando entrámos.
Jack Renauld dormia num sono agitado, a virar a cabeça:
de lado para lado e ainda com um rubor de febre nas faces.
-O médico volta? perguntou Poirot, baixinho.
Não, a não ser que o chamemos. Ele está a dormir, e
isso é o principal. A *maman* fez-lhe uma tisana.
Sentou-se de novo a bordar, quando saímos do quarto.
Madame Daubreuil acompanhou-nos. Desde que tomara conhecimento

da sua história passada, encarava aquela mulher com
interesse crescente. Parou à porta, de olhos baixos e com o
mesmo sorriso enigmático e ténue de sempre. De súbito, tive

medo dela, como se tem medo de uma bonita serpente venenosa.
Espero que não a tenhamos incomodado, *madame*
disse Poirot delicadamente, quando ela abriu a porta para
saírmos.
Absolutamente nada, monsieur.
A propósito acrescentou Poirot, como se lhe tivesse
acudido de repente uma ideia , M. Stonor não esteve hoje em
Merlinville, pois não?
Não percebi aonde ele queria chegar, mas isso não queria
dizer nada, quando se tratava de Poirot.
>Que eu saiba, não respondeu a mulher, imperturbável.
Não teve nenhum encontro com Madame Renauld?
Como quer que saiba, *monsieur?*
Tem *razão.* Pensei que talvez o tivesse visto chegar ou
partir... Boas noites, *madame.*
Porque... comecei.
Deixe os «porquês» para outra altura, Hastings. Haverá
tempo suficiente para isso, mais tarde.
Reunimo-nos a Cinderela e dirigimo-nos apressadamente para
a *Ville Geneviève.* Poirot olhou uma vez para trás, para a janela
iluminada e para o perfil de Marthe, debruçada sobre o bor-”
dado.
Ele pelo menos está a ser guardado murmurou.
Quando chegámos à *Ville Geneviève,* Poirot escolheu um
sítio atrás de uns arbustos, à esquerda do caminho de carros:
embora ali tivéssemos boa visibilidade, estávamos completamente
ocultos de olhares curiosos. A moradia encontrava-se

totalmente às escuras. com certeza já estavam todos deitados
e a dormir. Encontrávamo-nos debaixo do quarto de Mrs. Renauld,
cuja janela reparei que se encontrava aberta Pareceu-me
ser nessa janela que o olhar de Poirot se fixava.
Que vamos fazer? perguntei, baixinho.
Vigiar.
213
Mas...
Não espero que aconteça nada na hora mais próxima
ou talvez, até, nas duas horas mais próximas, mas...
As suas palavras foram interrompidas por um grito prolongado
e agudo: «Socorro!»
Brilhou uma luz no quarto do primeiro andar do lado
direito da casa. Fora daí que viera o grito. Enquanto olhávamos,
desenhou-se na persiana a sombra de duas pessoas que pareciam
lutar.
Mille tonerres! praguejou Poirot. Ela deve ter mudado
de quarto!
Desatou a correr e bateu desesperadamente à porta principal.
Depois correu para a árvore do canteiro e trepou por ela
acima com a agilidade de um gato. Segui-o, quando ele tomou
balanço e entrou pela janela aberta. Olhei por cima do ombro
e vi Cinderela a chegar ao ramo atrás de mim.
Tenha cuidado! recomendei.
Mande ter cuidado à sua avó! replicou-me. Isto é
brincadeira de crianças para mim.
Poirot atravessara o quarto deserto como uma flecha e
batia à porta que dava para o corredor.
Fechada à chave pelo lado de fora! gemeu. Será
preciso muito tempo para a arrombar.
Os gritos de socorro tornavam-se cada vez mais fracos.

Havia desespero nos olhos de Poirot. Uni os meus esforços aos dele e atirámu-nos à porta.
A voz de Cinderela, calma e desapaixonada, chegou até nós, da janela:
Chegarão tarde de mais. Creio que só eu poderei fazer alguma coisa.
Sem que tivesse tempo de estender sequer a mão para a deter, deu-me a sensação de que saltava no espaço. Corri para a janela e olhei para fora. Horrorizado, vi-a suspensa do telhado pelas mãos, avançando aos solavancos na direcção da janela iluminada
214
Céus, vai-se matar! gritei.
Esquece-se de que é acrobata profissional, Hastings. Foi a Providência que *a* fez insistir em acompanhar-nos esta noite. Só rogo a Deus que chegue a tempo! Ah!
Um grito de absoluto terror encheu a noite quando a rapariga desapareceu através da janela do lado direito. Depois ouvimos a voz clara de Cinderela:
Não, não conseguirá! Apanhei-a, e os meus pulsos são como aço!
No mesmo instante, Francoise aibriu cautelosamente a porta da nossa prisão. Poirot afastou-a sem cerimónias e desarvorou pelo corredor fora, direito às outras criadas, que estavam agrupadas junto da última porta.
-Está fechada à chave por dentro, *monsieur.*
Ouviu-se o som de uma queda pesada, no interior. Passados momentos, girou uma chave na fechadura e a porta abriu-se, devagar. Cinderela, muito pálida fez-nos sinal para entrarmos.
Ela está salva? perguntou Poirot.
Está, cheguei mesmo a tempo. Já estava exausta.

Mrs. Renauld estava meio deitada, meio sentada na cama,
a respirar a custo. »
 Quase me estranguloumurmurou, com dificuldade.
A rapariga apanhou uma coisa do chão e estendeu:a a Poirot.
Era uma escada enrolada, de corda de seda muito fina, mas
forte.
 Para a fuga disse Poirot. Pela janela,- enquanto nós
batíamos à porta. Onde está... a outra?
A rapariga desviou-se um pouco e apontou. No chão jazia
um vulto envolto num tecido escuro qualquer, uma prega
do qual lhe ocultava o rosto.
 Morta?
 Creio que sim.
 Deve ter batido com a cabeça no guarda-fogo de mármore
 da lareira
 Mas quem é? perguntei, agitado.

 A assassina de M. Renauld, Hastings, e quase a assassina
de Madame Renauld.
Intrigado e sem compreender, ajoelhei, levantei a prega de
tecido e deparou-se-me o belo rosto sem vida de Marthe
Daubreuil.

CAPÍTULO XXVIII

Fim *da Viagem*

São confusas as recordações que guardo dos restantes acontecimentos
 dessa noite. Poirot parecia surdo às minhas repetidas”
perguntas, todo entregue à tairefa de censurar Françoise por
não lhe ter dito que Mrs. Renauld mudara de quarto de dormir.
Agarrei-lhe num ombro, decidido a chamar a sua atenção e
fazer-me ouvir:
 Mas você devia saber! exclamei. Esteve a falar com

ela esta tarde!

Poirot dignou-se reparar momentaneamente em mim:

Levaram-na- numa cadeira de rodas para um sofá do aposento do meio, o seu quarto de vestir explicou.

Mas, *monsieur, a* senhora mudou de quarto quase imediatamente depois do crime! exclamou Françoise. As recordações... eram muito deprimentes!

Então porque não fui informado? berrou Poirot, dando murros na mesa, numa fúria incontida. Pergunto-lhe, porque não fui informado? Não passa de uma velha completamente imbecil! *E* a Léonie e a Demise não são melhores. Uma trempe de idiotas! A vossa estupidez quase causou a morte da. vossa patroa. Se não fosse esta corajosa criança...

Calou-se e, atravessando o quarto na direcção da jovem, que cuidava de Mrs. Renauld, abraçou-a com um fervor muito gaulês, o que, confesso, me causou uma certa irritação.

Fui arrancado ao meu estado de torpor mental por uma

ordem enérgica de Poirot, que me mandou chamar imediatamente o médico, para examinar Mrs. Renauld. Depois disso, que chamasse a Polícia. E, para aumentar a minha indignação, acrescentou:

Não lhe valerá a pena voltar cá, a seguir. Eu terei muito que fazer e não poderei atender, e aqui a *mademoiselle* está desde já nomeada enfermeira.

Retirei-me com a dignidade possível e depois de cumprir as ordens recebidas regressei ao hotel. Não compreendia praticamente nada do que sucedera. Os acontecimentos daquela noite pareciam-me fantásticos e impossíveis. Ninguém respondera às minhas perguntas, ninguém parecera sequer ouvi-las. Meti-me na cama, furioso, e dormi o sono dos desnorteados e absoluta-

mente exaustos.
Quando acordei o sol entrava a jorros pelas janelas abertas
e Poirot, sorridente e aperaltado, estava sentado a meu lado.
Acordou, finalmente! Grande dorminhoco me saiu,
Hastings! Sabe que são quase onze horas da manhã?
Gemi e levei a mão à cabeça.
Devo ter estado a sonhar... Imagine, sonhei que encontrámos
o corpo de Marthe Daubreuil no quarto de Mrs. Renauld
e que o senhor declarou que ela assassinara M. Renauld!
Não sonhou. Tudo isso é verdade.
Mas Bella Duveen matou M. Renauld.
>Não matou nada, Hastings! Disse que matou, sim, mas
procedeu assim para salvar o seu amado da guilhotina.
O quê?!
Lembra-se da história de Jack Renauld? Eles chegaram
ao mesmo tempo ao cenário do crime e cada um julgou que o
outro era o criminoso. A rapariga fitouo, horrorizada, e depois
soltou um grito e fugiu. Mas quando soube que o tinham
acusado do assassínio, não pôde suportar semelhante ideia e
acusou-se para o salvar de morte certa.
Poirot recostou-se na cadeira e uniu as pontas dos dedos,
num gesto familiar.

O desfecho do caso não me agradava nada observou,
sentenciosamente. Tive desde o princípio a impressão de que
estávamos perante um crime premeditado e cometido a sangue-frio
por alguém que se limitou (muito inteligentemente, diga-se)
a utilizar o estratagema do próprio M. Renauld para despistar
a Polícia. O grande criminoso (como por certo se lembra de eu
lhe ter observado) é sempre supremamente simples.
Acenei com a cabeça,

Para confirmar tal teoria o criminoso devia conhecer
em absoluto os planos de M. Renauld, o que nos conduzia a
Madame Renauld. Os factos, porém, não confirmavam qualquer
teoria que a inculpasse. Havia mais alguém que pudesse ter
conhecimento deles? Havia, Soubemos pelos próprios lábios de
Marthe Daubreuil que ela ouvira a discussão de M. Renauld
com o vagabundo. Se ouviu isso, poderia muito bem ter ouvido
tudo o mais, especialmente se M. e Madame Renauld cometeram
a imprudência de discutir os seus planos sentados no
banco. Lembre-se da facilidade com que você ouviu a conversa
de Marthe com Jack Renauld, sentado nesse mesmo banco.
Mas que motivo poderia Marthe ter para assassinar
M. Renauld?> perguntei, admirado.
Que motivo? O dinheiro! M. Renauld era diversas vezes
milionário e por sua morte (pelo menos Jack assim julgava)
metade dessa imensa fortuna seria para o filho. Recapitulemos
o caso do ponto de vista de Marthe Daubreuil.
«Marthe ouve as conversas de Renauld e da mulher. Até
então, ele tinha sido uma agradável fonte de rendimento para
as Daubreuils mãe e filha, mas tencionava escapar-lhes das
garras. Ao princípio, talvez a ideia da rapariga fosse impedir
que isso acontecesse, mas essa ideia deu lugar a outra mais
ousada e que não horrorizou a filha de Jeanne Beroldy!
M. Renauld atravessava>-se inexoravelmente no caminho do seu
casamento com Jack. Se este desafiasse o pai, ficaria reduzido
à pobreza, perspectiva que não agradava nada a Mademoiselle
Marthe. Duvido que ela tenha alguma vez querido saber de
218
Jack Renauld para alguma coisa. Sabia simular emoção, mas
na realidade pertencia ao mesmo tipo frio e calculista da mãe.
Duvido também que estivesse muito certa do seu poder sobre

o afecto do rapaz. Estonteara-o e fascinara-o, mas, separado
dela e seria facílimo ao pai dele consegui-lo, poderia
perdê-lo, No entanto, com M. Renauld morto e Jack herdeiro
de metade dos seus milhões, o casamento poderia efectuar-se
sem demora e, com a mesma cajadada, ela ficaria rica mas
rica a sério, nada que se comparasse com os míseros milhares
de francos que até então tinham sido extraídos à vítima. O cérebro
inteligente de Marthe apreendeu a simplicidade do plano.
Seria tão fácil! M. Renauld andava a planear todas as circunstâncias
da sua morte, ela teria apenas de entrar em cena no
momento apropriado e transformar a farsa em triste realidade.
E a<gora o segundo ponto que me conduziu infalivelmente a
Marthe Daubreuil: o punhal! Jack Renauld mandou fazer *três*
recordações. Deu uma à mãe e outra a Bella. Não seria, portanto,
muitíssimo provável que tivesse dado a terceira a
Marthe?
«Resumindo, pois, havia quatro pontos contra Marthe
Daubreuil:

1. Marthe Daubreuil podia ter ouvido os planos de
M. Renauld;
«(2) Marthe Daubreuil tinha interesse directo em causar a
morte a M. Renauld;
«(3) Marthe Daubreuil era filha da-tristemente famosa Madame
Beroldy que, na minha opinião, foi moral e virtualmente
a assassina do marido, embora tenha sido a mão de Georges
Conneau que desferiu o golpe mortal;
«(4) Marthe Daubreuil era a única pessoa, além de Jack
Renauld, com possibilidade de ter o terceiro punhal em seu
poder.»
Poirot fez uma pausa e pigarreou.

Claro que quando soube da existência da outra rapariga»
de Bella Duveen, compreendi que havia a possibilidade de ela
219
ter matado M. Renauld. A solução não me agradou muito,
confesso, porque, como lhe observei, Hastings, um perito como
eu gosta de encontrar um adversário da sua craveira. No entanto,
temos de aceitar os crimes como eles nos aparecem e
não como gostaríamos que fossem. Não me pareceu muito provável
que Bella Duveen andasse por aí a passear com um corta-
-papel na mão, mas, claro, ela podia ter vindo já com qualquer
ideia de se vingar de Jack Renauld. Quando se apresentou e
confessou o crime, pareceu que estava tudo acabado. Contudo,
eu não estava convencido, *mon ami, eu não estava convencido.*
«Voltei a recapitular o caso minuciosamente e cheguei à
mesma conclusão anterior. Se não tinha sido Bella, a única
outra pessoa que podia ter cometido o crime era Marthe Daubreuil.
Mas não tinha sombra de prova contra ela!
«Foi então que você me mostrou a carta de Mademoiselle
Dulcie e eu vi uma possibilidade de deslindar o assunto de uma
vez por todas. O punhal primitivo foi roubado por Dulcie
Duveen e atirado ao mar em virtude de, como ela pensava,
pertencer à irmã. Mas se, por qualquer acaso, não fosse o da
irmã, e sim o que Jack Daubreuil dera a Marthe Daubreuil,
então então o punhal de Bella Duveen ainda estaria intacto!
Não lhe disse nem uma palavra a tal respeito, Hastings (não era
altura para romance), mas procurei Mademoiselle Dulcie, disse
o que me pareceu necessário dizer-lhe e encarreguei-a de procurar
entre as coisas da irmã. Imagine a minha euforia quando
ela me procurou (segundo as minhas instruções) como Miss
Robinson, trazendo a preciosa recordação consigo!
«Entretanto, dera alguns passos no sentido de obrigar

Marthe Daubreuil a vir para campo aberto. Por ordem minha,
Madame Renauld expulsou o filho e declarou a sua intenção
de, no dia seguinte, fazer um testamento que o impediria para
sempre de tocar num centavo que fosse da fortuna do pai.
Foi um passo desesperado, mas necessário, e Madame Renauld
estava absolutamente disposta a correr o risco .. embora, infelizmente,
não se tenha lembrado de me informar de que mudara
220
de quarto. Suponho que partiu do princípio de que eu sabia.
, Aconteceu tudo como estava previsto: Marthe Renauld fez
uma derradeira e ousada tentativa para deitar a mão aos
;| milhões de Renauld... e falhou!»
O que não consigo compreender é como ela conseguiu
entrar lá em casa sem nós a vermos observei. Parece-me
um autêntico milagre. Deixámo-la na *Villa Marguerite,* segui-
mós directamente para a *Villa Geneviève...* e ela chegou lá pri-
meiro do que nós!
Ah, mas nós não a deixámos na *Villa Marguerite!* Ela
saiu de casa pelas traseiras, enquanto nós conversávamos com
a mãe no vestíbulo. Foi aí que, como se costuma dizer, «enrolou»
Hercule Poirot!
Mas... e a sombra na persiana? Nós vimo-la da estrada.
Eh bien, quando olhámos para cima Madame Daubreuil
já tivera tempo, embora à justa, de correr para o primeiro andar
e substituir a filha.
Madame Daubreuil?
Sim. Uma é velha e outra é jovem, uma é morena e outra
é loura, mas, para os efeitos de uma silhueta numa persiana, os
seus perfis São singularmente parecidos. Nem eu suspeitei, fui
três vezes imbecil! Pensei que dispunha de muito tempo, que ela
só se arriscaria a entrar na *villa* muito mais tarde. Tinha miolos,

a bonita Mademoiselle Marthe!
 E qual era o seu objectivo, ao pretender assassinar Mrs.
Renauld?
 Toda a fortuna passaria então para o filho da vitima.
Além disso, teria sido suicídio, *mon ami.* Encontrei no chão,
junto do corpo de Marthe Daubreuil, um pedaço de algodão,
um frasquinho de clorofórmio e uma seringa com uma dose
fatal de morfina. Está a compreender? Primeiro o clorofórmio
e quando a vítima estivesse inconsciente a picadinha da agulha.
De manhã o cheiro do clorofórmio ter-se-ia dissipado por completo
 e a seringa encontrar-se-ia onde caíra da mão de Madame
Renauld. Que diria o excelente M. Hautet? «Pobre mulher!
221
Que lhe disse eu? O abalo causado pela alegria foi demasiado,
em cima de tudo o mais! Não lhe disse que não me surpreenderia
 se o seu cérebro ficasse transtornado? Muito trágico, em
todos os aspectos, este caso Renauld!»
«No entanto, Hastings, as coisas não correram exactamente
como Mademoiselle Marthe planeara. Para começar, Madame
Renauld estava acordada e à sua espera. Houve luta, mas
Madame Renauld ainda estava fraquíssima, o que significava
que restava ainda uma última esperança a Marthe Daubreuil.
A ideia do suicídio teve de ser posta de parte, mas se ela
pudesse silenciar Madame Renauld com as suas mãos fortes,
fugir graças à sua escadinha de seda enquanto nós nos atirávamos
 como doidos ao lado interior da última porta e chegar
à *Villa Marguerite* antes de nós lá voltarmos, seria difícil provar
fosse o que fosse contra ela. No entanto, foi-lhe dado xeque-mate,
 não por Hercule Poirot, mas sim pela *petite acrobate*
dos pulsos de aço!»
Meditei em toda a história.

Quando começou a suspeitar de Marthe Daubreuil, Poirot? Quando ela nos disse que ouvira a discussão, no jardim?

O detective sorriu.

Meu amigo, lembra-se quando chegámos a Merlinville no primeiro dia? E da bela rapariga que vimos parada à cancela da moradia. Você perguntou-me se não vira uma jovem deusa e eu respondi-lhe que vira apenas uma rapariga com olhos. Foi assim que pensei em Marthe Daubreuil desde o princípio: *a rapariga dos olhos ansiosos!* Porque estava ansiosa? Não por causa de Jack Renauld, pois ignorava que ele estivera em Merlinville na véspera.

A propósito, como está Jack Renauld?

Muito melhor. Ainda se encontra na *Villa Marguerite,* mas Madame Daubreuil desapareceu. A Polícia procura-a

Acha que estava conluiada com a filha?

Nunca o saberemos. *Madame* sabe guardar os seus segredos... e eu duvido muito que a Polícia consiga encontrá-la.

Já disseram a Jack Renauld?

Ainda não.

Vai ser um choque terrível para ele.

Naturalmente. No entanto, Hastings, duvido que o seu coração alguma vez tenha estado seriamente preso. Até agora, temos considerado Bella Duveen como um passatempo e Marthe Daubreuil como a rapariga que ele amava, realmente. Mas eu creio que se invertêssemos os termos ficaríamos mais perto da verdade. Marthe Daubreuil era muito bonita, impôs-se a tarefa de fascinar Jack e conseguiu-o. Lembre-se, porém, da estranha relutância dele em romper com a outra rapariga e veja como se dispôs a morrer na guilhotina para não a incriminar. Tenho

cá o pressentimentozinho de que, quando souber a verdade,
ficará horrorizado, revoltado, e o seu falso amor fenecerá.
E Giraud?
Oh, teve uma crise de nervos e foi obrigado a regressar
a Paris!
Sorrimos ambos.
Poirot demonstrou ser um bom profeta. Quando, finalmente,
o médico considerou Jack Renauld em condições de ouvir a ’
verdade, foi o meu amigo belga quem lha revelou. O choque
foi, de facto, terrível, mas Jack refez-se melhor do que eu
poderia ter imaginado. A dedicação da mãe ajudou-o a vencer
aqueles dias difíceis e agora mãe e filho são inseparáveis.
Havia ainda outra revelação a fazer. Poirot informara Mrs.
Renauld de que conhecia o seu segredo e fizera-lhe ver que
Jack não deveria ser deixado na ignorância do passado do pai.
Ocultar a verdade nunca serve de nada, *madame!* Seja
corajosa e diga-lhe tudo.
Mrs. Renauld aquiesceu, com o coração pesado, e o filho
ficou a saber que o pai que amara tinha na realidade sido um
fugitivo da justiça. Uma pergunta hesitante foi logo respondida
tranquilizadoramente por Poirot:

Sossegue, M. Jack, o mundo nada sabe. Tanto quanto me
parece, não tenho obrigação nenhuma de informar a Polícia
do que sei. Ao longo de todo o caso agi não para ela, mas sim,
em nome do seu pai. A justiça alcançou-o, finalmente, mas não
há necessidade nenhuma, de se saber que ele e Georges Conneau
eram uma e a mesma pessoa.
Claro que muitos aspectos do caso continuaram a parecer
confusos e intrigantes à Polícia, mas Poirot explicou tudo de
um modo tão plausível que as dúvidas se foram gradualmente

dissipando.
Pouco depois de regressarmos a Londres, vi um magnífico modelo de cão de caça a adornar a prateleira da chaminé de Poirot. Em resposta ao meu olhar interrogador, acenou com a cabeça> e explicou:
Mais ouí, recebi os meus quinhentos francos! Não é um animal esplêndido? Chamo-lhe Giraud!
Poucos dias depois Jack Renauld visitou-nos, com uma expressão muito resoluta.
Vim despedir-me, M. Poirot. Parto para a América do Sul quase imediatamente. O meu pai tinha grandes interesses nesse continente e eu tenciono começar nova vida lá.
Vai sozinho, M. Jack?
Minha mãe acompanha-me... e conservarei Stonor como meu secretário. Ele gosta das terras do mundo distantes.
Não vai mais ninguém consigo?
Jack corou.
Refere-se...?
Refiro-me a uma rapariga que o ama muito ternamente, tanto que esteve disposta a dar a vida por si.
Como ousaria pedir-lho? murmurou o rapaz. Depois de tudo quanto aconteceu, poderia ir ter com ela e... Que raio de história manca lhe havia de contar?
Lês *femmes* têm uma habilidade maravilhosa para arranjar muletas para histórias mancas desse género.
Sim... mas eu fui um idiota tão grande!

Todos nós o somos, uma vez ou outra observou o meu
amigo, filosoficamente.
Mas o rosto de Jack endurecera.
Há outra coisa mais. Sou filho do meu pai. Alguém
casaria comigo, sabendo isso?
Disse que é filho do seu pai e aqui o Hastings dir-lhe-ia
que eu acredito na 'hereditariedade...
Então...
Espere. Conheço uma mulher, uma mulher corajosa e
forte, capaz de imenso amor, de supremo sacrifício...
O rapaz levantou *a* cabeça e os seus olhos adoçaram-se.
A minha mãe!
Sim. É filho da sua mãe, tanto como do seu pai. Vá ter
com Mademoiselle Bella e conte-lhe tudo. Não oculte nada... e
veja o que ela diz!
Jack pareceu irresoluto.
Vá ter com ela mas já não como rapaz e sim como
homem, como um homem vergado pelo destino do passado
e pelo destino do presente, mas com esperança numa vida nova
e maravilhosa. Peça-lhe que a compartilhe consigo. Talvez não
se tenha apercebido disso, mas o vosso amor um pelooutro foi
posto à prova pelo fogo e saiu vencedor. Ambos se mostraram'
dispostos a dar a vida pelo outro.
E quanto ao capitão Hastings, humilde cronista destas páginas?
Fala-se em que irá reunir-se aos Renaulds num rancho do
outro lado dos mares, mas para rematar esta história prefiro
regressar a certa manhã no jardim da *Villa Geneviève.*
Não lhe posso chamar Bella, visto não ser esse o seu
nome, e Dulcie parece-me muito pouco familiar, não estou
habituado. Portanto, tem de ser Cinderela. Cinderela casou
com o príncipe, como se lembra. Eu não sou príncipe, mas. .

Ela interrompeu-me:

Tenho a certeza de que ela o avisou! Compreende, ela

15- VAMP. G. 2

225

não se podia transformar numa princesa, afinal era apenas uma

moça de cozinha...

É a vez de o príncipe interromper. Sabe o que ele disse?

Não.

Diabo disse o príncipe, e beijou-a!

E juntei o gesto à palavra.

F I M